

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

**Natureza da Relação Fraterna e Desenvolvimento do
Self**

Um estudo exploratório em crianças de idade pré-escolar

Alexandra Margarida Albuquerque Silva Pacheco de Almeida

Porto 2005

TM
ALM/NAT

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

Natureza da Relação Fraterna e Desenvolvimento do Self

Um estudo exploratório em crianças de idade pré-escolar

Faculdade de Psicologia e Ciências da
Educação da Universidade do Porto



0000025990

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia
e de Ciências da Educação
N.º de Entrada 23982
Data 15/05/2006

Alexandra Margarida Albuquerque Silva Pacheco de Almeida

Porto 2005

Dissertação apresentada na faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Especialização em Intervenção Psicológica com Crianças e Adolescentes, orientada pela Professora Doutora Maria Adelina Acciaioli Barbosa Ducharne

Resumo

O presente estudo tem como objectivo explorar a natureza da relação fraterna e o impacto desta no desenvolvimento do self do irmão mais novo. Vinte pares de irmãos portugueses do mesmo sexo e cujo elemento mais novo tinha 5 anos de idade participaram neste estudo.

Foi utilizada uma versão adaptada à população portuguesa do Questionário das Relações entre Irmãos para avaliar a natureza da relação fraterna. A percepção de competência e aceitação social do elemento mais novo foi avaliada pela versão portuguesa da Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para crianças (EAPCASC).

Em termos gerais, podemos afirmar que se tratam de pares cujas percepções em relação às variadas dimensões da relação fraterna são semelhantes e próximas, isto é são congruentes, e que, na generalidade, apresentam valores elevados nas características positivas da relação as quais se encontram associadas a um factor mais amplo de calor e proximidade da relação. Verifica-se que este sentimento de calor e proximidade se encontra por sua vez associado a uma definição clara do estatuto que cada um assume na relação quer em termos de domínio e poder, quer em termos de se sentir cuidado e investido o que tem repercussões favoráveis no desenvolvimento para o elemento mais novo da fratria.

De modo geral, podemos ainda concluir que os pares de irmãos são semelhantes, quer se tratem de pares de meninos ou de pares de meninas, salientando-se apenas o facto dos meninos serem mais competitivos.

Do mesmo modo, é possível afirmar que os irmãos mais velhos apresentam valores mais elevados quer em termos do calor/proximidade da relação, quer em termos de estatuto e poder, mais concretamente em termos do afecto e do cuidar. Quantos aos irmãos mais novos, os resultados mais elevados que apresentam por comparação com os seus irmãos mais velhos dizem respeito ao factor conflito, mais especificamente no que se refere à parcialidade materna, e ainda na competição.

A congruência das percepções que ambos os irmãos apresentam da sua relação um com o outro tem implicações em termos dos resultados obtidos pelo irmão mais novo nas provas desenvolvimentais, sobretudo no que se refere à percepção de Ser cuidado.

Abstract

This study aims to explore the relationship among 20 portuguese sibling pairs and the impact of this relationship in the development of the self of the younger sibling. The participants were 5 year old children and their same gender older sibling. It was assessed both children perception of the sibling relationship using the Sibling Relationship Questionnaire as well as the younger sibling self using the EAPCASC.

Generally, the sibling pairs have similar perceptions of the relationship, that is, the perceptions about their relationship are convergent, and score highly in the positive characteristics of the relationship that are associated to a wider factor of warmth and closeness. This feeling of warmth and closeness is associated to a clear definition of the status that each one assumes in the relationship both in terms of dominance and power, and in terms of being nurtured and cared which have favorable repercussions in terms of the development of the younger sibling. There is also evidence that the siblings pairs are similar, whether being brothers or sisters, being just pointed out the fact that brothers are more competitive.

There is also evidence that the oldest sibling refers higher values whether in terms of the Warmth/Closeness of the relationship, whether in status and power, more specifically in terms of affection and nurturance. As for the younger siblings, the highest results presented, as compared with their older siblings, are related to the factor conflict, more specifically in what concerns to the maternal partiality, as well as competition.

The convergence of the perceptions that both siblings present of their relationship with one another has implications in terms of the results obtained by the younger sibling in the developmental measures, specially in the perception of being nurtured.

Résumé

L'objectif de la présente étude est l'exploration de la nature du rapport fraternel et l'identification de l'impact de cette relation dans le développement du self de l'un des frères. Vingt paires de frères et sœurs du même sexe et dont le cadet, de cinq ans, était le deuxième enfant de la fratrie, ont participé à cette étude.

Une version adaptée au portugais du Questionnaire sur le rapport fraternel (QRI) a été utilisée avec les deux éléments de la fratrie pour évaluer la nature du lien fraternel. La perception de compétence chez l'enfant cadet a été évaluée par le biais de la version portugaise de l'Echelle d'auto perception de compétence et acceptation sociale (EAPCASC).

Les résultats ont mis en évidence que le rapport entre ces paires de frères et sœurs est perçu par eux comme un lien proche, puisque les caractéristiques positives de la relation, qui définissent le facteur de *chaleur et proximité*, ont obtenus les valeurs moyennes les plus élevées. Par ailleurs, la dimension de chaleur et proximité émotionnelle présente dans le lien fraternel est associée à une définition claire du rôle et du statut de chacun des membres de la fratrie. Enfin, on remarque qu'en général, la perception de l'un des éléments de la fratrie est concordante avec la perception de l'autre élément.

En ce qui concerne les comparaisons entre sexes, on vérifie que les paires de frères et les paires de sœurs sont semblables, en dépit d'une plus grande compétition chez les paires de frères.

La comparaison entre les perceptions détenues par les membres aînés de la fratrie et celles des frères ou sœurs cadets, a mis en évidence que les aînés perçoivent une plus grande proximité, une affection majeure et plus de pouvoir dans la relation. En contrepartie les frères et sœurs cadets perçoivent plus de conflit dans la relation, surtout une plus grande compétition vis-à-vis de leur frère ou sœur et une plus grande partialité de leur mère.

L'exploration du degré de concordance entre les perceptions respectives des deux éléments de la fratrie a démontré que les fratries les plus concordantes sur les aspects positives du rapport fraternel, étaient aussi celles dont le petit frère avait une perception de soi-même plus élevée. Le profit d'un rapport proche avec un frère ou sœur aîné apparaît alors comme un facteur associé au développement d'une perception de soi-même élevée. Ces résultats sont discutés dans le contexte des modèles théoriques évoqués.

Agradecimentos

Ao longo do processo de realização da presente dissertação tive o acompanhamento de inúmeras pessoas significativas, que me estimularam e encorajaram, foram fonte de apoio e suporte, que se mostraram disponíveis, que colaboraram ou que contribuíram com a sua presença afectuosa. A todas gostaria de expressar a minha gratidão e reconhecimento, em especial:

À Professora Doutora Adelina que com o seu conhecimento quer teórico, quer prático e com as suas qualidades humanas soube sempre ser próxima, acessível, apoiante e sobretudo, estimulou os meus recursos, a minha capacidade de pensar e de ir percorrendo as diferentes fases deste percurso muitas vezes sinuoso.

À Isabel Queirós porque nesta caminhada solitária sabermos que temos pares faz-nos sentir mais acompanhados; além disso foi uma espécie de luzinha que vai à frente e que indica que o caminho é possível.

À minha família que com as suas expectativas estimulou a minha motivação e foi um suporte estruturante e contentor que me permitiu ser quem sou.

Ao Dr. António Mendonça responsável pelo aumento e manutenção da minha saúde mental de forma bastante para conseguir ir-me pondo em causa, tolerar frustrações e incertezas e ultrapassar as angústias próprias de um processo como este.

À Família Festas que nasceu durante este mestrado e foi um estímulo para me por a pensar primeiro em teoria e depois em vivência no desenvolvimento de laços e vínculos familiares significativos. (E em especial pela longa noite de trabalho para a elaboração do poster).

Ao Marco e à Rute que para além de pares desempenham no meu mundo interno um modelo de esperança em termos profissionais, académicos e humanos.

À Sandra Vilarinho pelas longas horas de conversa carregadas de optimismo, confiança e motivação, sempre positivamente desorganizadoras no sentido em que permitiram novas organizações e crescimento, carregadas de boas sugestões de quem já passou por um processo semelhante com óptimos resultados.

Aos meninos e meninas que participaram no estudo, pela sua disponibilidade, entrega e partilha das suas vivências, que de forma espontânea e afectuosa confiaram em mim e abriram o seu mundo e me falaram das suas relações fraternas (e aos seus pais por autorizarem que o fizessem).

Aos Directores, Educadores e Psicólogos dos Colégios onde a amostra foi recolhida, pela sua disponibilidade e colaboração.

À Alexandra e à Rosina pela colaboração na recolha dos questionários.

E, finalmente, ao Moreirinhas que provocou em mim o desejo de crescer, que aturou todas as minhas oscilações de humor, que me encorajou a ultrapassar os obstáculos sem desistir, que aligeirou inúmeras vezes momentos difíceis com pequenas e grandes atenções e por ter estado sempre presente. (Sem ti este trabalho não estaria concretizado).

Aos meus Irmãos,

Rui e Vi

Índice

Introdução Geral	15
Parte Teórica	
Capítulo I – Relações entre Irmãos	
1. Introdução	19
2. Características da relação entre irmãos	22
2.1 Reciprocidade	23
2.2 Complementaridade	26
2.3 Vinculação	26
2.4 Imitação	27
2.5 Ensino	27
2.5.1 Ensino e diferenças de género	28
2.6 Comunicação	29
2.7 Tonalidade Afectiva	30
2.8 Interacção	35
2.8.1 Frequência da Interacção	35
2.8.2 Qualidade da Interacção	36
3. Factores que afectam a relação entre irmãos	37
3.1 Estrutura Biossocial /Variáveis da Constelação familiar	37
3.1.1 Diferenças associadas ao género	37
3.1.2 Posição na fratria/Ordem dos nascimentos	39
3.2 Relações Pais-Filhos e Relação entre Irmãos	39
3.2.1 Tratamento Diferencial	42
4. Populações Especiais	48
4.1 Irmãos Portadores de Deficiência	48
4.2 Irmãos pertencentes a populações de risco	49
5. Avaliação da Relação Fraterna	49
6. Síntese	52
Capítulo II – Desenvolvimento do self	
1. Introdução	53
2. Modelo estrutural cognitivo do self de Harter	54
2.1 Os contributos de William James e Charles Cooley	54
2.2 Desenvolvimento normativo do self	57
3. Desenvolvimento do Self na Infância	61
3.1 O self aos 3 e 4 anos	61

3.2 O Self dos 5 aos 7 anos	63
3.3 O Self dos 8 aos 11 anos	66
4. Avaliação do Self	67
5. Síntese	70
Parte Empírica	
Capítulo III Apresentação do estudo	
1. Introdução	72
2. Objectivos	72
3. Questões de investigação	73
4. Descrição da metodologia	74
4.1 Selecção da Amostra	74
4.1.1 Critérios de Selecção	74
4.1.2 Caracterização dos Participantes	76
4.2 Instrumentos	77
4.2.1 Questionário da Relação entre Irmãos	78
4.2.1.1 Desenvolvimento do QRI	81
4.2.2 EAPCASC – Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens	82
4.2.2.1 Descrição do Instrumento	82
4.3 Procedimento	83
4.3.1 Formação de Colaboradores	83
4.3.2 Recolha de dados	83
4.3.3 Base de dados	84
5. Síntese	84
Capítulo IV Apresentação dos Resultados	
1. Introdução	85
2. Estudo dos Instrumentos	86
2.1 Questionário da Relação entre Irmãos	86
2.1.1 Sensibilidade dos itens	86
2.1.2 Fidelidade	88
2.1.3 Medidas descritivas	90
2.2 Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em Imagens de Ducharme	91
2.2.1 Sensibilidade dos itens	92
2.2.2 Fidelidade	93
2.2.3 Medidas descritivas	96

3 Natureza da Relação Fraterna	97
3.1 Características da Relação Fraterna	97
3.2 Análise Correlacional	99
3.3 Efeito de variáveis independentes na determinação de diferenças na relação fraterna	103
3.3.1 Género	103
3.3.2 Posição na fratria	105
3.4 Análise de Clusters	107
3.5 Congruência da Percepções dos Irmãos	109
3.5.1 Análise da Congruência	109
4. Natureza da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	111
4.1 Características da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	111
4.2 Correlação entre dimensões de auto-percepção	112
4.3 Efeito das variáveis independentes na determinação de diferenças de auto-percepção	114
4.3.1 Género	114
4.3.2 Intervalo entre nascimentos	114
5. Associação entre as Dimensões da relação entre Irmãos e Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	115
6. Efeito da Congruência da Percepção da Relação Fraterna na Auto-Percepção do Irmão mais novo	117
7. Síntese	121
Capítulo V Discussão dos Resultados e Conclusões	
1. Introdução	123
2. Instrumentos	123
3. Relação Fraterna	124
3.1 Exploração de diferenças de médias associadas às variáveis independentes	128
3.1.1 Género	128
3.1.2 Posição na Fratria	129
4. Análise de Clusters	131
5. Congruência das Percepções dos Irmãos	132
6. Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	132
7. Associação entre as Dimensões da relação entre Irmãos e Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	135
8. Efeito da Congruência da Percepção da Relação Fraterna na Auto-Percepção	136

do Irmão mais novo	
9. Limitações e Questões para Futuros Estudos	138
10. Conclusões	140
10.1 Relação Fraterna	140
10.2 Medidas do Self : Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	141
10.3 Associação entre a Relação Fraterna e o Desenvolvimento do Self dos irmãos mais novos	142
Referências Bibliográficas	145

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição das fratrias por género e intervalo de Idades	77
Quadro 2 – Organização das dimensões da relação fraterna por factor	79
Quadro 3 – Sensibilidade dos Itens do Questionário de Relação entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa: variação, média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose obtidos (N=40)	87
Quadro 4 –QRI: Valores de Alpha de Cronbach obtidos para a Escala completa e para o Factor respectivo, caso seja retirado cada um dos itens	89
Quadro 5 – Medidas descritivas dos Factores: média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose obtidos	91
Quadro 6 – Sensibilidade dos Itens EAPCASC – Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens: variação, média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose obtidos (N=20)	92
Quadro 7 – Índice de Consistência Interna – Alpha de Cronbach	94
Quadro 8 – EAPCASC: Valores de Alpha de Cronbach obtidos para a Escala completa e para as Escalas respectivas, caso seja retirado cada um dos itens	95
Quadro 9 – EAPCASC: Medidas Descritivas: média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose	96
Quadro 10 – Médias e desvios-padrão obtidas para os factores da relação fraterna	98
Quadro 11 – Médias e Desvios-Padrão das dimensões da Relação Fraterna	98
Quadro 12 – QRI: Valores do Índice de Correlação r de Pearson entre os Factores	99
Quadro 13 – Resultados relativos à análise da Correlação: Sub-Escalas – Valores do Índice de Correlação r de Pearson	102
Quadro 14 – QRI: Médias e desvios-padrão obtidos por grupos de rapazes e raparigas nos factores e dimensões e valor de p no Teste t de Student	104
Quadro 15 – Médias obtidas e valor de p -Teste t de Student de comparação de médias para amostras independentes	105

Quadro 16 – Clusters obtidos: valores	107
Quadro 17 – Composição do Cluster – Género	108
Quadro 18 – Composição do Cluster – Posição na fratria	108
Quadro 19 – Distribuição relativa à convergência das percepções dos pares de Irmãos para cada uma das dimensões da relação fraterna	110
Quadro 20 – EAPCASC: Medidas Descritivas	112
Quadro 21 – EAPCASC: Resultados relativos à análise da Correlação: Valores do Índice de Correlação r de Pearson	113
Quadro 22 – Resultados relativos à análise da Correlação entre os Factores associados à Relação Fraterna e a Auto-Percepção de Competência Pessoal e a Auto-Percepção de Aceitação Social: Valores do Índice de Correlação r de Pearson	115
Quadro 23 – Resultados relativos à análise da Correlação entre as Dimensões da Relação Fraterna e a Auto-Percepção de Competência Pessoal e a Auto-Percepção de Aceitação Social: Valores do Índice de Correlação r de Pearson	116
Quadro 24 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência do Afecto nas variáveis de APCP, APCS e APCAS com respectivos valores de F	118
Quadro 25 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência das Semelhanças nas variáveis de APCP, APCS e APCAS com respectivos valores de F	118
Quadro 26 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência de Ser Admirado nas variáveis de APCP, APCS e APCAS com respectivos valores de F	119
Quadro 27 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência de Ser Cuidado nas variáveis de APCP, APCS e APCAS com respectivos valores de F	119
Quadro 28 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência da Calor/Proximidade nas variáveis de APCP, APCS e APCAS com respectivos valores de F	120

"Ninguém conhece melhor a nossa vida do que um irmão com idade parecida. Sabe quem somos e como somos melhor que qualquer outra pessoa no mundo."

"Quando os meus filhos eram miúdos, fazia uma brincadeira com eles: dava um pau a cada um, um a cada um deles, e mandava-os parti-los. É claro que partiam, com toda a facilidade. Depois, mandava-os atá-los num feixe e tentar parti-los. É claro que não conseguiam. Então dizia-lhes que o feixe era como a família."

In Lynch, David. (2000). *Uma História Simples*. Atalanta Filmes

Introdução Geral

“Uma História Simples”, um filme de David Lynch relata-nos a viagem que um idoso de 73 anos empreende ao longo de várias semanas, efectuando um percurso de centenas de milhas, atravessando dois estados americanos, montado num pequeno cortador de relva apenas para ir visitar o seu irmão de 75 anos com quem não fala há dez anos e que sofreu um enfarte, para com ele ver as estrelas no céu à noite tal como faziam há muitos anos atrás.

Este filme, baseado numa história verídica, carregado de uma simplicidade que o próprio título indica comove-nos ao sentirmos o vínculo que une de forma particular as vidas dos irmãos, a intensidade da relação com toda a sua riqueza de sentimentos (negativos e positivos) mas sobretudo a forma como essa relação, carregada de afectos, é estruturante e organizadora. Numa passagem em que o irmão mais novo descreve a relação que tinha com o irmão quando eram pequenos, torna-se saliente a forma como a sua relação lhes permitiu suportarem os problemas, conterem as angústias, promoverem a esperança e como o próprio personagem refere “crescer à força de tanto falar”.

Este é um exemplo entre muitos outros, em diversas formas de expressão e diversos contextos, em que a relação fraterna é explorada. De facto, se pensarmos na descrição religiosa da criação do mundo surge-nos a história dos irmãos Abel e Caim; se pensarmos em termos do contexto histórico poderemos lembrarmo-nos das lendas associadas à formação de cidades como é o caso de Roma e da lenda dos irmãos Rómulo e Remo, e se continuássemos a pensar em diferentes contextos provavelmente surgiriam outras histórias significativas de irmãos, quer se pense em contos tradicionais (os Irmãos Grimm, “Os três Porquinhos”), literatura (“As mulherzinhas”), cinema (os Irmãos Cohen), desporto (os Irmãos Castro) ou até mesmo desenhos animados (Kenai e Koda).

De facto, “sabemos da nossa experiência como pais, como irmãos, ou simplesmente como observadores das famílias ao nosso redor que a relação entre irmãos pode ser profundamente importante” (Dunn & Kendrick, 1982, p1). No mundo ocidental, cerca de 80% das pessoas tem pelo menos um irmão e essa é uma das relações mais longas da vida de cada ser humano (Dunn, 2002). Será natural, portanto, pensarmos que uma relação deste tipo e com características específicas que se referem à

proximidade e à reciprocidade, entre outras, terá impacto no processo desenvolvimental.

Com o crescente interesse no estudo das relações familiares, e o alargamento do estudo da família, são consideradas cada vez mais outras relações significativas do desenvolvimento humano, para além da relação mãe-filho, como é o caso das relações de fratria.

Tendo também em conta a falta de pesquisa que aborda o self considerando a sua integração num contexto social e em termos das relações interpessoais estabelecidas nesse mesmo contexto (Harter, 1999) este estudo surge no âmbito do Mestrado em Psicologia – Especialidade em Intervenção Psicológica com Crianças e Adolescentes –, e tem como objectivo geral explorar a relação existente entre díades de irmãos e as implicações em termos do desenvolvimento do self do irmão mais novo, mais especificamente no que diz respeito à auto-percepção de competência e de aceitação social.

Na primeira parte deste trabalho é efectuada uma reflexão relacionada com a investigação sobre as relações familiares, mais especificamente das relações entre irmãos, procedendo-se à revisão bibliográfica de estudos que incidam nesse subsistema da família que é a fratria.

Os estudos existentes podem agrupar-se em função do tipo de metodologia de recolha de dados utilizada: por um lado, de estudos centrados na observação das interações entre irmãos, que constituem a grande maioria, e, por outro, estudos baseados na percepção e avaliação que os próprios ou outros – habitualmente a mãe – têm da relação. Todavia, em vez de optarmos por essa divisão de acordo com a metodologia empregue, pareceu-nos ser mais relevante descrever os resultados que se obtêm quer em termos das variáveis biossociais, quer em termos das características que se observam quando se analisa a relação entre dois irmãos. Na parte empírica do estudo também se optou por centrar exclusivamente nas percepções que ambos os elementos têm da relação e verificar até que ponto existe reciprocidade nas mesmas, considerando a convergência das percepções em alternativa a comparar com a opinião de um terceiro externo à relação.

No que diz respeito aos dados desenvolvimentais optou-se pelo conceito de Self segundo o Modelo Estrutural Cognitivo do Self de Susan Harter, uma vez que

consideramos que este nos propõe uma noção de self como algo abrangente e que integra variadas dimensões do funcionamento quer mental, quer comportamental quer social, bem como considera na sua formação determinantes que se prendem com as relações significativas que influenciam a forma como o self se vai estruturando. Nesta linha é salientado o contributo de Cooley, nomeadamente no que diz respeito ao conceito dos outros significativos que são determinantes na estruturação quer do valor global como pessoa, quer mais concretamente na consolidação do self. O Modelo Estrutural Cognitivo do Self de Harter, bem como os seus determinantes e a auto-percepção de competência e aceitação social, serão descritos ao longo do segundo capítulo da parte teórica.

Em seguida, é apresentada a parte empírica. Em primeiro lugar é definido todo o racional do estudo, os objectivos e as questões que constituíram o ponto de partida para a investigação propriamente dita. Posteriormente, é descrito o procedimento do estudo, a constituição da amostra e a selecção dos participantes, bem como a descrição dos instrumentos, as adaptações efectuadas e o processo de recolha de dados.

No quarto capítulo, serão enumerados os resultados referentes ao estudo dos instrumentos, bem como os dados recolhidos, as análises efectuadas e os respectivos resultados, procedendo-se à sua discussão e atribuição de significado no último capítulo no qual serão tecidas as conclusões e discutido o seu impacto na intervenção psicológica.

Pretendemos assim, efectuar uma primeira abordagem às relações fraternas infantis no contexto português e reflectir sobre os primeiros dados que se salientam numa primeira análise que é, na sua generalidade, exploratória e que pretende levantar questões, hipóteses e pistas sobre eventuais direcções a seguir no contexto de futuros estudos.

Parte Teórica

Relações entre Irmãos

1. Introdução

A investigação em Psicologia do Desenvolvimento tem vindo a afirmar com maior veemência que considerar a díade mãe-filho de forma isolada em relação ao resto da família é bastante limitativo e susceptível de conduzir a conclusões empobrecidas. É cada vez mais reconhecida a complexidade das influências entre os elementos de uma família, quer no que diz respeito a cada um dos elementos com cada um dos outros, quer igualmente entre cada um dos subsistemas familiares entre si.

Com o nascimento de uma segunda criança a família sofre uma marcada alteração, os pais deixam de ter apenas uma criança para passarem a ter dois filhos de idades diferentes, por vezes com género diferente e sempre com duas personalidades distintas. Neste momento dá-se início a um novo subsistema no sistema familiar: o subsistema fraterno. De facto de cada vez que uma criança nasce numa família multiplicam-se exponencialmente as relações no seio da mesma família.

Para além do facto do nascimento de um irmão alterar de forma profunda o relacionamento de uma criança com os pais, a própria relação que se estabelece entre irmãos tem influência ao nível do seu desenvolvimento. No que diz respeito à pesquisa efectuada em termos de desenvolvimento psicológico, existem evidências do impacto desenvolvimental das relações entre irmãos.

Se por um lado os irmãos partilham não só uma carga genética, como também tudo o que se relaciona com o meio envolvente, em especial a nível familiar, por outro lado, existem diferenças entre eles notórias ao nível do desenvolvimento psicológico e intelectual, das características de personalidade e mesmo ao nível da psicopatologia.

Schicke (1995) refere o facto de alguns autores considerarem até que as influências ambientais que os afectam parecerem não ser partilhadas pelos membros da família e que um par de irmãos não será mais semelhante do que duas crianças escolhidas aleatoriamente na população.

Para tal parece ter influência um variado número de factores, nomeadamente o tratamento diferencial dos pais, a selecção de aspectos diferentes do meio familiar por cada um dos filhos, a influência que cada irmão exerce sobre o outro, e as interacções com outros elementos exteriores à família, como é o caso dos pares, com os quais as crianças estabelecem relações mais igualitárias do que as que estabelecem com os pais. Alguns autores defendem assim uma perspectiva ecológica no sentido de melhor compreender os diferentes contextos relacionais, nos quais a criança se encontra inserida (Buhrmester, 1992).

O interesse pelo papel que os irmãos desempenham no desenvolvimento tem menos de 100 anos tendo surgido nos anos trinta com a teoria de Adler da psicologia individual a qual sugeriu que a posição na família e portanto na fratria, possuía uma forte influência na experiência de crescimento, moldando a natureza da personalidade de cada um.

Todavia, só nos anos oitenta é que os investigadores começaram a analisar as características da relação entre irmãos (Dunn, 2002; Furman, 1995; Furman & Lanthier, 2002), ou seja, a avaliarem aspectos relacionados com as características da relação e a forma como o nascimento de um segundo filho influencia e altera os padrões de interacção e as relações entre os membros de uma família.

De salientar que na relação entre irmãos – como aliás noutras relações – cada elemento participante tem uma diferente perspectiva, bem como uma diferente experiência na relação, ambas as quais por sua vez diferem da perspectiva que têm outros exteriores à relação.

Pode-se porém afirmar que os irmãos são muitas vezes os elementos mais consistentes do ambiente de uma criança (Bank & Kahn, 1982). É sabido que a maioria dos indivíduos (cerca de 80% na Europa e nos EUA) cresce com irmãos e que essa é a relação mais longa das suas vidas (Dunn, 2002).

Em teoria, a relação fraterna deverá ser claramente um factor de desenvolvimento importante, quer pelo tempo que as crianças passam juntas, quer ainda pelos variados papéis que a diáde adopta, seja o de professor, de companheiro de jogo ou de rival, entre outros.

“Psicólogos com diferentes enquadramentos teóricos têm defendido que as relações entre irmãos poderão ser desenvolvimentalmente importantes (...) mas estudos sobre a interacção entre irmãos têm sido raros e representam uma falha no entendimento das relações familiares” (Dunn, 1983: 732).

As investigações existentes dizem respeito, na maior parte dos casos, a estudos que exploram variáveis como a ordem de nascimento, o género ou o espaçamento entre nascimentos e a associação dessas variáveis com o desempenho, a inteligência ou a personalidade. Todavia, esse tipo de estudos pouco contribui para a compreensão quer do desenvolvimento das diferenças entre irmãos – para além do facto de explicarem o tratamento diferencial por parte dos pais – quer, sobretudo, da influência da relação dos irmãos no desenvolvimento de cada um.

Segundo alguma literatura (Dunn, 1983¹) existirão aspectos relacionados com as diferenças individuais que serão mais plausivelmente atribuídos à influência de um irmão mais velho, nomeadamente as preferências em relação a papéis relacionados com o género, as estratégias de poder e os interesses dos irmãos mais novos, agindo tanto através de processos de identificação, como de modelação, enquanto outros estarão melhor explicados pela relação com os pais como é o caso do desempenho mais elevado e o comportamento de afiliação e de conformidade frequentemente encontrado nos filhos mais velhos e nos filhos únicos.

Como ponto de partida para a compreensão dos processos que conduzem às diferenças entre irmãos e da importância dos irmãos no desenvolvimento é necessário compreender a natureza da relação entre irmãos e como esta relação influencia e é influenciada por outras que uma criança desenvolve.

As relações de uma criança com outras crianças constituem uma parte importante no desenvolvimento da sensibilidade e da compreensão do próprio e dos outros. A natureza recíproca das relações entre pares assume um papel central no desenvolvimento destes aspectos, sobretudo pelos mesmos serem mais dificilmente desenvolvidos numa relação entre um adulto e uma criança na qual de facto se torna mais difícil compreender a perspectiva do outro. No que diz respeito à relação entre irmãos salientam-se algumas características próprias deste tipo de relações: a

¹ Este artigo de revisão da investigação é um marco na literatura das relações entre irmãos, pelo que alguns dos estudos que são nele referenciados, não estando acessíveis, serão referidos indirectamente ao longo desta tese.

familiaridade e a intimidade, a extensão em que os interesses são reconhecidos e partilhados e a intensidade emocional, que fortalecem a reciprocidade directa.

Outro aspecto importante considerado na literatura, diz respeito à questão das crianças serem influenciadas pelos seus irmãos, pela qualidade da relação que desenvolvem ou pela sua personalidade e comportamento.

É também habitualmente efectuada uma distinção entre os já referidos aspectos de reciprocidade e a complementaridade da relação fraterna na qual se destacam então as variáveis estruturais como a idade, o intervalo entre nascimentos e o género, variáveis essas que assumem uma menor significância sobretudo ao nível das famílias ocidentais, na explicação das diferenças entre irmãos (Dunn, 1983).

Quer as diferenças entre irmãos, quer a influência dos irmãos no desenvolvimento parecem ser melhor explicadas pelas diferenças na qualidade da relação parental com cada criança, pela influência das múltiplas relações da família e do temperamento da própria criança e, mais especificamente, pela relação entre a interacção recíproca e o desenvolvimento sociocognitivo (Dunn, 1983).

De referir ainda, o facto das relações entre irmãos se tornarem mais significativas sobretudo em termos do desenvolvimento sociocognitivo, a partir dos 4 anos de idade, época em que a colaboração e a cooperação começam a ganhar importância e os irmãos se tornam de forma mais efectiva quer companheiros, quer rivais (Dunn, 1992).

2. Características da Relação entre Irmãos

Dunn (2002) organiza as características da relação fraterna de acordo com três pontos: em primeiro lugar, o facto da relação fraterna em especial da infância à adolescência se desenvolver com um forte poder emocional cuja expressão é desinibida e se caracteriza por um colorido de variadas emoções, quer negativas, quer positivas livremente expressas; em segundo lugar o facto de se tratar de uma relação de grande intimidade, que poderá ser simultaneamente fonte de suporte e de conflito – Dunn considera que a aliança entre a familiaridade dos irmãos e o poder emocional da relação torna a influência entre os irmãos elevada; e finalmente, em terceiro lugar o facto de existir uma enorme amplitude de diferenças individuais ao nível da relação

onde estão patentes afecto, interesse, cooperação e apoio, mas também hostilidade, irritabilidade, comportamento agressivo e ainda ambivalência.

A mesma autora, no seu artigo de revisão bibliográfica (1983) efectua algumas chamadas de atenção: por um lado, o pequeno número de estudos sobre irmãos, na sua maioria centrados em crianças com idades muito novas, a maior parte das vezes em idade pré-escolar, realçando o facto de que estas relações poderão alterar-se à medida que as crianças crescem uma vez que os aspectos genéticos, familiares e ambientais interferem no desenvolvimento. Por outro lado, sabemos que deve ser dada atenção às diferenças individuais na qualidade da relação entre irmãos, a qual pode assumir contornos totalmente diversificados, podendo numa fratria ser uma relação que assuma características próximas de uma relação entre pares, noutra uma relação que lembrará mais uma relação Pais-Filho, ou podendo o irmão mais velho agir como cuidador, professor, companheiro ou até como provocador e manipulador. Essa diversidade de papéis e as próprias características da relação entre irmãos demonstram a enorme variedade de variáveis que essa relação encerra.

Embora já tenham decorrido mais de duas décadas desde a publicação do referido artigo, estes dados mantêm-se ainda actuais. De facto, parece ter havido um crescente interesse pela relação fraterna no final da década de setenta e nos anos oitenta, mas a partir dos anos noventa até à actualidade, os estudos nessa área tomaram-se mais escassos, sendo mantida a ênfase nas idades mais novas.

A literatura tem identificado diversas características da relação fraterna que serão de seguida revistas.

2.1 Reciprocidade

As características de reciprocidade presentes na relação entre pares – proximidade de perspectivas, interesses e capacidades – as quais estão na origem da capacidade de compreensão do outro, do self e das regras e papéis sociais, são características igualmente patentes na relação entre irmãos. Estas reflectem-se na qualidade do jogo, no interesse pelas mesmas acções, na imitação mútua, na proximidade entre aquilo que agrada, estimula, causa dor ou desconforto, sendo esta uma relação caracterizada por um ainda maior grau de intimidade e de exposição a situações e

estímulos comuns, como o mesmo ambiente familiar, os mesmos referentes significativos, acontecimentos de vida e rotinas comuns, do que a relação entre pares.

As observações de irmãos demonstram que a partir do segundo ano de vida os segundos filhos demonstram capacidade de deliberadamente provocarem, manipularem e promoverem apoio e conforto ao irmão mais velho. Ou seja, verifica-se desde esse momento o início da tomada de perspectiva afectiva, o que ocorre muito precocemente quando comparado com outros contextos. Por conseguinte, poder-se-á supor que a relação entre irmãos facilita um contexto promotor do desenvolvimento de capacidades de compreensão social. Estas características de reciprocidade da relação fraterna são particularmente evidentes nos anos pré-escolares (Dunn, 1983).

A relação fraterna possui ainda como característica o facto de apresentar simultaneamente elementos de reciprocidade e elementos de complementaridade, que envolvem uma grande amplitude de diferenças individuais, e que podem ser sentidos de forma radicalmente diferente por cada um dos irmãos.

Deverá então ser considerada a falta de mutualidade e a influência múltipla das diferentes relações na família, tais como as variáveis da estrutura familiar que parecem estar mais associadas às características complementares da relação, atribuindo um carácter parental à forma como o mais velho interage com o irmão mais novo.

Tanto nos estudos canadianos, (Abramovitch, Pepler, & Corter, 1982) como nos estudos britânicos (Dunn & Kendrick, 1982) foi observado um aumento na frequência das acções sociais positivas entre irmãos à medida que estes vão crescendo; essas acções dizem respeito à cooperação em jogos, demonstrações físicas de afecto, preocupação e tentativas práticas de ajuda e suporte quando na presença do outro irmão em situação de desconforto ou frustração, e são apresentadas quer pelos irmãos mais velhos, quer pelos irmãos mais novos. A familiaridade, a proximidade, o calor do afecto e a similaridade do ambiente parecem contribuir para a demonstração da perspectiva afectiva, sobretudo se considerarmos que aquilo que perturba, entusiasma ou interessa uma criança está muito próximo daquilo que perturba, entusiasma ou interessa a outra, aproximando assim ambas as crianças e colocando cada uma delas em melhor posição para compreender a posição do outro e para encontrar alternativas para o desconforto (Dunn, 1983).

A reciprocidade da relação – compreender o outro e partilhar os seus interesses e motivações – sendo uma característica essencial da relação entre irmãos, contribui também para despoletar outros afectos com uma tonalidade negativa originando provocações, implicações, competição e rivalidade. Estas acções antagonistas verificam-se com bastante frequência nos estudos de observação no domicílio. Os resultados destes estudos evidenciam maior frequência deste tipo de comportamentos por parte dos irmãos mais velhos comparativamente com os irmãos mais novos, bem como um aumento dos mesmos por parte dos irmãos mais novos à medida que o tempo passa, nos estudos efectuados com famílias britânicas e com famílias canadianas (Abramovitch, Pepler, & Corter, 1982; Dunn & Kendrick, 1982).

Esta descrição de interacções agressivas entre irmãos serve sobretudo para evidenciar a compreensão que os irmãos têm um do outro, a proximidade dos seus interesses, a clareza com que interpretam as intenções de cada um e a similaridade das suas acções, reforçando assim a reciprocidade directa da relação. Muitas vezes o que ocorre é mais um desencontro em termos do afecto expresso por cada uma das crianças. Esta falta de mutualidade na interacção entre cada par é então o que distingue a reciprocidade da complementaridade.

Uma das origens das diferenças entre irmãos poderá dever-se à falta de mutualidade no comportamento de cada um dos irmãos em relação ao outro. Dunn e Kendrick (1982) encontraram um número significativo de interacções entre irmãos que não eram mútuas no sentido em que eram interacções desencontradas que envolviam comportamento amigável por parte de um irmão e comportamento hostil por parte do outro, sendo mais comum ser o irmão mais velho a exhibir o comportamento hostil, enquanto o irmão mais novo se comportava de forma mais amistosa. Existia portanto, uma clara assimetria na relação. No que diz respeito ao estudo canadiano de Abramovitch, Pepler, e Corter (1982), no grupo de irmãos mais novos de 18 meses era notória uma maior submissão, enquanto que nos irmãos mais novos mas de idade mais avançada a retaliação evidenciada era superior. A complexidade existente na relação entre comportamento pró-social e comportamento antagonista é evidente, verificando-se diferenças ao nível do padrão de ambos os tipos de comportamento em função do sexo e/ou da idade dos irmãos.

2.2 Complementaridade

A imitação, o entusiasmo na acção em conjunto e a demonstração da perspectiva afectiva evidenciam a reciprocidade da relação. Por outro lado quando os segundos filhos são os mais novos da família, a relação entre os irmãos assemelha-se mais a uma relação de Pais-Filho, no sentido da prestação de cuidados, do que a uma relação entre pares, assumindo características de complementaridade associadas aos cuidados, à educação/ensino e ao desenvolvimento da vinculação.

Uma das hipóteses avançadas para explicar este tipo de comportamento por parte do primogénito diz respeito ao tratamento parental relativo ao filho mais velho. Com o nascimento de um irmão o primogénito sente-se destronado e passa a ter de partilhar os pais. Essa luta, que pode originar um padrão de interacção coercivo com a mãe ou uma preferência pelo pai e até mesmo uma relação conflituosa com o irmão, poderá igualmente, se for uma crise bem ultrapassada e se a criança se sentir segura do afecto dos pais, conduzir a uma identificação com os pais e, por modelação, o primogénito passa a assumir um papel de prestação de cuidados e de protecção. Este papel é mesmo reforçado parentalmente como uma estratégia para lidar com o ciúme derivado do nascimento de um irmão.

2.3 Vinculação

Em variadas culturas, os irmãos actuam muitas vezes como prestadores de cuidados: demonstram interesse e preocupação, tentam entreter e colaborar na prestação de cuidados, promover segurança em situações estranhas e fazer companhia (Stewart, 1983). Para além destas evidências de proximidade, outros indícios permitem afirmar a existência de um vínculo efectivo entre irmãos, no sentido da vinculação de Bowlby, ou seja: uma criança constitui uma base segura para o outro, é fonte de conforto e segurança e é sentida a sua falta quando ausente (Dunn, 1983). De referir dois importantes estudos (Ainsworth, 1967 cit. in Dunn, 1983, Schaffer & Emerson, 1964 cit. in Dunn, 1983) que revelam uma vinculação das crianças aos seus irmãos mais velhos pelo facto de demonstrarem desconforto na ausência, saudação com prazer manifesto no encontro e preferência pelos irmãos para companheiros de jogo, sendo sugerido que o aparecimento dessa vinculação surge em simultâneo com o processo de vinculação à figura materna.

2.4 Imitação

Relativamente à imitação – sempre presente com maior frequência no irmão mais novo do que ao contrário – esta é mais frequente em famílias nas quais o primogénito foi afectuoso e imitou o seu irmão mais novo; o que vem reforçar a ideia de que a modelação do irmão mais velho pode ter um papel importante no comportamento e na personalidade do irmão mais novo.

Os comportamentos de imitação são mais frequentes em pares de irmãos do mesmo sexo (Dunn, 1983), o que pode ser interpretado por recurso aos processos de identificação, no sentido em que as crianças começam a perceber e categorizar em termos de género e tendem a ser mais amigáveis com irmãos do mesmo sexo. Tal parece sugerir que os resultados obtidos estão relacionados com o reconhecimento do género.

2.5 Ensino

No que diz respeito ao ensino existe a evidência de que quando duas crianças de capacidades cognitivas diferentes são colocadas em conjunto num *setting* experimental para execução de uma tarefa cognitiva, não só a criança menos avançada em termos de capacidades cognitivas apresenta um melhor desempenho, como também a criança mais avançada obtém ganhos (Doise & Mugny, 1981 cit. in Dunn, 1983). Embora alguns estudos verifiquem melhores desempenhos quando se trata de um par comparativamente a um irmão, existem outros que confirmam a ideia original e nos quais se verificou que os irmãos mais novos (com idade pré-escolar) aprendiam mais com os irmãos do que com educadores com os quais não tinham relação (Cicirelli, 1972).

Pepler e colaboradores (Pepler, Abramovitch & Corter, 1981) observaram com frequência “ensinamentos” por parte dos irmãos mais velhos em relação a instruções relativas a aptidões físicas, regras de jogos, utilização de brinquedos e ainda relativamente ao ensino verbal. Estes “ensinamentos” eram habitualmente bem aceites pelos irmãos mais novos, que por sua vez não apresentavam este tipo de comportamento em relação aos irmãos mais velhos. O ensino categorizado como

social – ensino de comportamentos socialmente aprovados – ocorreu de forma menos frequente.

Ainda a propósito do ensino na perspectiva da relação entre irmãos, Ana Freud (1951, cit. in Dunn, 1983) salientou o papel preponderante que esta possui no desenvolvimento das ideias de justiça e direitos e na determinação das atitudes sociais individuais.

2.5.1 Ensino e diferenças de género

Não só ao nível do comportamento na relação entre irmãos, quando se consideram as diferenças de género, se encontram dados contraditórios; também relativamente aos comportamentos de ensino os dados da investigação são divergentes.

Enquanto Pepler, Abramovitch e Corter (1981) não encontraram quaisquer diferenças associadas ao género, ao nível de frequência, solicitação e aceitação de situações de ensino, outros investigadores salientam algumas diferenças quer no estilo, quer na aceitação de ensino.

Stewart (1983a, cit. in Dunn, 1983), por exemplo, ao apresentar a tarefa de ensinar o irmão mais novo a utilizar uma câmara, verificou que os rapazes eram mais eficazes, sobretudo em pares do mesmo sexo.

Contrariamente, Cicirelli (1974, cit. in Dunn, 1983) obteve maior eficácia no ensino nas irmãs mais velhas do sexo feminino, bem como uma maior tendência a oferecer ajuda e apoio que era mais facilmente aceite. No que diz respeito aos irmãos mais novos (Cicirelli, 1975, cit. in Dunn, 1983), verificou que as crianças com um irmão mais velho do sexo masculino trabalhavam melhor na resolução de um problema sozinhas quando comparadas com outras crianças cujo irmão mais velho era do sexo feminino, o que aponta para a possibilidade dos irmãos mais velhos do sexo masculino estimularem mais o desenvolvimento cognitivo dos seus irmãos mais novos.

Tais diferenças poderão dever-se às condições de aprendizagem e de ensino. Poderá ocorrer maior estimulação devido a maior rivalidade ou competitividade com um irmão do sexo masculino numa situação mais informal, mas em situações formais as crianças poderão aprender melhor quando existe uma irmã que pretende ajudar e uma

criança que pretende ser ajudada. Outro factor, para além do tipo de tarefas apresentadas e do estudo efectuado, poderá estar relacionado com a idade dos irmãos, que à medida que crescem e entram num mundo social mais vasto assumem uma maior competitividade, embora esta seja apenas uma interpretação possível.

Para melhor compreender as diferenças no que diz respeito ao género é igualmente importante explorar o tratamento parental diferencial, dado que poderão existir diferenças no comportamento parental em relação a pares do mesmo sexo ou a pares de diferentes sexos, ou no comportamento em relação às raparigas ou aos rapazes.

2.6 Comunicação

No que diz respeito ao desenvolvimento das competências linguísticas, a investigação é contraditória. Enquanto alguns estudos apontam para o facto das crianças com melhores capacidades linguísticas interagirem sobretudo com adultos² (Harkness, 1977 cit. in Dunn, 1983) outros apontam para o facto de que entre crianças, e entre irmãos especialmente, e sobretudo em casos de gémeos, existirem capacidades comunicativas específicas bastante desenvolvidas, sobretudo ao nível de aspectos pragmáticos e de comunicação não verbal ou de outras competências importantes mas que ainda não se situam ao nível da linguagem adulta convencional como é o caso de mecanismos de chamada de atenção e da regulação das sequências da comunicação (Keenan, 1974 cit. in Dunn, 1983, Dunn & Kendrick, 1982).

Dunn & Kendrick (1982) salientaram o facto de que com irmãos de um ano de idade, as crianças de 2 e 3 anos ajustam o seu discurso ao falarem com o bebé e demonstram sensibilidade em relação ao estatuto cognitivo e linguístico do irmão mais novo.

Num estudo de Stern de 1977 (cit. in Dunn, 1983) os irmãos mais velhos, com 6 anos de idade, revelavam os mesmos exageros de expressão e a mesma temporalidade que os adultos no que diz respeito a agudizarem as vozes, prolongarem o olhar, levantarem as sobrancelhas, aconchegando e acariciando os mais novos, tal como se verifica em crianças de 4 anos de idade em relação às bonecas designadas como

² Embora não se confirme mais uma vez a direcção dos resultados e não seja claro se as crianças apresentam uma maior capacidade devida à interacção e à estimulação por parte dos adultos ou se é pelo facto de se situarem num nível linguístico mais avançado que interagem mais com os adultos.

bebés (Sachs & Devin, 1976 cit. in Dunn, 1983, Shatz & Gelman, 1973, 1977 cit. in Dunn, 1983).

Numa outra investigação efectuada por Dunn & Shatz (1989) as autoras concluíram que uma grande parte do discurso das crianças com idades compreendidas entre os 24 e os 36 meses se referia a interrupções na conversa de outras pessoas o que consiste num desafio bastante diferente do de responder a questões que lhes são dirigidas. Embora não seja claro se as crianças aprenderão com as conversas que têm com os irmãos mais velhos, parece evidente que se confrontam com as interrupções dos seus irmãos nas conversas, podendo aprender a assegurar o seu próprio sucesso a partir da observação de interrupções bem sucedidas por parte dos irmãos. Da mesma forma, a exposição a conversas regulares entre a mãe e o irmão mais velho poderá encorajar o desenvolvimento precoce de capacidades linguísticas, centrais à participação no contexto social.

Nas famílias em que o primogénito é afectuoso e amigável com o bebé, existe propensão para que se reforcem ainda mais a imitação, a modelação, o comportamento comunicacional e pró-social, bem como as competências sociocognitivas.

Bank & Kahn (1982) num interessante estudo sobre a lealdade entre irmãos verificaram que entre os pares de irmãos que estudaram, existia uma linguagem especial nem sempre compreensível pelos elementos externos à relação, o que ocorre na quase totalidade dos pares de gémeos (Bryan, 1992). Esta linguagem codificada diz respeito não apenas a aspectos verbais da comunicação – Bryan refere sons específicos que substituem palavras inteiras – mas ainda a aspectos não verbais da comunicação e que estarão directamente relacionados com a relação de proximidade entre os irmãos e que só eles entendem, que Bank e Kahn referem ser essenciais para a compreensão da relação.

2.7 Tonalidade Afectiva

No fundo os irmãos partilham inúmeras situações: o mesmo contexto familiar, quer em termos ambientais e físicos, quer em termos das características afectivas, partilham um grande número de interesses e acontecimentos comuns, entusiasmam-se e divertem-se com o mesmo tipo de coisas, e, na maior parte dos casos gostam um do

outro e de estar em companhia. Tudo isso permite a existência de um contexto relacional rico, comum, de partilha e de reciprocidade que terá sem dúvida implicações ao nível do seu desenvolvimento.

Todavia, existem autores que defendem que as influências ambientais que se relacionam com o facto de crescerem na mesma casa e terem os mesmos pais apresentam pouco efeito e as influências ambientais não partilhadas são as que parecem ser determinantes no desenvolvimento e na adaptação; dois irmãos não serão pois mais semelhantes do que duas quaisquer crianças se exceptuarmos as influências genéticas (Schicke, 1995, Plomin & Daniels, 1987 cit. in Furman & Lanthier, 2002; Rowe & Plomin, 1981 cit. in Furman & Lanthier, 2002.).

O comportamento entre irmãos parece ter também alguma influência ao nível das manifestações de agressividade, parecendo existir alguma continuidade em termos dos comportamentos agressivos entre os 3 e os 6 anos de idade (Stilwell, 1983 cit. in Dunn, 1983), bem como uma correlação positiva entre uma relação fraterna pobre e comportamentos anti-sociais (Richman, Graham & Stevenson, 1982 cit. in Dunn, 1983). Lamb (1982:5) afirma que "embora o conflito entre irmãos seja frequente, ocorre habitualmente no contexto de relações na generalidade positivas".

No que diz respeito à afectividade e à proximidade, é evidente que estas se relacionam com o desenvolvimento de competências sociocognitivas, existindo correlação entre ambas, mas sem que, contudo, se possa concluir sobre a direcção desses efeitos.

A esse nível podemos ter então em conta o papel que a proximidade entre irmãos desempenha ao nível da sensibilidade social e da gestão de papéis (Light, 1979 cit. in Dunn, 1983), da resposta de suporte e cuidados a situações de desconforto no irmão, da capacidade de colocar-se na perspectiva do outro e da capacidade de ensinar o irmão (Stewart, 1983 a cit. in Dunn, 1983).

Nas relações em que existe grande proximidade e afecto, registam-se sequências de jogo simbólico muito elaborado e avançado, em que o irmão mais novo de 2 anos de idade participa activamente em jogos de faz de conta com o seu irmão, chegando ao ponto de negociar as regras de cada papel desempenhado, o que não se verifica quando se observa a brincadeira das mesmas crianças quer sozinhas, quer com a mãe (Dale, 1982 cit. in Dunn, 1983).

Estes dados vêm reforçar a ideia de que o relacionamento entre irmãos permite à criança o acesso a um contexto de vivências específico que propicia o desenvolvimento de competências sociocognitivas e comunicacionais, mais especificamente, de compreensão das regras, dos papéis sociais bem como da cooperação.

Existem registros de estudos longitudinais (Dunn & Kendrick, 1982; Lamb, 1978 cit. in Dunn, 1983), que confirmam a ideia de que o comportamento da criança mais nova num segundo momento, era melhor previsível pelo comportamento do irmão mais velho no primeiro momento do que pela própria criança mais nova. Da mesma forma, as diferenças no interesse do irmão mais velho pelo recém-nascido apresentavam uma correlação com a relação de proximidade entre ambos os irmãos passados 14 meses. Passados 3 a 4 anos da observação inicial (no estudo os pares de irmãos eram acompanhados até o mais velho completar os 6 anos de idade) foi encontrada continuidade nas diferenças individuais no comportamento de cada irmão, quer em termos de comportamento amistoso, quer em termos de comportamento agressivo e tal não apenas considerando as descrições maternas, mas o comportamento observado nas crianças e os seus próprios relatos decorridos 3 a 4 anos, o que sugere continuidade entre o padrão das diferenças individuais durante a infância, e consistência ao nível da qualidade afectiva.

Furman e Buhrmester (1985) entrevistaram crianças sobre as características da sua relação com os irmãos (o que posteriormente deu origem ao desenvolvimento do questionário que irá ser utilizado no presente estudo) tendo obtido como respostas mais frequentes o companheirismo, o comportamento pró social, as semelhanças, a admiração do e pelo irmão, o afecto, os cuidados do e pelo irmão, o antagonismo, a discussão, a competição, o domínio do e pelo irmão, a parcialidade parental e uma avaliação geral da relação.

Na sequência destes resultados, os autores construíram um questionário que permitia avaliar as diferenças ao nível dessas características na relação entre irmãos e obtiveram posteriormente quatro factores: Calor/ Proximidade, Poder/Estatuto relativo, Conflito, e Rivalidade, factores esses (ou subconjuntos dos mesmos) que são referência noutros estudos sobre irmãos (Furman, 1995; Furman & Lanthier, 2002).

O estudo destas características e portanto da qualidade da relação fornece-nos resultados diferentes dos obtidos quando se examinam as variáveis da constelação familiar. "As características da relação [entre irmãos] não são exclusivamente, nem mesmo primariamente determinadas pelas variáveis da constelação familiar" (Furman & Lanthier, 2002:176). O único aspecto qualitativo da relação que parece estar significativamente relacionado com as variáveis da constelação familiar é o do Poder/Estatuto relativo, na medida em que, tal como seria de esperar, o irmão mais velho da díade é percebido como o mais poderoso e como tendo maior estatuto do que o mais novo. Assim, a relação entre irmãos varia consideravelmente quer numa constelação familiar específica, quer entre diferentes constelações familiares.

No que diz respeito ao conflito, as conclusões obtidas por McGuire Manke, Eftekhari & Dunn (2000) evidenciam o facto dos conflitos se relacionarem com temáticas entre os irmãos, como a partilha de brinquedos ou de objectos que possuem, a agressão física ou verbal, e o comportamento irritante do irmão, mais do que o favoritismo parental, isto é a rivalidade fraterna, embora o resultado mais frequente para um conflito seja a interferência dos pais. No mesmo estudo os autores salientam a importância da relação com um irmão em idade escolar no desenvolvimento do sentimento de self, de direitos pessoais e compreensão social.

Ram e Ross (2001) estudaram a resolução de problemas em pares de irmãos, tendo em conta a existência de um conflito de interesses entre ambos. O procedimento consistia na negociação relativa à divisão de seis brinquedos, (o que, curiosamente, não se verificou ser possível em alguns pares de irmãos). Os resultados obtidos apontam para o facto do conflito de interesses e da qualidade da relação predizerem o uso de estratégias de resolução de problemas e de negociação contenciosa. Os pares de irmãos que apresentavam um baixo conflito de interesses resolviam os seus diferendos rapidamente; quando ocorria um elevado conflito de interesses conjugado com uma relação positiva e negociação construtiva as negociações eram mais longas e criativas e originavam soluções agradáveis. Finalmente, quando ocorria um elevado conflito de interesses com relações negativas e negociações destrutivas o resultado era a incapacidade de chegarem a acordo. Os irmãos mais velhos assumiam o comando da negociação, e beneficiavam ligeiramente mais das divisões.

Howe, Petrakos e Rinaldi (1998) estudaram a relação entre o jogo simbólico, a negociação, a linguagem de estados internos e a qualidade da relação em crianças em idade pré-escolar com um irmão mais novo ou mais velho, sendo divididas em

pares com jogo simbólico (faz-de-conta) frequente e não frequente. Verificou-se que as díades com maior frequência de jogo simbólico se envolviam em negociações de nível elevado e utilizavam linguagem de estados internos, enquanto que as outras díades utilizavam estratégias de nível baixo.

Contrariamente ao que seria de prever, o envolvimento no faz-de-conta apresentou uma associação negativa com os aspectos positivos da relação fraterna. O envolvimento em negociações relacionadas com o faz-de-conta não se apresentou associado à qualidade da relação entre irmãos; contudo foram evidentes ligações negativas entre a linguagem dos estados emocionais e relatos de conflito, o que sugere que relações entre irmãos conflituosas dificultam, ou pelo menos não facilitam, o uso de linguagem de estados emocionais no contexto de jogo.

Em 2001 Howe, Aquan-Assee, Bukowsky, Lehoux e Rinaldi estudaram a associação entre algumas características da relação entre irmãos, nomeadamente a compreensão emocional, o calor da relação e o self-disclosure. A percepção que as crianças tinham do calor da sua relação com os irmãos apresentava uma forte associação com o self-disclosure e a compreensão emocional. As crianças que referiam revelar os seus sentimentos ao irmão diziam sentir de forma positiva o facto de o fazerem. Os motivos citados pelas crianças para o não fazer foram a falta de confiança e de suporte emocional, isto é, quando as crianças não sentem confiança ou suporte emocional têm tendência a não se revelarem; por outro lado quando as crianças não partilham informação, têm também menos oportunidades de receber suporte emocional e de construir a confiança, uma vez que a partilha de confidências pode originar e consolidar sentimentos de intimidade e proximidade.

Seria de prever que as crianças que percepcionavam a sua relação como calorosa demonstrassem maior compreensão emocional e conhecimento em relação a situações afectivas hipotéticas, uma vez que uma relação calorosa pode facilitar a ocorrência de oportunidades de troca de informação íntimas, abertas, recíprocas e de suporte mútuo, estabelecendo um contexto securizante (Howe et al, 2001). De facto, no estudo efectuado, as raparigas apresentavam uma maior probabilidade de criar resultados de suporte emocional para as histórias que lhes eram apresentadas, corroborando a ideia de que estão mais atentas e dão maior importância a temas com foco emocional do que os rapazes. Quando as crianças percepcionavam uma relação calorosa, apresentavam tendência a gerar soluções que incluíam trocas recíprocas e mútuas. Os autores defendem assim que uma relação calorosa pode originar um

maior discernimento e uma maior compreensão dos estados emocionais internos dos outros, bem como dos dilemas interpessoais. De um modo geral, o calor da relação foi o factor que apresentou maior associação com a partilha de confidências com o irmão.

Um estudo sobre a capacidade de compreensão dos sentimentos e crenças dos outros (Dunn, Brown, Slomkowski, Tesla & Youngblade, 1991) encontrou uma associação significativa entre a cooperação das crianças com os irmãos e o seu desempenho em tarefas de cognição social (tarefas de nomeação afectiva, tomada de perspectiva e de falsas crenças), o que já não ocorreu ao nível dos resultados da interacção mãe-criança.

Dunn, Slomkowski & Beardsall (1994) num estudo longitudinal sobre as relações entre irmãos desde o ensino pré-escolar até ao início da adolescência concluíram que a estabilidade das diferenças individuais aumenta com a idade e que o comportamento do outro irmão estava associado ao comportamento de ambos os irmãos no início da adolescência. As diferenças no calor da relação e na intimidade em relação ao irmão estavam relacionadas com a interacção observada anteriormente, e os acontecimentos de vida estavam associados ao aumento de calor na relação entre as crianças, sugerindo que uma relação próxima entre irmãos age de forma protectora quando as crianças passam por acontecimentos de vida difíceis como o divórcio dos pais, por exemplo.

2.8. Interacção

2.8.1 Frequência da interacção

O artigo de Dunn de revisão bibliográfica de 1983 anteriormente citado, refere a frequência da interacção como tópico de estudo. Este artigo cita uma investigação de Lawson e Ingleby de 1974 com famílias londrinas cujos resultados apresentam valores semelhantes para a frequência das interacções entre irmãos e das interacções mãe-filho, e valores bastante superiores entre a frequência da interacção entre irmãos, comparativamente à interacção pai-filho. Estes dados são confirmados nos estudos com famílias britânicas (Dunn & Kendrick, 1982) e com famílias canadianas (Abramovitch, Pepler, & Corter, 1982).

Relativamente ao mesmo tema é ainda citado um estudo transcultural de Whiting e Whiting (1975) cujos resultados da frequência da interacção entre irmãos, para cinco diferentes culturas (que não a norte americana) são mesmo superiores quando comparados com a frequência das interacções mãe-filho, valores esses que chegam a ser superiores ao dobro num estudo de Bank e Kahn (1975, cit. in Dunn, 1983) com crianças de 4 e 6 anos.

Caffaro e Conn-Caffaro (1998) referem especificamente que os segundos filhos aos quatro anos de idade passam mais tempo a conversar e a brincar com os seus irmãos mais velhos do que com os pais.

2.8.2 Qualidade da interacção

Para além da frequência das interacções, outra medida do interesse da criança por um irmão é a qualidade dessas interacções. Nos estudos que se debruçam sobre este aspecto salienta-se a frequência da imitação. Quando se apreciam as características da interacção torna-se notória a frequência com que surgem comportamentos imitativos por parte dos segundos filhos (Pepler, Corter, & Abramovitch, 1982 cit. in Dunn, 1983; Dunn & Kendrick, 1982). Esta frequência com que surgem comportamentos imitativos poderá sugerir por parte do irmão mais velho um papel importante na mestria do ambiente, indicando que este desenvolve uma função de modelo para o irmão mais novo bem como o facto de assumir, deste modo, alguma preponderância na relação (Dunn, 1983). Por outro lado, nos estudos em que se procede à observação da interacção entre irmãos a frequência de tarefas efectuadas em conjunto é elevada, e é saliente o prazer e excitação de ambos na realização das mesmas (Dunn & Kendrick, 1982).

Outro aspecto da interacção entre irmãos diz respeito à tonalidade afectiva positiva: cooperação, companheirismo, suporte e à tonalidade afectiva negativa: rivalidade e conflito. Estes aspectos foram atrás desenvolvidos nas características da relação fraterna.

3. Factores que afectam a relação entre irmãos

Existem igualmente outros factores que sem dizer respeito às características da relação fraterna a afectam e que têm a ver sobretudo com a estrutura familiar e com a forma como os elementos da família se relacionam entre si. Estes factores poderão assumir um papel importante na diferenciação de ambos os irmãos e na definição da sua individualidade.

3.1 Estrutura Biossocial /Variáveis da Constelação familiar

No que toca às diferenças entre irmãos, que se referem mais especificamente ao temperamento e à organização da personalidade, os aspectos que têm sido mais investigados têm a ver com o género, a idade e o intervalo entre os nascimentos.

3.1.1 Diferenças associadas ao género

Relativamente ao género, apesar de existirem estudos nos quais não são visíveis diferenças significativas entre pares de irmãos do mesmo sexo, em alguns estudos são encontradas algumas diferenças. No estudo canadiano de Abramovitch, Pepler e Corter (1982) verificou-se que as crianças primogénitas do sexo feminino eram mais atenciosas e amigáveis quando tinham uma irmã, mas apenas nas observações efectuadas quando os segundos filhos tinham 18 meses de idade. Também em relação às primogénitas Dunn e Kendrick (1982), verificaram uma maior frequência na prestação de cuidados em relação ao irmão mais novo nas suas primeiras duas ou três primeiras semanas de idade. No mesmo estudo, as crianças mais novas eram menos negativas em relação às irmãs mais velhas do que em relação aos irmãos mais velhos.

As mesmas autoras (Dunn e Kendrick, 1981b) verificaram que aos 14 meses dos irmãos mais novos, os pares de irmãos do mesmo género apresentavam mais comportamentos amistosos, sendo que os primogénitos de pares deste tipo evidenciavam um aumento no comportamento social positivo entre ambas as observações (aos 8 e aos 14 meses de idade do segundo filho, com uma variação média de idade entre os irmãos compreendida entre os 26 e os 51 meses, com uma média de 33 meses de diferença). Nestes pares não se verificou um aumento na

agressividade ou na hostilidade, em contraste evidente com os primogénitos de pares de sexo diferente.

Nos pares de irmãos do mesmo sexo, as mudanças entre visitas revelaram um aumento considerável na participação do mais novo na interacção social com os irmãos, o que se deveu provavelmente ao desenvolvimento das aptidões sociais, da mobilidade e da capacidade de participar em jogos sociais mais elaborados.

Dunn e Kendrick (1981 b) apontam para três diferentes interpretações possíveis: (1) os primogénitos reconhecem e identificam o sexo do seu irmão e estão mais interessados na interacção social quando partilham o mesmo género; (2) os mais novos aos 14 meses começam a ter consciência do seu género e revelam maior interesse na interacção com um irmão mais velho do mesmo género ou (3) esses resultados não dizem respeito ao reconhecimento do género, mas sim ao facto dos pares do mesmo sexo apreciarem actividades semelhantes, e os pares masculinos se envolverem em actividades diferentes daquelas que os pares femininos desenvolvem.

Whiting e Whiting (1975, cit. in Dunn, 1983) encontraram diferenças por parte dos irmãos mais novos, no que diz respeito a dirigirem mais propostas para ajuda, conforto e segurança aos irmãos mais velhos, quando estes eram do sexo feminino e em especial quando o par era constituído por duas meninas.

Nos pares do mesmo sexo Whiting e Edwards (1977, cit. in Dunn, 1983) encontraram mais comportamentos de imitação e pró-sociais e menos comportamentos hostis. Por sua vez, Stewart (1983 a, cit. in Dunn, 1983) obteve dados opostos: os pares de irmãos do mesmo sexo apresentavam taxas muito baixas de cuidados, enquanto que quando o par era constituído por irmãos de sexos diferentes se observava mais cuidados em relação ao irmão mais novo, quando estes eram solicitados.

Um estudo mais recente de Oliva e Arranz (2005) encontrou diferenças significativas baseadas no género relativamente ao significado e importância que o ajustamento entre irmãos tem para os adolescentes e a forma como esta relação se associa quer à relação com os pais e com os pares, quer à auto-estima e satisfação com a vida. No referido estudo, este tipo de ligação estava presente nas adolescentes do sexo feminino; nos rapazes já não surgia qualquer associação entre a relação fraterna e as outras variáveis quer as pessoais, quer as familiares.

3.1.2 Posição na fratria/Ordem dos nascimentos

Os estudos de interacção entre irmãos não evidenciam diferenças significativas no comportamento das crianças quando se considera o intervalo etário entre elas (Dunn, 1983). Quando surgem diferenças, essas dizem respeito sobretudo àquilo a que se chama de complementaridade da relação fraterna e que se relaciona com a prestação de cuidados, suporte, ensino e aceitação do ensino.

Pepler e colaboradores (1981) encontraram nos primogénitos de 6 anos mais comportamentos de ensino, por comparação aos primogénitos de 5 anos, sendo o conteúdo do mesmo mais elaborado.

Sutton-Smith (1982) refere, na revisão de uma série de estudos relacionados com a ordem dos nascimentos, não só um maior desenvolvimento psicomotor dos primogénitos, como também comportamentos de procura de ajuda mais frequentes e uma relação "especial" com os pais, apresentando maior semelhança ao adulto, mais responsabilidade, maior domínio, sendo mais conservadores, com preferência por formas verbais de interferência, e percebendo-se como mais ordeiros, cuidadores, auto-controladores e com preferência por um funcionamento hierárquico de papéis, em vez de igualitário.

Cicirelli (1974, cit. in Dunn, 1983) notou por parte dos irmãos mais novos maior facilidade em aceitar indicações por parte dos irmãos 4 anos mais velhos do que quando a diferença de idades era apenas de 2 anos. Este autor (Cicirelli, 1982) defende ainda o facto de que, na infância, cada criança estabelece papéis específicos na família os quais são determinados pela posição e pelas características dos irmãos: uma irmã mais velha poderá assumir um papel maternal cuidando de um irmão mais novo, um irmão mais novo poderá ser o "bebé" da casa ou o "palhacinho" da família.

3.2 Relações Pais-Filhos e Relação entre Irmãos

Algumas investigações sugerem a influência que a relação entre irmãos tem nas relações das crianças com os pais. Embora a maior parte das investigações seja de natureza correlacional e impossibilite conclusões ao nível da direcionalidade dos

efeitos, a verdade é que se tem partido da inferência de que a parentalidade afecta a relação fraterna, mas poderá verificar-se o oposto.

Bryant e Crockenberg (1980) concluíram que o comportamento pró social entre irmãos está positivamente associado à responsividade materna, enquanto que o comportamento agressivo está associado à não responsividade. Stocker & McHale (1992, cit. in Furman 1995; Furman & Lanthier, 2002) obtiveram como resultados uma correlação negativa entre o comportamento hostil e a agressividade entre irmãos e o calor nas relações com os pais, enquanto que o afecto entre irmãos apresentou uma correlação positiva com o afecto paterno.

Furman e Giberson (1995, cit. in Furman & Lanthier, 2002) constataram que a percepção materna do calor da relação de crianças em idade escolar está correlacionado positivamente com os índices de calor das relações mãe-filho e que a percepção materna do conflito entre irmãos está associada com a percepção materna de reivindicação de poder. As avaliações do calor da relação entre irmãos efectuadas através da observação, estavam positivamente correlacionadas com os índices do calor da relação entre mãe e filho e negativamente correlacionadas com a reivindicação de poder.

De acordo com o estudo de Volling e Belsky (1992) o conflito entre irmãos apresentou-se correlacionado com o conflito entre a mãe e cada uma das crianças e com o facto do primogénito apresentar aos 12 meses de idade um padrão de vinculação insegura com a mãe e aos 3 anos existir indiscrição e intrusão por parte desta.

Ainda no que diz respeito à associação de características da relação fraterna com diferenças na relação pais filhos, salientamos o facto de as baixas frequências de interacção positiva entre irmãos se encontrarem associadas a diferenças no grau em que as mães interagem positivamente ou comunicam com ambos os filhos (Brody, Stoneman, & Burke, 1987; Hetherington, 1988 cit. in Furman & Lanthier, 2002; Stocker, Dunn & Plomin, 1989). O conflito frequente entre irmãos também surge associado a diferenças na cordialidade e tonalidade emotiva maternas (Furman & Giberson, 1995 cit in Furman & Lanthier, 2002). No estudo de Howe e Ross (1990), os dados apontam para o facto da interacção materna positiva ou negativa com o filho mais velho estar negativamente relacionada com as interacções positivas entre este filho e o irmão em idade pré-escolar.

Verificou-se que as crianças que crescem em famílias cujas mães se envolvem em comportamentos frequentes de controlo com o primogénito, são mais capazes de dar respostas adequadas a tarefas de falsa crença, e apresentam alguma tendência para serem melhores na nomeação afectiva e na tomada de perspectiva, se as suas mães tiverem sido altamente responsivas e afectuosas com os seus irmãos, em comparação com as crianças cujas mães e irmãos não estiveram envolvidos dessa forma (Dunn, Brown, Slomkowski, Tesla & Youngblade, 1991). De acordo com estes dados torna-se relevante perspectivar a criança como membro de uma família, pelo que, o que acontece com os outros membros e que é destacado quer na comunicação com estes, quer pelas emoções que expressam é importante para a criança e interfere no seu desenvolvimento. O mesmo estudo aponta igualmente para uma associação entre a cooperação entre irmãos e o seu desempenho em tarefas de cognição social.

Brody, Stoneman e Gauger (1996) procuraram determinar em que medida o temperamento dos irmãos moderava a associação entre a qualidade da relação pais-filho e o comportamento de resolução de problemas com a qualidade da relação entre irmãos. As associações entre a qualidade da relação mãe-primogénito, a qualidade da relação pai-primogénito e a qualidade da relação entre irmãos eram moderadas pelo temperamento do primogénito. O temperamento de ambos os irmãos moderava as associações entre a qualidade da relação do pai com o filho mais novo e da relação entre irmãos. A única associação que não era moderada pelo temperamento dos irmãos foi a associação entre a resolução de problemas familiares e a qualidade da relação entre irmãos.

Existem também alguns estudos que analisam a vinculação materna e a semelhança desta entre os irmãos. Van Ijzendoorn, Moran, Belsky, Pederson, Bakermans-Kranenburg, e Kneppers, (2000) analisaram o tipo de vinculação de pares de irmãos (entre os 12 e os 14 meses de idade), tendo obtido concordância significativa quando a vinculação existente era de tipo seguro, o que não aconteceu nas outras categorias. Em relação aos factores que poderiam estar associados à concordância ou não concordância das vinculações nos irmãos, a indiferença materna em relação a ambos os filhos apresentou-se associada com a concordância de vinculações de tipo inseguro. No que diz respeito às diferenças obtidas tendo em conta o sexo, verificou-se que nos pares do mesmo género existiam relações concordantes em termos do tipo de vinculação que apresentavam, enquanto que nos pares de género diferente não foi observada qualquer concordância.

Um estudo recente (Deater-Deckard, Dunn & Lussier, 2002) que analisou os tipos de família (intacta, com madrasta, com padrasto e monoparental), os tipos de irmãos (irmão, meio-irmão) e a qualidade da relação entre irmãos (sendo que o irmão mais novo tinha 5 anos) obteve como resultados uma frequência elevada de negatividade fraterna (conflito, agressão) em famílias monoparentais. Os irmãos biológicos apresentavam também maior negatividade do que os meios-irmãos ou do que os "irmãos" filhos do padrasto/madrasta, enquanto que não foram encontradas diferenças nos aspectos positivos da relação. O antagonismo entre irmãos apresentou alguma associação com problemas emocionais e comportamentais, mas esses efeitos encontravam-se moderados pelo tipo de família.

Também o estudo já referenciado de Oliva e Arranz (2005), efectuado com adolescentes, encontrou nas raparigas uma associação entre a relação fraterna e a relação com os pais.

3.2.1 Tratamento Diferencial

Dos estudos que se relacionam com o tratamento materno diferencial obtêm-se dados que são aparentemente contraditórios. Enquanto os estudos que avaliam o tempo de interacção apontam para uma maior quantidade de tempo de interacção com o primogénito por comparação com o segundo filho (Jacobs & Moss, 1976; Lawson & Ingleby, 1974 cit. in Dunn, 1983), outros estudos apontam para uma maior prestação de cuidados, maior protecção e maior atenção para com o segundo filho (Bryant & Crockenberg, 1980).

Um aspecto importante a considerar poderá ser o facto de que, na presença de ambos os filhos, a mãe habitualmente privilegie o contacto com o filho mais novo, o que já não acontece quando apenas o primogénito está presente.

Alguns estudos, porém revelam que o primogénito recebe mais atenção e melhores cuidados enquanto bebé e criança do que os filhos posteriores, sobretudo no que diz respeito à frequência do envolvimento, da resposta, da estimulação e da expressão de afecto positivo, sem que se verificassem diferenças entre os filhos mais velhos e os segundos filhos, o que indica que os efeitos não são resposta ao comportamento da criança (Belsky, Gilstrap & Rovine, 1984, Ernst & Angst, 1983 cit. in Furman & Lanthier, 2002).

Quando se tem em conta o tempo decorrido após o nascimento essa diferença aumenta e é sobretudo visível nos pais por comparação com as mães, o que se poderá dever ao facto dos recém-nascidos necessitarem de maior atenção e no facto das mães se encarregarem mais do recém-nascido, justificadamente pelo facto de amamentarem e serem as prestadoras de cuidados primárias, enquanto os pais se dedicam mais ao filho mais velho.

Quanto ao favoritismo e afecto parental os dados são inconsistentes; existem estudos que revelam que os filhos mais novos são habitualmente favorecidos (Furman & Buhrmester, 1985), outros referem que são os primogénitos os mais favorecidos (Neale, 1986 cit in Kiracofe & Kiracofe, 1990), e outros ainda referem existirem variações em função do género e da diferença de idades (Nardine & Zeidler, 1986 cit in Kiracofe & Kiracofe, 1990).

Existem estudos que se referem à consistência do comportamento da mãe em relação aos filhos e que sugerem o facto do comportamento da mãe ser tendencialmente consistente com ambos os filhos: mães que brincam bastante com os primogénitos são também mães que brincam bastante com os segundos filhos (Abramovitch, Pepler & Corter, 1982; Dunn & Kendrick, 1982).

Dunn e colaboradores estudaram famílias com pares de irmãos biológicos e com pares de irmãos adoptivos analisando a interacção da mãe com os filhos. Num primeiro estudo (Dunn, Plomin & Nettles, 1985) eram efectuadas observações de situações de refeição e de jogo livre entre a mãe e cada um dos filhos quando estes tinham 12 meses de idade. Num segundo estudo (Dunn, Plomin & Daniels, 1986) cada uma das crianças foi observada quando completava 24 meses de idade em situações de brincadeira livre, organizada e de resolução de tarefas. Os resultados obtidos sugeriram que o comportamento materno era relativamente consistente em relação a ambos os filhos em termos de afecto e responsividade verbal, mesmo com uma diferença média de 35 meses entre as observações de cada um dos filhos (a diferença de idades entre irmãos variou entre os 14 e os 50 meses), o que é particularmente notável dada a baixa correlação do comportamento materno em relação à mesma criança aos 12 e aos 24 meses. Este último resultado poderá dever-se à resposta materna às novas capacidades e qualidades que o filho apresenta. Porém, estes dados apontam para o facto de que, uma vez que o tratamento da mãe varia de acordo com a idade do filho e que os irmãos têm idades diferentes, deverá existir

pouca consistência do comportamento materno em relação a ambos os irmãos no mesmo momento do tempo.

Contudo, não existem ainda estudos suficientes que expliquem de que forma o tratamento diferencial materno poderá gerar diferentes resultados em cada um dos filhos, ou mesmo a forma como isso afecta a relação fraterna, embora alguns estudos confirmem o facto desses elementos estarem correlacionados.

Verificou-se, por exemplo, que quando a atmosfera de jogo e brincadeira entre mães e filhas primogénitas era intensa, antes e imediatamente após o nascimento do segundo filho, não só as meninas exibiam mais comportamentos de hostilidade ao longo do primeiro ano de vida do irmão, como aos 14 meses a(o) irmã(o) era particularmente negativo em relação à sua irmã mais velha, sem que existissem diferenças significativas no comportamento da mãe em relação ao segundo filho (Dunn & Kendrick, 1981a). Da mesma forma, quando aos 8 meses do segundo filho as mães eram afectuosas e se envolviam activamente em jogos e brincadeiras, com o primogénito, ambos os filhos eram particularmente hostis passados 6 meses. Nesse caso, o comportamento da mãe apresentou-se correlacionado com o género do par de filhos: as mães interagiam e brincavam mais com os seus segundos filhos aos 14 meses de idade quando o sexo deste diferia do primogénito, quando comparadas com mães cujos filhos eram ambos do mesmo sexo. Estes factos poderão ser interpretados de duas perspectivas diferentes: por um lado, poderemos pensar que quando o primogénito não tem um comportamento amistoso na relação com o seu irmão mais novo, a mãe tenderá a ocupar-se mais e brincar mais com o segundo filho, por compensação; por outro lado, o comportamento do primogénito poderá ser uma reacção às expressões de afecto da mãe em relação ao bebé.

De acordo com Abramovitch, Pepler e Corter (1982) não existem diferenças significativas no tratamento materno em relação ao segundo filho se este for de sexo diferente do primeiro; contudo, quando o comportamento materno em relação a cada um dos filhos foi comparado, os resultados evidenciaram uma maior consistência do comportamento amistoso quando ambos os filhos eram do mesmo sexo do que de sexos diferentes, o que poderá contribuir para um maior antagonismo e mais ciúmes na fratria.

Considerando a tríade mãe-filhos é evidente que o comportamento de quaisquer dois elementos dessa tríade tem efeitos claros no terceiro elemento. A interacção mãe-

primogénito é alterada quando, por exemplo, a mãe está a alimentar ou a cuidar do bebé (Kendrick & Dunn, 1980). Da mesma forma, passados 14 meses, a interacção entre a mãe e o segundo filho produz mudanças no comportamento do primogénito, que estão ainda relacionadas com as características individuais do mesmo (Kendrick & Dunn, 1982, cit in Dunn, 1983).

As discussões e conflitos entre os filhos originam o envolvimento materno na interacção fraterna, encontrando-se a natureza da resposta da mãe ligada às diferenças na frequência de comportamento hostil exibido pelos filhos passados 6 meses, sugerindo estes dados a importância do comportamento materno em relação a ambos os filhos e ainda relativamente ao comportamento hostil entre os filhos.

Outros estudos sugerem ainda a importância da aceitação de sentimentos por parte da mãe no desenvolvimento do comportamento pró social nos filhos, bem como a associação entre a responsividade materna e a frequência do comportamento pró social (correlação positiva) e do comportamento hostil (correlação negativa) (Bryant & Crockenberg, 1980).

De realçar que a relação entre o comportamento da mãe e o comportamento dos filhos depende de como cada criança é tratada em relação à outra; as situações de desconforto surgem essencialmente quando apenas uma da criança encontra as suas necessidades satisfeitas (Dunn, 1983).

Os confrontos ocorrem principalmente quando a mãe está ocupada com o recém-nascido e não quando ela está afastada do bebé; as interacções positivas do primogénito em relação à mãe são mais frequentes quando esta pega ao colo ou alimenta o bebé, relativamente ao que acontece quando ela não está com ele (Furman & Lanthier, 2002).

Os resultados de Abramovitch et al (1982) sugeriram que o comportamento materno seria o melhor preditor de prestação de cuidados e partilha por parte do primogénito em relação ao seu irmão. Contudo, a maior parte dos comportamentos entre irmãos – recusa em partilhar ou ajudar, aceitação de ajuda, raiva – eram melhor preditos pelo comportamento do irmão do que pelo comportamento materno, sobretudo no caso de irmãos novos. Nas famílias em que a mãe ignorava as crianças frequentemente, ambos os irmãos tinham tendência a pedir ajuda um ao outro, ressaltando o facto de neste caso, mais uma vez não existirem conclusões quanto à direcionalidade da

correlação. Bryant (1982) realçou a relação entre o comportamento materno (ignorar) e o comportamento do primogénito de cuidados, apoio e recursos, sugerindo que o primogénito interpretaria a resposta materna como uma resposta de desamparo ou de incapacidade em vez de zanga, o que induziria a que se responsabilizasse pelo seu irmão mais novo. Na perspectiva de outros autores, estes dados sugerem o desenvolvimento de comportamento social.

Bryant e Crockenberg (1980) defendem que o comportamento materno é afectado pelo sexo do primogénito, sendo que quando o primogénito é do sexo masculino o seu irmão mais novo receberá mais explicações e terá mais feedback, comparativamente a outro cujo irmão mais velho seja do sexo feminino, o que parece indicar que quando o primogénito é do sexo feminino a mãe implícita ou explicitamente delega algumas das funções à irmã mais velha.

Quando Kendrick e Dunn (1983 cit. in Dunn, 1983) analisaram os conflitos e discussões entre irmãos, verificaram igualmente a importância do género do primogénito no tipo de comportamento materno, tendo encontrado diferenças significativas na resposta materna quando o primogénito era agressivo em relação ao irmão mais novo, em função do facto do primogénito ser do sexo masculino ou do sexo feminino. No primeiro caso, as mães eram mais consistentes na sua resposta à agressão dos rapazes (comportamento punitivo e proibitivo) e os dados sugerem que as respostas punitivas maternas se encontram associadas com o aumento da agressão em relação ao irmão nos 6 meses seguintes. Quando os primogénitos eram do sexo feminino, esse padrão já não ocorria.

A forma como as mães falam sobre o segundo filho com o primogénito também parece ser importante: quando a mãe dialoga com o filho sobre o facto do segundo filho ser uma pessoa com necessidades, desejos e sentimentos por quem ambos poderão ter alguma responsabilidade, o comportamento amistoso do irmão mais velho em relação ao mais novo é mais frequente, decorridos 14 meses e quando o segundo filho completava 6 anos de idade (Dunn & Kendrick, 1982).

“Essas discussões sobre o irmão como uma pessoa e a comparação social que a criança e a mãe fazem entre o próprio e o irmão poderão ser importantes no sentimento crescente de self da criança” (Dunn, 1983: 806) dada a importância das comparações sociais que se fazem – até que ponto somos semelhantes ou diferentes do outro – no desenvolvimento de um sentimento de self.

Com o nascimento de um irmão aumentam as conversas entre mãe e primogénito sobre estados emocionais, motivação e as intenções dos outros, na sequência da discussão de que o irmão é uma pessoa. As conversas entre mãe e primogénito sobre o irmão habitualmente incluem discussões sobre categorias do self e dos outros, nas quais o primogénito começa a referir novas dimensões do self (Dunn & Kendrick, 1982).

“A frequência e a qualidade emocional da relação entre irmãos, o carácter distinto, a complexidade desta relação com a relação pais-filho, a evidência da continuidade ao longo do tempo das diferenças individuais, tal como a sua importância teórica e as brechas naquilo que conhecemos, tudo indica ser uma relação que merece maior estudo” (Dunn, 1983: 806).

Feinberg, Neiderhiser, Simmens, Reiss, e Hetherington (2000) efectuaram um estudo com adolescentes com o objectivo de investigar as comparações destes com os irmãos no que se refere ao tratamento parental. Segundo o estudo quer a auto-estima global, quer a emotividade moderam a descrição dos adolescentes do grau de tratamento diferencial parental. Os irmãos com auto-estima mais baixa ou maior emotividade tendem a referir maiores níveis de tratamento diferencial parental, na sua família. Nos grupos com maiores níveis de comparação entre irmãos (baixa auto-valorização, alta emotividade e sexo feminino) referem mais afecto recebido pelos irmãos mais velhos e maior controlo e negativismo em relação aos irmãos mais novos. Uma das explicações avançada pelos autores prende-se com a possibilidade dos irmãos mais velhos serem efectivamente favorecidos pelos pais e que as crianças com níveis de comparação elevados percebem melhor essas diferenças. Outra das possibilidades é a de que os irmãos mais velhos e os irmãos mais novos com comparação elevada tenham diferentes modos de interpretar ou de utilizar os processos de comparação. O grupo de irmãos mais novos poderá utilizar a comparação entre irmãos defensivamente, reivindicando o favoritismo parental.

4. Populações Especiais

4.1 Irmãos portadores de deficiência

Embora as diferenças simples na personalidade não se encontrem significativamente relacionadas com as diferenças de tratamento parental (Daniels, 1986 cit. in Furman & Lanthier, 2002), quando na díade existe uma criança com incapacidades ocorrem maiores diferenças, sugerindo que as características das crianças poderão contribuir para a ocorrência de um tratamento diferencial (McHale & Pawletko, 2002).

No que diz respeito às relações entre irmãos, quando existe um irmão com deficiência mental McHale e Gamble (1989), ao compararem crianças com irmãos com e sem deficiência mental, obtiveram algumas diferenças. As autoras entrevistaram mães e crianças entre os 8 e os 14 anos de idade, todos com pelo menos um irmão mais novo com idade entre os 3 e os 11 anos; em 50% dos pares esse irmão era portador de deficiência mental.

Quanto aos resultados, as crianças com irmãos portadores de deficiência mental passavam maiores quantidades de tempo a prestar atenção e cuidados. No mesmo estudo, nos pares de irmãos em que nenhum era portador de deficiência mental, as autoras também constataram que as meninas passavam diariamente o dobro do tempo em actividades de prestação de cuidados, quando comparadas com os rapazes.

Por sua vez, os rapazes com irmãos portadores de deficiência mental eram tão afectuosos e cuidadosos como as meninas com irmãos sem deficiência, o que sugere, segundo as autoras, que, de certa forma, ter um irmão com uma incapacidade poderá ser uma “experiência libertadora”.

No que se refere ao bem-estar psicológico das crianças com ou sem irmãos com deficiência, os resultados revelaram que as crianças com irmãos portadores de deficiência, em especial as meninas, tinham piores desempenhos na maior parte das áreas (sem que estes fossem clinicamente significativos).

4.2 Irmãos pertencentes a populações de risco

Em termos de relações entre irmãos em populações de risco, mais especificamente no que diz respeito a pares de irmãos colocados em famílias de acolhimento, Smith (1995), explorou a associação entre a qualidade da relação entre irmãos e os resultados desenvolvimentais. Os resultados apontam para uma associação entre as relações fraternas que se caracterizavam por comportamentos negativos e problemas de internalização nos irmãos mais novos (sujeitos do estudo), bem como para resultados superiores na avaliação do conhecimento geral reflectido pelo nível de vocabulário receptivo e no jogo simbólico. A autora adianta a possibilidade destes resultados estarem relacionados com o papel educativo do irmão, efectuado de forma desadequada, contribuindo para uma interacção negativa, através de desafios, pedidos de explicação e pressões.

Estes dados são contraditórios com os de Dunn e colaboradores (1994) que referem o facto dos irmãos que sofrem acontecimentos de vida negativos desenvolverem uma relação mais próxima e de maior intimidade na sequência de acontecimentos (problemas com outras crianças na escola, doença materna, acidentes e doença do próprio) considerados "acontecimentos de vida severos com impacto negativo" (Dunn et al, 1994:319). Deverá contudo ser considerado que, neste caso, os acontecimentos ocorrem no seio da família de origem, o que vem confirmar os dados de Deater-Deckard et al (2002) de que o tipo de família poderá moderar os comportamentos fraternos.

5. Avaliação da Relação Fraterna

No que diz respeito à avaliação e estudo das relações entre irmãos são descritas na literatura diversas metodologias, sendo que as fontes de informação utilizadas são na quase totalidade dos casos os próprios irmãos e num grande número de estudos a mãe. Em alguns casos recorre-se a ambos os pais, e em número menor apenas ao pai (Schicke, 1995).

A maioria das investigações efectuadas tendo como objecto de estudo a relação entre irmãos, têm utilizado como paradigma a observação da interacção entre as díades, como é o caso dos trabalhos de Dunn, efectuados com crianças, na maior parte das situações, em idades muito novas.

Furman e Buhrmester (1985) quando estudaram a relação entre irmãos (e posteriormente outro tipo de relações sociais) utilizaram outro tipo de metodologia, tendo como ponto de partida aquilo que os próprios intervenientes pensam e dizem da sua relação, em alternativa àquilo que é interpretado a partir do observado. Desta forma, obtêm-se outros dados associados a outros tipos de características que poderão ser avaliadas em diferentes faixas etárias³. Em estudos que seguem a mesma metodologia as técnicas mais comumente empregues são a entrevista, as escalas de avaliação e as *checklists*. Em alguns casos verifica-se o recurso a mais do que uma destas técnicas em simultâneo.

A técnica de observação directa é, como já foi referido, a técnica mais utilizada com crianças pequenas. São observados comportamentos interactivos entre a díade de irmãos ou entre estes e outros elementos da família que são normalmente registados e posteriormente codificados (quer os comportamentos, quer as interacções verbais).

Na sua maioria, as observações são efectuadas em casa, mas estas também podem ser conduzidas em laboratório ou em contexto escolar. Estes últimos contextos levantam algumas dificuldades: em contexto de laboratório as interacções são em menor número do que em casa, possivelmente devido à novidade dos materiais e do próprio contexto que afastam os irmãos do contacto e interacção um com o outro; em contexto escolar verifica-se o mesmo possivelmente devido ao facto de se tratarem de tarefas demasiado estruturadas.

Quanto à forma, a observação pode ser naturalista, situação em que é pedido à família que ignore o observador e se comporte do modo habitual numa situação comum como, por exemplo, uma refeição ou uma situação em que um dos pais conta uma história ou brinca com os filhos. Pode ser estruturada, sendo pedido que as crianças efectuem uma determinada actividade a qual pode ser apresentada como uma tarefa de colaboração ou de competição e que normalmente implica o recurso a materiais que são introduzidos pelo observador: jogos, determinados brinquedos. Finalmente, pode ainda ser uma observação de tipo misto.

³ O instrumento criado por estes autores será descrito mais pormenorizadamente na apresentação do estudo, dado que foi utilizado para avaliação da relação fraterna.

Sendo a observação uma metodologia muito eficaz para captar comportamentos que ocorrem, levanta também alguns problemas: por um lado os observadores não conseguem observar todas as interacções e por outro muitas vezes nos períodos de observação não surgem comportamentos negativos, (o que poderá supor que o facto de uma interacção estar a ser observada pode por si só alterar essa mesma interacção), ocorrendo o efeito do observador. É assim possível que o comportamento, na presença do observador, não seja representativo do comportamento típico e habitual.

Para além da observação, uma das metodologias mais comuns é a entrevista na sua maioria das vezes junto da mãe, em menor número de vezes pelo pai ou por ambos os pais ou pelos próprios irmãos.

As entrevistas aos pais incidem sobre a percepção que os estes têm da relação entre os seus filhos, centrando-se em comportamentos agressivos, de partilha, de competição e de qualidade da relação, fornecendo informação relativa a comportamentos e situações não directamente observadas.

Quanto às entrevistas efectuadas às crianças tratam-se de entrevistas com questões gerais centradas no irmão, na família e nos amigos no sentido de determinar a representação que a criança tem da relação fraterna, contribuindo desta forma para uma melhor percepção do significado da relação fraterna no quadro das relações familiares.

A vantagem principal das entrevistas é o facto de permitir aceder a informação que não é acessível em sessões de observação, ou mesmo que não é observável. Contudo, uma vez que a informação é disponibilizada de modo retrospectivo, poderá perder alguma exactidão.

Finalmente, recorre-se ainda ao uso de escalas de avaliação e questionários que são, na maioria dos casos, desenvolvidos em projectos de investigação. Estes instrumentos são recomendados quando o investigador está interessado em aceder a informação sobre o temperamento dos sujeitos ou à percepção que estes têm da relação.

6. Síntese

No presente capítulo procedeu-se à revisão bibliográfica da investigação centrada no estudo da relação fraterna, conduzida ao longo das últimas décadas.

Foram descritos os estudos que categorizam as características da relação entre irmãos, bem como o impacto destas na própria relação.

Foram igualmente referenciados os estudos que se centram na interacção e os estudos que dizem respeito às variáveis biossociais – quer as relacionadas com o género, quer as associadas à constelação familiar – o intervalo entre nascimentos e o relacionamento com os pais, por exemplo.

Abordaram-se ainda estudos mais recentes que se centram em populações específicas: crianças portadoras de deficiência e crianças em risco.

Por último, foi efectuada uma síntese sobre a avaliação das relações fraternas, sendo efectuada uma sumária comparação entre as diferentes metodologias.

Desenvolvimento do Self

1. Introdução

No presente capítulo iremos descrever o modelo estrutural cognitivo do desenvolvimento do Self de Harter⁴, considerando as suas dimensões específicas, estrutura e conteúdo. Serão descritos os estádios de desenvolvimento do self, bem como as descrições características das faixas etárias relativas às idades dos participantes deste estudo.

A noção de self implica o reconhecimento de si próprio com uma natureza própria e como alguém diferenciado do Outro. O self diz respeito então à consciência de uma identidade física, emocional e cognitiva, estável no tempo e no espaço, que vive a sua própria experiência.

Nos anos 90 ocorreu um renovado interesse na pesquisa dos processos do self, em variados domínios da Psicologia. Os cognitivo-desenvolvimentistas, os teóricos da vinculação, os clínicos de tradição psicodinâmica e os teóricos da Psicologia Social e da Personalidade debruçaram-se sobre a pesquisa de processos do self, originando diversos contributos para um melhor entendimento deste constructo. Embora existam novas perspectivas, assistiu-se igualmente ao retomar de temas já clássicos no estudo do self.

A opção por este referencial teórico prende-se com o facto de se tratar de um modelo conceptual que responde às exigências da investigação. De facto, tem em conta o self como uma construção cognitiva com manifestações diferentes ao longo do desenvolvimento e valoriza a natureza das relações estabelecidas com outros significativos do mundo social.

⁴ Para Tal, e após a consulta de variadas referências bibliográficas da autora, consideramos como referência de base o livro que Susan Harter publicou em 1999 e que reúne todo o trabalho que a autora desenvolvera até à data assim como o artigo de 2003, que consideramos ser uma boa síntese do modelo.

2. Modelo Estrutural Cognitivo do Self de Harter

2.1. Os contributos de William James e Charles Cooley

Harter desenvolve e contextualiza os determinantes do sentido de valor global como pessoa, a partir dos conceitos pioneiros de William James (1892, cit in Harter, 1999) e de Charles Cooley (1902, cit in Harter, 1999).

O contributo do primeiro autor diz respeito à sua caracterização do self segundo dois aspectos: um self conhecedor, agente e sujeito – o *I Self*, e o self objecto, conhecido – o *Me Self*. Surge a distinção entre self existencial – sujeito consciente da sua existência pessoal e diferenciada do Outro que actua no mundo (agente activo) – e self categorial – sujeito caracterizado segundo diferentes categorias de auto-definição (feminino/masculino, etc.).

Uma questão premente na literatura é a relativa à ordem de emergência do *I self* e do *Me Self*, não sendo consensual qual dos dois surge em primeiro lugar. O modelo propõe que em determinadas ocasiões surgirá um dos aspectos em primeiro lugar, noutras dar-se-á o contrário. A este propósito Ducharme (2000: 64) afirma:

“(...) a evidência empírica revista aponta para diferenças desenvolvimentais na aquisição do conhecimento relativo ao self e ao outro, ao longo dos primeiros anos de vida, estabelecendo definitivamente a distinção self-outro. Quando se procede à comparação entre os processos de aquisição do conhecimento acerca do self e do outro, respectivamente, verifica-se que o conhecimento do self-sujeito precede o conhecimento do outro-sujeito, enquanto o conhecimento do outro-objecto precede o conhecimento do self-objecto, excepto em situações que cognitivamente implicam a representação”.

Na verdade, o *I self* enquanto agente activo produz quer representações, quer valorações acerca do *Me self*, que precipitam e condicionam a acção subsequente do indivíduo. Tal como James havia já proposto nos finais do século XIX, é assumido que o valor atribuído ao self está assente na relação entre os objectivos atingidos e bem sucedidos e os objectivos a atingir com sucesso, isto é, a valoração do self está dependente da congruência ou discrepância entre a percepção que o self tem de si próprio em termos de competência e a importância que atribui aos resultados que

consegue obter. Assim, se a pessoa é bem sucedida nas áreas que por si são valorizadas, conhece-se como sujeito caracterizado por elevados níveis de auto-valorização pessoal. Se, pelo contrário, perceber uma competência fraca nesses mesmos domínios considerados de importância, a sua auto-valorização diminui.

No fundo, o que parece ser mais importante não é apenas a noção de competência por si só, mas sim a ideia de competência em áreas valorizadas e consideradas importantes, isto é, o fundamental é existir congruência entre a percepção de competência e o valor atribuído a essa área de competência.

É amplamente reconhecido que as experiências de interacção que a criança tem com os que a rodeiam (pais, irmãos, pares, educadores, familiares e outros elementos do contexto sociocultural em que está inserida) exercem influência nas auto-representações que vai produzindo. Quer os interaccionistas simbólicos, quer os teóricos da vinculação centram-se no modo como a socialização com os principais prestadores de cuidados cria diferentes auto-representações em função de cada indivíduo. Ao nível dos estudos desenvolvimentais-cognitivos, o papel activo da criança é saliente enquanto construtora do seu próprio processo de desenvolvimento.

Cooley (1902, cit. in Harter, 1999) enfatiza o papel dos outros significativos para formação e desenvolvimento do self, através dos processos linguísticos interactivos (interacções simbólicas através de trocas linguísticas com os outros) que forjam a construção social que é o self. Sendo então o self uma construção social, a sua valorização está na razão directa da avaliação dos outros significativos, o que constitui um processo socializador ao nível da adopção de atitudes, princípios e comportamentos. No fundo, a criança pequena está dependente das referências daqueles que lhes são mais próximos, assumindo as suas opiniões, valores e formas de agir, quer como referência, quer para obtenção de aprovação. Este princípio é válido nos diferentes contextos sociais em que a criança está inserida e nas suas diferentes relações com outros significativos o que contribui para a complexificação da construção do self como um todo e, neste sentido, como uma entidade integrada, coerente e autêntica (Harter, 1999).

O facto dos outros significativos constituírem um espelho onde a criança ou o indivíduo se revê afim de obter opiniões e percepções do exterior é denominado por Cooley como *looking glass self*, reforçando a ideia de que o conhecimento que cada um tem

de si constrói-se integrando a interacção com os outros e o feedback produzido por esses, em todas as etapas do desenvolvimento.

As opiniões dos outros, a forma como supomos que pensam sobre nós no que diz respeito à nossa aparência, ao julgamento sobre essa aparência, bem como a reacção afectiva a essas impressões reflectidas, são integradas no sistema de self individual e à medida que vão sendo internalizadas vão-se afastando das suas fontes sociais iniciais (Harter, 1999).

De acordo com Harter (1999) este conceito de *looking glass* introduzido por Cooley vem complementar os determinantes da auto-avaliação pessoal definidos por James o qual se centrou nos aspectos cognitivos individuais. Segundo Cooley, os antecedentes apresentam um carácter mais social e menos consciente, dado que as crianças internalizam as opiniões daqueles que lhes são significativos.

Harter, com base no conceito de *effectance motivation* (White, 1959, cit. in Ducharme, 2000) desenvolve aquilo que denomina como *reacção dos agentes de socialização* que avaliam e conferem um valor ao outro, integrando por um lado um componente cognitivo que se refere à avaliação e, por outro, um componente afectivo que traduz o grau de aceitação das acções praticadas pela criança, bem como dos resultados destas acções. Este feedback permite à criança elaborar um padrão de realização e interiorizar modelos que determinarão a percepção de competência (dimensão cognitiva) e o valor pessoal global (dimensão afectiva), bem como a percepção de controlo pessoal que a criança sente poder ter quanto à sua realização, tratando-se de uma espécie de ventriloquação das atribuições dos outros significativos.

Nesta linha, outro conceito importante é o de auto-avaliação relacional que diz respeito ao grau de influência que os outros têm no seu sentimento de auto avaliação global que vem reforçar o facto de que para além de um self único e permanente cada pessoa desenvolve percepções variáveis do seu valor enquanto pessoa, entre a sua rede de relacionamentos. A auto-avaliação pessoal varia assim em função da relação que a criança mantém com o outro, ampliando desta forma as noções estáticas de self (o que vai de encontro com as perspectivas construcionistas).

É interiorizando-as que a criança toma como suas as avaliações e julgamentos sociais e as integra no seu sistema de self. Este processo de interiorização na construção do self está tão dependente dos juízos e da apreciação e valorização dos outros que

pode ocorrer a criação de um falso self. Ocorre uma formação de falso self quando os outros dão a sua aprovação na contingência de que a criança viva de acordo com as suas expectativas e objectivos irrealistas, isto é, a criança desenvolve um falso self em detrimento do seu self verdadeiro de forma a obter a aprovação dos outros, o que percepçiona que de outro modo não aconteceria.

O contributo do modelo estrutural cognitivo de Harter consiste na integração dos determinantes do self: a congruência entre a percepção de competência e importância e a aprovação social e consideração positiva dos outros significativos, que se complementam na formação da auto-avaliação global. Esta poder-se-á definir como o sentimento individual do valor próprio como pessoa, determinado pela congruência entre a percepção de competência num determinado domínio e respectiva importância atribuída e pela aprovação social e apreciação favorável dos outros significativos.

2.2 Desenvolvimento normativo do self

Harter desenvolveu um modelo de self de acordo com uma perspectiva estrutural cognitivista, seguindo uma linha piagetiana. O modelo de Harter assenta no pressuposto de que o desenvolvimento do self se efectua em torno de duas dimensões distintas: o conteúdo e a estrutura.

Estas duas dimensões encontram-se associadas a duas formas de self: a estrutura relaciona-se com a faceta sujeito do self, isto é, com o self existencial, enquanto que o conteúdo se encontra relacionada com a faceta objecto do self, ou seja o self categorial. O self existencial ou faceta sujeito do self repercute-se na estrutura do self enquanto as mudanças que ocorrem na faceta do self objecto ou self categorial se manifestam a nível de conteúdo.

O pressuposto é que ocorre uma progressão desenvolvimental no sentido da evolução de um self essencialmente físico e comportamental para um self definido em constructos e traços de personalidade e posteriormente para um self abstracto baseado em processos psicológicos.

No que se refere ao conteúdo, as descrições podem dizer respeito: (1) aos atributos físicos: tamanho, idade, sexo, aparência; (2) à descrição de características comportamentais: competências, acções, práticas, preferências; (3) descrições

emocionais: sentimentos afectos e humores; (4) descrições motivacionais: intenções e atribuições causais e ainda (5) às cognições: atitudes, teorias e construções cognitivas.

Os conteúdos da descrição do self são habitualmente aplicados aos diferentes domínios e contextos de vida como o desempenho académico, o desempenho físico e desportivo, as relações sociais e as actividades de lazer.

Esta variedade de conteúdos e de contextos aos quais se aplicam podem originar que num dado momento possam coexistir descrições de diferentes tipos de conteúdos, que em determinadas fases do desenvolvimento poderão inclusivamente ser opostas ou contraditórias como acontece nas descrições específicas da adolescência (Harter, 1999, 2003).

Num determinado domínio ou área de desenvolvimento podem igualmente existir descrições com diferentes conteúdos associados, por exemplo, ao nível da competência cognitiva uma criança de 5 anos pode descrever-se como sendo inteligente por já ter 5 anos (atributo físico), porque sabe as letras e contar (descrições comportamentais), porque gosta de fazer actividades e jogos complexos (descrições emocionais), porque tem bons resultados graças ao seu empenho e esforço (descrições motivacionais) e porque pensa nos problemas e encontra as respostas (cognições).

Existe alguma correlação entre os níveis de estrutura e os tipos de conteúdo: com o desenvolvimento é esperado que sejam usados níveis estruturais mais elevados conjuntamente com tipos de conteúdos mais elaborados, embora não seja possível definir uma sequência simples que integre ambas as dimensões.

Em determinado momento pode acontecer que um mesmo sujeito possa encontrar-se em determinado estágio estrutural para um conteúdo e noutro estágio estrutural diferente para outro tipo de conteúdo, isto é, um determinado sujeito poderá encontrar-se num estágio estrutural mais avançado relativamente à dimensão das descrições emocionais do que em comparação com a dimensão da descrição das cognições, que poderá encontrar-se num estágio estrutural mais primitivo, aplicando-se assim a noção piagetiana de desfasamento horizontal.

À medida que a estrutura cognitiva se vai desenvolvendo vão surgindo alterações na teoria acerca do self que vai sendo construída e que não só passam a integrar novas possibilidades uma vez que o desenvolvimento cognitivo permite a compreensão e o acesso a constructos cada vez mais complexos e abstractos, mas também vão integrando essa mesma estrutura cognitiva mais complexificada. O self é então alvo de transformações desenvolvimentais, assumindo novas e diferentes características.

Os níveis estruturais sofrem desta maneira um processo de integração hierárquica de tal modo que as formas dos níveis inferiores desaparecem à medida que essa informação vai sendo organizada em níveis cada vez mais abstractos. Contudo, as dimensões de conteúdo podem também ser retidas e continuam a ser utilizadas.

A estrutura das descrições do self refere-se ao modo como são processados cognitivamente os tipos de conteúdos, e encontram-se organizadas em quatro estádios de base piagetiana: o Estádio I (Pré-Operatório), no qual as descrições são expressas em termos de caracterizações simples, o Estádio II (Operatório Concreto) em que as descrições são integradas em traços, o Estádio III (Operatório Formal) no qual as descrições se vão integrando gradualmente em abstracções simples e, finalmente o Estádio IV (Operatório Pós-Formal) durante o qual as descrições constituem abstracções de ordem superior.

No interior de cada um dos estádios descritos ocorre uma progressão no sentido da diferenciação, sendo definidos dois níveis: um primeiro nível no qual os atributos, os traços e as abstracções são na generalidade essencialmente globais e dicotómicos e um segundo nível no qual os atributos, os traços e as abstracções se diferenciam podendo coexistir descrições de sentidos opostos.

O primeiro estádio – que corresponde em termos do funcionamento cognitivo ao estádio pré-operatório – caracteriza-se pelo pensamento dicotómico no qual a criança se auto-percepciona como boa ou má na globalidade das áreas de funcionamento: a desenhar, contar, correr, jogar à bola. Progressivamente, ao longo do segundo nível do estádio, a criança vai efectuando uma avaliação que vai sendo cada vez mais diferenciada, começando a compreender que poderá ser boa em determinadas actividades ou em determinados contextos e situações, mas que noutros poderá ser diferente.

Ao longo do segundo estágio – que corresponde ao estágio operatório concreto – os atributos começam a ser integrados em traços os quais numa primeira fase são novamente generalizados à totalidade das situações, dada a dificuldade da criança ter em conta dois pólos opostos. Seguidamente, na segunda fase deste estágio, a criança começa a diferenciar os traços e torna-se capaz de reconhecer que poderá ser simultaneamente os dois extremos opostos de um mesmo traço ou em áreas diferentes ou em momentos e situações diferentes. Existe assim uma diferenciação, mas não ocorre ainda uma integração mas apenas a coexistência dos opostos.

No terceiro estágio – correspondente ao estágio das operações formais – dá-se o início da integração dos traços e o surgimento de abstracções simples. Ocorre uma primeira fase de integração, caracterizada novamente por um processo de generalização no qual existe uma abstracção de um só pólo. Ao longo da segunda fase, as abstracções vão-se diferenciando, permitindo uma avaliação mais específica, sendo que, mais uma vez, não ocorre a integração das abstracções o que muitas vezes causa confusão no próprio sujeito, uma vez que não existem ainda abstracções de ordem superior.

Finalmente, o quarto estágio – correspondente ao estágio das operações pós-formais – é caracterizado pela formação de abstracções de ordem superior. Estas são num primeiro nível globais, mas vão-se progressivamente diferenciando ao longo de uma segunda fase.

Em suma, existe uma sequência desenvolvimental constituída por 4 estádios com dois níveis cada, os quais se caracterizam pela forma sob a qual as mudanças que ocorrem em termos estruturais se evidenciam em termos de conteúdos de descrição do self, e que se processa em paralelo com a complexificação do processo cognitivo. Existe assim, uma profunda ligação entre o desenvolvimento do self e o desenvolvimento cognitivo.

Entre os quatro estádios estruturalmente definidos e os cinco tipos de conteúdos descritos podem ser encontradas todas as combinações possíveis: quer as descrições simples, os traços e as abstracções de ordem simples, quer as abstracções de ordem superior podem referir-se a atributos físicos, comportamentos, emoções, motivações e cognições.

A forma como é efectuada a passagem de um estágio ao seguinte, ou seja, de um nível estrutural para o outro, bem como de diferentes tipos de conteúdos para outros não está conceptualmente definida, embora Harter (1999, 2002) coloque a hipótese de que a passagem resulta da resolução de um conflito. Não é, contudo avançada nenhuma hipótese ou explicação relativamente ao modo como estes conflitos internos promovem a organização do self em termos desenvolvimentais ou mesmo qual é o papel dos outros no desencadear ou na resolução do conflito.

As mudanças desenvolvimentais que ocorrem ao nível do self, são à luz do modelo de Harter, muito ricas do ponto de vista descritivo. Porém, não são explicitadas do ponto de vista dos processos biológicos, cognitivos e sociais responsáveis pelo desenvolvimento.

Harter (1999) efectuou um profundo estudo sobre as representações do self ao longo do desenvolvimento. À medida que as crianças se desenvolvem, as suas representações vão evoluindo, integrando aspectos cada vez mais complexos. A autora efectuou uma divisão de acordo com a faixa etária de forma a observar mais especificamente as características da cada uma das fases. De seguida, centrar-nos-emos apenas na infância, que Harter dividiu em três momentos: 3, 4 anos, dos 5 aos 7 anos e dos 8 aos 11 anos.

3. Desenvolvimento do Self na Infância

3.1 O Self aos 3 e 4 anos

Aos 3, 4 anos de idade a criança é apenas capaz de construir representações cognitivas muito concretas de características observáveis do self: “sei a primeira letra do meu nome”, “moro numa casa grande”, isto é, identificações categoriais, já que as crianças desta idade apenas compreendem o self como um conjunto de atributos taxonómicos separados, que podem ser físicos: “tenho cabelo castanho”, activos: “corro muito depressa”, sociais: “tenho um irmão e muitos amigos” e fisiológicos: “não tenho medo”.

São referidas capacidades específicas e não generalizadas, ou seja, a criança é capaz de referir as suas aptidões em termos de actividades: “corro depressa, sei trepar, tenho força, atiro a bola para longe” mas não as integra em conceitos mais amplos

como ter boa condição física ou ser bom nas actividades físicas. Na maior parte das vezes estas descrições envolvem demonstrações da criança "Queres ver? Olha!", o que sugere que as representações que as crianças têm, além de muito concretas são ainda muito próximas do comportamento, não representando, numa perspectiva cognitivo-desenvolvimental, categorias conceptuais superiores. As crianças não são assim capazes de integrar as representações compartimentadas do self, pelo que estas são bastante diferenciadas e isoladas umas das outras parecendo mesmo, por vezes, algo desconjuntadas.

Para além destas características concretas e específicas, estas crianças referem ainda as suas preferências: "gosto de gelado" e as suas posses: "tenho um gato e um gameboy", como se tratassem de "comportamentalistas radicais ou demógrafos, que limitam a descrição de si próprios a características que são potencialmente observáveis pelos outros" (Rosenberg, 1979, cit. por Hater, 1999:37).

De modo geral, existe uma evidente falta de coerência nas descrições que as crianças efectuam de si próprias. Esta incapacidade de integração a par com a incoerência torna-se característica da cognição deste período, interferindo no modo de pensamento da criança em variados domínios.

A auto-avaliação deste período é acentuadamente positiva, chegando mesmo a ter contornos irrealistas, uma vez que as crianças muito jovens têm dificuldade em distinguir entre os seus desejos e as suas capacidades propriamente ditas. Por exemplo, uma criança desta idade é perfeitamente capaz de afirmar que consegue facilmente calçar-se e apertar os sapatos, quando na realidade o faz de forma lenta e vagarosa e apenas os apertará se o fecho for de velcro, sendo ainda incapaz de dar nós e laços nos atacadores. No fundo, com esta idade, a criança ainda não está capaz de diferenciar o eu-ideal do eu-real.

Do ponto de vista dos cognitivo-desenvolvimentalistas esta incapacidade é explicada por uma limitação cognitiva específica deste período: o facto da criança não ser capaz de utilizar a informação referente à comparação social em relação à percepção das suas competências. A capacidade de utilizar a comparação social em relação aos objectivos da auto-avaliação requer que a criança seja capaz de relacionar conceitos entre si, capacidade que a criança ainda não dispõe nesta idade.

Outra das limitações cognitivas é o facto da criança ainda não ser capaz de perceber simultaneidade de características ou sentimentos de valências opostas, descrevendo-se então apenas com aspectos positivos que predominam numa lógica de tudo ou nada, ou de pensamento dicotómico. Predomina então algo a que Case (1985) denominou de nível interrelacional: as crianças são capazes de efectuar ligações rudimentares sob a forma de estruturas sequenciais – dimensões físicas, actividades habituais, acontecimentos ao nível comportamental -, sem contudo conseguirem coordenar as estruturas entre si, dado que não mantêm em mente variadas estruturas em simultâneo.

Higgins (1991) realça o facto do desenvolvimento do self, neste período, envolver a interacção entre as capacidades cognitivas da criança e o papel dos agentes de socialização. Segundo o autor, a criança posiciona-se na mesma categoria que o progenitor do mesmo sexo, dando origem aos processos básicos de identificação, e, conseqüentemente, assume comportamentos e até mesmo características semelhantes ao progenitor a quem se identifica. Nesta fase as crianças já são capazes de formar estruturas que permitem reconhecer o facto de que o seu comportamento provoca uma reacção nos outros, o que, por sua vez, causa reacções psicológicas no self, que têm como consequência o facto da criança se envolver em comportamentos para agradar aqueles que lhe são significativos, habitualmente os pais.

Em suma, no que diz respeito à estrutura, o self aos 3 e 4 anos é definido por descrições simples, relacionadas com aspectos concretos de caracterização física, comportamental, de competências, preferências e motivações. A dificuldade na organização das descrições conduz a falta de coerência, acrescida do facto de serem pouco estáveis no tempo e de dependerem de variadas circunstâncias

3.2 O Self dos 5 aos 7 anos

Dos 5 aos 7 anos de idade, as auto-representações, ainda com características do período anterior, apresentam novas transformações. De modo geral, a representação que as crianças constroem sobre si mesmas continua a ser bastante positiva e com alguma sobrevalorização, segundo a descrição de Harter (1999). Porém, Barbosa-Ducharme (2005) encontrou três tipos de grupos de crianças portuguesas de 5 anos: as que sobrevalorizam a sua competência, as que têm uma noção precisa da mesma

e ainda as que apresentam uma desvalorização, isto é que são muito mais eficazes na prática do que aquilo que percebem.

As características de descrição referem-se às diversas competências que cada criança apresenta a nível social, cognitivo, de desempenho, etc. Embora prevaleça o pensamento de tudo ou nada, parece já existir alguma coordenação em conceitos anteriormente compartimentados, ou seja, a criança, que entretanto desenvolveu a capacidade de ligar ou relacionar características, torna-se capaz de agrupar algumas das suas capacidades como descrever aquilo em que apresenta um bom desempenho (ser bom na escola, a jogar à bola, no jogos), ou o facto de se relacionar com várias pessoas em diferentes contextos (amigos da escola, do bairro, da catequese).

Surge neste fase a capacidade de ligar conceitos pela oposição: alto/baixo, forte/fraco, ou, especialmente, bom/mau, uma vez que a criança valoriza os aspectos positivos e descreve-se a partir das capacidades em que sente que tem um bom nível. Todavia, o pensamento de tipo tudo ou nada, impossibilita a coexistência de aspectos opostos em simultâneo, isto é, se a criança se considera boa em determinado aspecto, então não poderá ser má, ou seja, uma dada especificidade exclui a que lhe é oposta. Case (1985) define esta fase como uma fase de pensamento unidimensional. Começa no entanto a existir a noção de que se pode ter sido ou que se poderá vir a ser mau num dado momento.

As representações são assim essencialmente positivas e auto-valorizativas, à excepção do que ocorre em crianças sujeitas a forte negligência, abuso e a maus-tratos, que podem então apresentar representações claramente negativas em relação a si próprias, assumindo desta forma características de alguém mau.

No que diz respeito à integração de aspectos emocionais aquilo que ocorre é semelhante: existe um avanço em relação ao período anterior no aspecto em que as crianças se apercebem que podem sentir duas emoções em simultâneo, mas apenas se estas possuírem a mesma valência, permanecendo ainda sem capacidade para integrar emoções de valência oposta. Isto significa que podem desenvolver conjuntos representacionais para emoções da mesma valência, mas tratam-se para já de categorias emocionais separadas, ou seja, uma para emoções positivas, outra para emoções negativas, que dado serem percebidos como opostos – tal como aconteciam na descrição das suas características pessoais, se tornam incompatíveis, uma categoria excluindo a outra.

Relativamente aos processos sociais que interferem no desenvolvimento do self, evidencia-se a influência da perspectiva dos outros. Nesta faixa etária, as crianças apercebem-se que as pessoas com quem interagem – os agentes de socialização – têm um determinado ponto de vista em relação a eles e ao seu comportamento, e funcionam como guias, uma vez que as crianças começam a perceber o facto dos outros terem determinadas expectativas em relação a si próprias, permitindo assim a auto-regulação do seu comportamento de forma já mais complexa do que o que faziam no período anterior. Enquanto que nos anos precedentes as crianças apenas percepcionavam o facto do seu comportamento provocar uma reacção nos outros – o que as levava a comportar-se procurando reacções positivas daqueles que lhes são significativos – neste momento as crianças começam a adquirir a noção não apenas da reacção, mas sim do facto de existirem expectativas por parte dos outros. Ou seja, enquanto que numa fase mais precoce o comportamento das crianças é regulado sobretudo a nível externo – através do reforço ou recompensa, da punição e da modelação –, as crianças, gradualmente, tornam-se capazes de antecipar a reacção dos outros e de internalizar os limites e as regras que lhes são veiculadas pelos seus referentes.

À medida que a criança passa por esse processo de internalização, essas regras, limites e padrões que vai “absorvendo” daqueles que lhe são significativos vão sendo tomados como seus e regulam a suas próprias reacções, isto é, tornam-se nos seus próprios critérios quando se avalia de forma positiva ou negativa, o que interfere no seu comportamento e nas suas escolhas, sobretudo quando tem como objectivo obter a aprovação dos outros. Neste período específico começam a dar-se os primeiros passos nesse processo de internalização, que requer novas aquisições ao nível do desenvolvimento cognitivo para que se possa processar de forma plena, e consequentemente, mais algum tempo.

Poderemos então afirmar que nesta fase a criança já tem consciência do facto dos outros avaliarem as suas capacidades, mas ainda não desenvolveu totalmente a capacidade de ser suficientemente autocrítica para se auto-avaliar de acordo com os padrões que apreende dos outros. Neste nível de desenvolvimento, as crianças estão então mais viradas para o mundo exterior, sendo esta uma fase de socialização por excelência, e menos disponíveis para serem o seu próprio objecto de observação, ou seja de se debruçarem sobre as suas próprias experiências intra-psíquicas e de se pensarem a si próprios.

Embora existam ainda limitações, surgem também neste período avanços no que diz respeito à capacidade para utilizar informação resultante da comparação social, surgindo em primeiro lugar comparações temporais relacionadas com o antes e o agora, que são gratificantes, dado o desenvolvimento rápido de algumas capacidades neste nível de desenvolvimento, o que, por sua vez, contribui para o colorido positivo que se mantém nas representações desta faixa.

3.3 O Self dos 8 aos 11 anos

Na fase de desenvolvimento seguinte, entre os 8 e os 11 anos as crianças mantêm as suas descrições ao nível das suas competências, mas já com uma tonalidade que reflecte o seu relacionamento com os outros, sobretudo ao nível dos pares “sou simpático”, “sou amigo”. Estas características representam já traços de generalizações de ordem superior, e têm por base a integração de características do self mais específicas que dizem respeito a diferentes comportamentos. De modo geral, o que acontece é que as crianças conseguem agrupar variadas características mais comportamentais em generalizações que implicam conceitos mais amplos e complexos, nas quais esses comportamentos se encontram integrados, muitas vezes sob uma forma hierarquizada. Do mesmo modo, as crianças começam a compreender que são capazes de apresentar características opostas em momentos ou contextos diferentes: ser bom aluno em determinadas áreas curriculares e não tão bom noutras, ser sossegado num determinado contexto ou local e mais activo noutro, o que implica que as suas representações são efectuadas tendo por base situações específicas.

A aptidão cognitiva adquirida de formação de conceitos de ordem superior permite à criança construir uma avaliação do self mais global, formando uma representação do valor de si enquanto pessoa. Da mesma forma, a criança torna-se capaz de comparar dois conceitos e ainda coordenar auto-representações anteriormente consideradas como opostas e mutuamente exclusivas, ocorrendo já um pensamento dito bidimensional, na terminologia de Case (1992).

Deste modo, as descrições sobre si mesmo começam a ser representações mais equilibradas, tendo em conta capacidades e limitações, pelo que as crianças são mais autocríticas, constituindo uma imagem mais próxima do ponto de vista que os outros têm do self. Tal acontece sobretudo devido à ocorrência em simultâneo, ou numa

sequência rápida, de experiências em que a criança se confronta com duas características de ordem inferior, opostas, que ocorrem repetidamente, contribuindo para o reforço da sua inter coordenação.

Os processos que ocorrem neste período estendem-se igualmente aos conceitos emocionais, pelo que a criança se torna capaz de integrar emoções opostas e de compreender que poderá sentir-se de duas formas opostas em simultâneo, sentindo-se, por exemplo, feliz na sequência de determinado acontecimento, ter uma boa nota, por exemplo, e ao mesmo tempo triste por qualquer outro motivo, por exemplo, a sua equipa ter tido um mau resultado num jogo; isto é, associa-se a um acontecimento positivo um sentimento positivo, e a um acontecimento negativo um sentimento negativo. Nesta fase, a criança ainda não consegue aceder cognitivamente ao facto de um mesmo acontecimento poder provocar ambos os tipos de sentimento, positivo e negativo em simultâneo, por exemplo ter um animal de estimação pode ser uma alegria, mas também originar alguma apreensão dada a responsabilidade que cuidar de um animal implica. Tal ocorre só numa fase posterior, mais próxima do final da infância.

Iremos de seguida debruçarmo-nos sobre a forma como se processa a avaliação do self, mais especificamente através da utilização do instrumento desenvolvido por Harter e Pike (1983, 1984) para crianças e que será utilizado na parte empírica deste estudo.

4. Avaliação do Self

Existem diversas formas de se obter informação do estágio do self em que uma criança se encontra e do modo como se descreve e ao seu sentimento de identidade. Na sequência do modelo apresentado, e considerando os participantes deste estudo, mais concretamente em termos da faixa etária em que se encontram, optamos por apresentar o instrumento desenvolvido por Harter e Pike (1983, 1984), que se destina a crianças dessa idade e que, tal como anteriormente referido, será por nós utilizado.

A equipa de Harter desenvolveu uma série de instrumentos de avaliação do self (de constructos que lhe são inerentes) numa perspectiva de ciclo vital construindo instrumentos de avaliação para diferentes faixas etárias.

Dado o objecto deste estudo, apenas será descrita a Escala Pictórica de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social na versão Pré-Escolar (Harter e Pike, 1983,1984) que foi elaborada para idades mais novas e na sua adaptação à população portuguesa (Ducharme, 2000).

Na sua versão original a escala é constituída por 24 itens repartidos por quatro sub-escalas: percepção de competência cognitiva, percepção de competência física, percepção de aceitação pelos pares e percepção de aceitação materna. Trata-se de uma escala pictórica de aplicação individual, sendo que o entrevistador coloca uma questão à criança utilizando uma imagem como suporte visual do tema que é questionado. As questões estão formuladas de forma a reduzir a desejabilidade social o máximo possível, sendo os itens apresentados de modo dicotómico permitindo uma resposta numa escala de quatro pontos. Para tal, cada criança é confrontada com duas crianças do mesmo género que o seu; uma das quais é descrita como competente ou socialmente aceite numa situação específica, enquanto a outra é apresentada como menos competente ou menos aceite. A criança entrevistada deverá então indicar com qual das crianças se identifica mais. De seguida, em função da sua escolha, a criança é confrontada com uma nova alternativa entre duas descrições de intensidade diferente, face às quais deve, uma vez mais, optar pela situação com a qual mais se identifica, em termos da sua competência e da sua aceitação.

Da análise efectuada por Harter e Pike (1984) para validação da escala foi saliente uma tendência por parte das crianças à sobrevalorização na auto-apreciação, sobretudo ao nível da competência. Estes resultados poderão ser interpretados considerando a tendência que existe para as crianças dessa idade se auto-avaliarem em função daquilo que gostariam de ser, e não tal como são, uma vez que ocorre dificuldade em efectuar uma separação entre o self ideal e o self real. Estes dados estão de acordo com o processo de desenvolvimento do self anteriormente descrito.

Apesar desta tendência, a escala constitui um instrumento de fácil aplicação e com propriedades psicométricas positivas⁵. Embora exista a possibilidade de utilizar as sub-escalas separadamente e tal tenha sido feito em variados estudos existem outros estudos que utilizam a auto-percepção de competência e aceitação social como uma das variáveis caracterizadoras da amostra de crianças com idade pré-escolar. "Não há

⁵ Os valores de consistência interna da escala original (alpha de Cronbach) encontrados foram: para a sub-escala de percepção de competência cognitiva .71; para a sub-escala de percepção de competência física .66; para a sub-escala relação com os pares: .74, para a sub-escala relação com a mãe: .85; para a competência pessoal .79 e para aceitação social .88)

dúvida que a auto-percepção de competência e aceitação social constitui um importante componente do self pré-escolar” (Ducharme, 2000:202).

Na adaptação portuguesa da escala procederam-se a algumas alterações. Após um longo trabalho de tradução e adaptação (Ducharme, 2000,2004) foram acrescentados oito novos itens, tendo sido alterados alguns pormenores em algumas imagens.

Posteriormente à análise do comportamento dos diferentes itens no estudo-piloto que foi efectuado, foi construída uma versão final constituída por 32 itens divididos por quatro sub-escalas: percepção de competência na realização de actividades naturalmente aprendidas, percepção de competência na realização de actividades intencionalmente ensinadas, percepção da qualidade de relação com a mãe e percepção da qualidade da relação com os pares, modificadas em relação à escala original pela análise factorial efectuada, com o objectivo de aumentar a validade da mesma.

A partir das sub-escalas são obtidos os valores da auto-percepção de competência pessoal (percepção de competência na realização de actividades naturalmente aprendidas e percepção de competência na realização de actividades intencionalmente ensinadas) e da auto-percepção de aceitação social (percepção da qualidade de relação com a mãe e percepção da qualidade da relação com os pares) que por sua vez compõem a auto-percepção de competência e aceitação social.

Este construto de auto-percepção de competência e aceitação social é assim constituído por dois construtos diferenciados: a auto-percepção de competência pessoal e a auto-percepção de aceitação social, que por sua vez se diferenciam em função do domínio de referência.

Dado que esta adaptação apresentou igualmente bons resultados ao nível da consistência interna e que foi bem sucedida na aplicação a crianças portuguesas com características semelhantes às das participantes neste estudo, optou-se por utiliza-la como medida de avaliação do self.

5. Síntese

Ao longo deste capítulo procurou-se abordar o modelo estrutural cognitivo do self de Susan Harter. Como ponto de partida foram referidos os contributos de William James e Charles Cooley, sendo que o conceito de outros significativos deste último assume não só particular relevância no modelo de Harter como também no presente estudo uma vez que as relações entre irmãos serão provavelmente as mais significativas quando se consideram outras relações familiares para além da relação pais-filhos.

Dado que o self é um constructo que se encontra em permanente desenvolvimento e que assume diferentes formas quer em termos da sua estrutura, quer em termos dos conteúdos ao longo do tempo, foi descrito o modo como o self se encontra organizado ao longo da infância, sendo que os participantes deste estudo se encontram inseridos nesta fase etária do desenvolvimento.

Foi igualmente dedicada alguma atenção à avaliação do self na faixa etária do pré-escolar uma vez que a parte empírica do estudo será utilizada a adaptação portuguesa da Escala Pictórica de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social na versão Pré-Escolar de Harter e Pike (1983,1984) na versão desenvolvida por Ducharme (2000, 2004), como instrumento de avaliação do self.

Parte Empírica

Apresentação do Estudo

1. Introdução

A revisão bibliográfica dos estudos efectuados nas últimas décadas sobre a relação entre irmãos pôs bem em evidência a importância desta relação no seio da família, colocando os irmãos entre os "outros significativos" que desempenham um papel no processo desenvolvimental de todo aquele que pode beneficiar desta vivência tão particular. De facto, a relação fraterna mantendo o carácter idiossincrático de cada fratria, apresenta características tão peculiares que justificam a sua abordagem enquanto factor de desenvolvimento psicológico. Um irmão é um companheiro de brincadeira, é um modelo a imitar, é fonte de conflito, é fonte de apoio, é uma companhia, é objecto de amor, é alvo de agressividade, é partilha de intimidade e de experiências significativas e ... é tudo isto e muito mais.

Ou seja, um irmão é um "outro significativo", cuja aprovação e consideração positiva, contribui para a definição de um dos determinantes do sentido de self, tal como é conceptualizado por Susan Harter e a cuja revisão se procedeu no capítulo anterior.

Partindo desta ideia, o presente estudo pretende explorar a associação entre a natureza da relação fraterna e o desenvolvimento do self.

No presente capítulo irá ser efectuada a apresentação do estudo, nomeadamente o objectivo geral e as questões de investigação bem como a descrição da metodologia utilizada, isto é, a caracterização da amostra, a selecção dos participantes, os instrumentos e o procedimento de recolha.

2. Objectivos

O estudo efectuado tem como objectivo essencial explorar em primeiro lugar a natureza das relações entre irmãos e em segundo a associação desta com o desenvolvimento do self do elemento mais novo da fratria nomeadamente ao nível da auto-percepção de competência e de aceitação social.

Considerando a carência de estudos relacionados com as relações fraternas no contexto português⁶ pretende-se efectuar uma primeira abordagem nessa área.

Tal como se torna saliente após a revisão bibliográfica efectuada e descrita no primeiro capítulo, as investigações publicadas referem-se na sua maioria a estudos de interacção, como é o caso dos estudos efectuados por Dunn e colaboradores (e.g. Dunn et al, 1991; Dunn et al, 1994), ou a estudos em que apenas se obtém a percepção da relação por parte de um dos elementos (e.g. Furman & Buhrmester, 1985; Howe et al, 1998).

Assim, consideramos este estudo inovador na medida em que terá em conta a dupla percepção dos intervenientes, pelo que permite determinar a existência de congruência ou de discrepância nas percepções que ambos os elementos têm da natureza da relação. Para além disso pretende-se estudar a forma como esses resultados se associam em termos do desenvolvimento do self do irmão mais novo.

“As características da relação entre irmãos – a frequência da interacção, a sua qualidade emocional, o interesse de cada um dos irmãos pelo outro, as sequências imitativas, a vinculação e o ensino – sugerem que a interacção entre irmãos pode influenciar não só a natureza da relação posterior futura entre cada um dos irmãos, mas ainda a personalidade de cada um dos irmãos enquanto indivíduo” (Dunn, 1983: 797).

3. Questões de Investigação

Em primeiro lugar, pretende-se com este estudo explorar a percepção que as crianças têm da sua relação com os irmãos e pesquisar a natureza da relação fraterna. Pretende-se igualmente explorar a existência de diferenças quer em termos do género da díade, quer em termos da posição na fratria. Ou seja: serão as díades constituídas por meninas diferentes das díades constituídas por rapazes no que diz respeito à percepção que têm da sua relação com os irmãos? Existirão diferenças associadas à posição que a criança ocupa? A percepção do ponto de vista do irmão mais velho é semelhante ou diferente da que o irmão mais novo tem?

⁶ Da pesquisa efectuada apenas surgiram dois estudos, um referente às relações fraternas de sujeitos adultos (Fernandes, 2002) e outro com fratrias em que um dos elementos apresentava paralisia cerebral (França, 2000).

Um outro tipo de questões que este estudo procura explorar diz respeito ao desenvolvimento do self do irmão mais novo: que tipo de percepção têm os elementos mais novos de uma díade de irmãos no que diz respeito à sua competência e aceitação social? A auto-percepção de competência e a auto-percepção de aceitação social apresentam alterações dependendo da posição ocupada na fratria? Existem diferenças a esses níveis quando se comparam primogénitos com segundos filhos?

Finalmente, este estudo visa obter evidências relativamente à existência de associações entre a natureza da relação fraterna e o desenvolvimento do self do irmão mais novo. Pretende-se num primeiro momento considerar a percepção que o irmão mais novo tem da sua relação fraterna e a forma como esta se encontra associada ao desenvolvimento do seu self no que diz respeito à auto-percepção de competência pessoal e de aceitação social. Num segundo momento pretende-se explorar a congruência existente entre as percepções que ambos elementos da díade têm da relação e a possibilidade de existirem diferenças ao nível do desenvolvimento do self do irmão mais novo relativamente à sua auto-percepção de competência pessoal e de aceitação social, de acordo com o grau de convergência ou divergência entre as percepções de ambos os irmãos.

4. Descrição da Metodologia

Trata-se de um estudo de carácter exploratório o que condicionou algumas decisões tomadas em termos da definição do plano metodológico. Nesse sentido passaremos a descrever o procedimento de selecção dos participantes em função dos critérios definidos, a caracterização dos sujeitos que integram a amostra, os instrumentos utilizados e os procedimentos de recolha de dados.

4.1 Selecção da Amostra

4.1.1 Critérios de Selecção

A selecção dos participantes do estudo seguiu determinados critérios, definidos em função do objectivo e tendo em conta a necessidade de controlar uma multiplicidade de variáveis que poderiam ter impacto nos resultados do estudo, nomeadamente o sexo e a posição dos irmãos na fratria.

Assim, os critérios de inclusão dos participantes definiam que os sujeitos deveriam ter 5 anos de idade, frequentar o último ano do ensino pré-escolar e serem segundos filhos. Estes critérios foram definidos com o objectivo de permitir a replicação de parte do estudo de Ducharme (2000), mas desta vez com segundos filhos de forma a comparar resultados. O primogénito deveria ser do mesmo sexo e ter 8 anos de idade. O facto de se seleccionarem pares de irmãos do mesmo sexo teve como objectivo controlar essa variável, uma vez que a literatura indica que existem diferenças significativas quando se estudam as variáveis género e posição na fratria (cf. Cap.I). Idealmente, a amostra seria constituída por pares em que houvesse todas as combinações possíveis: pares do mesmo sexo e pares de género diferente constituídos por primogénitos do sexo feminino e irmãos do sexo masculino e vice-versa. Dado que este estudo se insere no âmbito de um mestrado com condicionantes associadas a prazos, optou-se pelos pares de irmãos do mesmo género de modo a poder ser melhor controlada a variável género e a variável posição na fratria.

A idade do primogénito foi definida por um lado, por ser considerado um intervalo nem demasiado próximo, nem demasiado grande e, por outro, na tentativa de poder partilhar participantes de outro estudo em curso, o qual incluía uma avaliação do self. Estes dados poderiam enriquecer o presente estudo.

Relativamente aos pais estes deveriam estar casados e a viver juntos, possuindo cada um pelo menos o 12º ano de escolaridade. Dada a multiplicidade de novas formas de famílias optou-se pela família tradicional e, mais uma vez, com critérios idênticos aos definidos no estudo de Ducharme (2000).

A definição da idade do irmão mais velho, como atrás se indica, teve em conta a possibilidade de partilhar sujeitos de um outro estudo⁷. Dado que se tornou impossível encontrar díades suficientes que preenchessem esse critério, optou-se por alargar a faixa etária dos irmãos mais velhos definindo que teriam de estar pelo menos num ciclo de ensino mais avançado (primeiro ciclo do ensino básico) e no máximo dois ciclos de ensino (segundo ciclo do ensino básico).

⁷ As crianças que participaram no estudo de Queirós (2005) sobre a relação avós-netos preenchiam os mesmos critérios de selecção que os primogénitos deste estudo e eram igualmente alvo de uma análise do self. Contudo, apenas um dos participantes do referido estudo foi igualmente participante do nosso estudo, o que impossibilitou a realização da análise pretendida.

Os critérios de definição da amostra condicionaram o número de participantes, pelo que não foi possível obter uma amostra tão numerosa quanto o desejado, considerando as limitações dos prazos definidos para a conclusão do estudo.

Tendo em vista a constituição da amostra, procedeu-se à elaboração de uma listagem dos colégios nos quais se iria proceder à recolha de dados, e foi solicitada a marcação de uma reunião com o objectivo de descrever o estudo e pedir a colaboração para a identificação de potenciais participantes. Essa listagem incluiu os dois colégios privados da cidade de Aveiro (Colégio D. José I e Colégio Português) e três colégios privados da cidade do Porto (Colégio de N. Sra. De Lurdes, Colégio Escravas do Sagrado Coração de Jesus e "O Ramalhete"). As reuniões decorreram com membros das direcções, coordenadores do ensino pré-escolar e do 1º e 2º ciclos e com o psicólogo (quando existente) dos colégios. Em alguns casos foi necessária mais que uma reunião.

Após identificação de potenciais participantes todos os pais das crianças foram contactadas e foi solicitada autorização para que os filhos tomassem parte no estudo.

4.1.2 Caracterização dos Participantes

A amostra é constituída por 20 pares de irmãos do mesmo sexo, (10 pares femininos e 10 pares masculinos). O irmão mais novo é o segundo filho da fratria, tem a idade compreendida entre os 62 e os 77 meses (com uma média de idades de 67.65 meses e desvio-padrão de 4.06 meses) e frequentou o último ano do Ensino Pré-Escolar no ano lectivo de 2003/2004. O irmão mais velho é o primogénito da família e tem idade compreendida entre os 88 e os 144 meses (com uma média de idades de 109.3 meses e com um desvio-padrão de 13.7 meses).

A diferença de idades entre irmãos varia entre os 19 e os 72 meses (com uma média de 41.65 meses e um desvio-padrão de 14.22 meses), tendo sido definidos dois grupos de fratrias, em função do intervalo de idades. Consideraram-se pares com intervalo de idades menor, os pares com um intervalo de idades inferior a 41 meses, enquanto que os pares de irmãos com intervalo de idades maior foram definidos quando o intervalo de idades ultrapassava os 42 meses. O quadro seguinte apresenta a distribuição das fratrias por sexo e diferença de idades.

Quadro 1 – Distribuição das fratrias por género e Intervalo de Idades

	Pares Intervalo de Idades Menor	Pares Intervalo de Idades Maior	Total
Pares Sexo Masculino	6	4	10
Pares Sexo Feminino	6	4	10
Total	12	8	

Para efeitos de análise dos pares em função do intervalo de idades foram definidos dois grupos: um grupo constituído por 12 pares de irmãos com intervalo de idades menor e um grupo constituído por 8 pares de irmãos com intervalo de idades maior.

Todas as crianças são filhos de pais não separados, ambos com o 12º ano como habilitações mínimas.

4.2 Instrumentos

Com o objectivo de recolher os dados relativos à relação fraterna foi efectuada uma pesquisa de instrumentos que avaliassem esse tipo de relação em crianças. Nesta pesquisa foi encontrado o Questionário de Relações entre Irmãos que, para além de ser uma medida da percepção que os elementos da relação tinham dessa mesma relação, integrava dimensões da relação fraterna apontadas como essenciais em grande parte da bibliografia revista (Dunn, 1983; Furman & Buhrmester, 1985; Schicke, 1995)⁸. Foi então efectuado um contacto com os autores solicitando a autorização para utilização do questionário.

A escolha do Questionário foi justificada por se tratar de uma boa medida da percepção da relação fraterna de uma perspectiva interna, de acordo com a categorização de Olson (1977, cit in Furman & Buhrmester, 1985) que pode fornecer

⁸ Da pesquisa efectuada a instrumentos de medida que avaliassem a relação fraterna, apenas se obteve informações relativas ao Questionário da Relação entre Irmãos de Furman & Buhrmester (1985). Numa fase posterior do estudo, já após a recolha de dados ter terminado tivemos acesso a um artigo de Howe et al (1998) em cujo estudo era feita referência a um Questionário de Mendelson intitulado Siblings Behavior and Feelings Questionnaire, ao qual não tivemos acesso.

“uma visão rica da história e do estatuto corrente da relação. Um interveniente é também sensível ao significado privado, íntimo de um comportamento e pode interpretar os comportamentos no contexto mais amplo da relação” (Furman & Buhrmester, 1985: 449).

Relativamente aos dados do desenvolvimento do self optou-se por utilizar a Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children (Harter & Pike, 1984) que na adaptação recente à população portuguesa – Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens de Ducharme (2000) –, oferecera resultados bastante satisfatórios.

De seguida procede-se à apresentação dos referidos instrumentos.

4.2.1 Questionário de Relações entre Irmãos

O Questionário de Relações entre Irmãos (QRI) constitui um instrumento criado por Furman e Buhrmester em 1985 (reformulado em 1990) a partir de uma investigação efectuada com o objectivo de descrever e avaliar a natureza das relações entre irmãos.

Através de um primeiro estudo (Furman & Buhrmester, 1985), foi obtida uma lista de qualidades (características) primárias das relações fraternas, a partir da qual foi criado e validado um questionário de avaliação das percepções que as crianças tinham da natureza das suas relações com os irmãos. O estudo foi efectuado com 49 crianças do 5º e 6º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos, pertencentes a famílias de classe média e alta de uma área metropolitana, que foram entrevistadas relativamente à percepção das características das suas relações fraternas. As dimensões identificadas eram próximas dos resultados de outros estudos sobre a relação fraterna (Dunn, 1983; Schicke, 1995).

Num segundo estudo (Furman & Buhrmester, 1985) um questionário que avaliava a percepção dessas características foi administrado a 198 crianças do 5º e 6º ano de escolaridade, tendo sido pesquisada a estrutura factorial desse questionário, através de uma análise de componentes principais.

O QRI, na sua versão final de 1990 (Buhrmester & Furman), contém 16 sub-escalas que se referem a diferentes características da percepção da relação fraterna, nomeadamente, Comportamento Pró-social, Parcialidade Materna, Cuidados que presta ao Irmão, Cuidados Recebidos do Irmão, Dominar o Irmão, Ser dominado pelo Irmão, Parcialidade Paterna, Afecto, Companheirismo, Antagonismo, Semelhanças, Intimidade, Competição, Admirar o Irmão, Ser admirado pelo Irmão e Discussão.

Estas sub-escalas encontram-se de acordo com a análise de componentes principais efectuada agrupadas em quatro factores, nomeadamente: Calor/Proximidade (Intimidade, Comportamento Pró-social, Companheirismo, Semelhanças, Admirar o Irmão, Ser admirado pelo Irmão e Afecto), Estatuto relativo/Poder (Cuidados que presta ao Irmão, Cuidados Recebidos do Irmão, Dominar o Irmão e Ser dominado pelo Irmão), Conflito (Discussão, Antagonismo e Competição) e Rivalidade (Parcialidade Materna e Paterna), tal como apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Organização das dimensões da relação fraterna por Factor

Calor/ Proximidade	Estatuto Relativo/Poder	Conflito	Rivalidade
<ul style="list-style-type: none">* Comportamento Pró-Social* Afecto* Companheirismo* Semelhanças* Intimidade* Admirar o Irmão* Ser admirado pelo Irmão	<ul style="list-style-type: none">* Cuidados que presta ao Irmão* Cuidados Recebidos do Irmão* Dominar o Irmão* Ser dominado pelo Irmão	<ul style="list-style-type: none">* Antagonismo* Competição* Discussão	<ul style="list-style-type: none">* Parcialidade Materna* Parcialidade Paterna

Cada sub-escala é composta por três itens medidos numa escala de Likert de 5 pontos, definida em todas as questões (à excepção das questões relativas à parcialidade parental) com a seguinte formulação:

1. *Quase nada.*
2. *Um bocadinho.*
3. *Assim, assim.*
4. *Bastante.*
5. *Imenso.*

Exemplos de itens são "Alguns irmãos preocupam-se muito um com o outro, enquanto outros irmãos não se preocupam assim tanto um com o outro. Quanto é que tu e o teu irmão se preocupam um com o outro?" ou "Alguns irmãos ajudam-se muito um ao outro, enquanto outros irmãos não se ajudam assim tanto. Quanto é que tu e teu irmão se ajudam um ao outro?" ou ainda " Quanto é que tu e o teu irmão se zangam e discutem um com o outro?"

Por sua vez, as escalas de parcialidade parental com itens do tipo: "Quem é que costuma ser melhor tratado pela (tua) mãe, tu ou o teu irmão?" ou "Quem recebe mais atenção do (teu) pai, tu ou o teu irmão?" variam as respostas numa escala de Lickert do tipo:

1. *Quase sempre a/o minha/meu irmã(o).*
2. *Habitualmente a/o minha/meu irmã(o).*
3. *Mais ou menos na mesma.*
4. *Habitualmente eu.*
5. *Quase sempre eu.*

Obtém-se uma medida de parcialidade absoluta, e não da direcção da parcialidade embora esta também possa ser deduzida; nesse caso quanto maior for a nota mais a parcialidade é sentida em relação ao próprio no sentido do favorecimento.

A cotação de cada sub-escala é obtida através da média das cotações dos itens que a constituem. Quanto à cotação dos factores é obtida através das sub-escalas que os constituem, calculando o seu valor médio, à excepção da escala de Estatuto relativo/Poder. Este resultado é obtido através dos valores das sub-escalas Cuidados que presta ao Irmão e Dominar o Irmão menos os valores das sub-escalas Cuidados Recebidos do Irmão e Ser dominado pelo Irmão.

A utilização do Questionário de Relações entre Irmãos (Buhrmester & Furman, 1990) insere-se portanto neste estudo com o objectivo geral de explorar a percepção que um grupo seleccionado de crianças portuguesas tem da natureza da relação que mantém com os seus irmãos. Pretende-se, de forma exploratória avaliar a possibilidade de esboçar uma tipologia de relações existentes entre pares de irmãos, alargando assim

o estudo das relações significativas a outras díades, dentro da família, para além da díade mãe/pai-filho.

4.2.1.1 Desenvolvimento do QRI

Considerando que a idade dos participantes deste estudo era bastante inferior à idade dos sujeitos do estudo original, o questionário foi traduzido e adaptado para que pudesse ser administrado sob a forma de entrevista (Albuquerque e Ducharme, 2004). Deste modo seriam garantidas quer a compreensão das questões quer a resposta a todas as questões.

Foi criado um suporte gráfico de apoio à Escala Likert de respostas para que as crianças pudessem visualizar as noções de quantidade, dado que as questões são na sua grande maioria formuladas a partir do pronome "Quanto"⁹.

Após a tradução e retroversão do questionário original foi efectuado um estudo piloto, com reflexão falada e ocorreu posterior reformulação das questões que suscitaram dúvidas.

O suporte gráfico de apoio à escala Likert de respostas foi igualmente alvo de ajustes, para que pudesse mais adequadamente dar uma noção objectiva da diferença de grau/quantidade nas respostas.

Foi, igualmente, acrescentado um 49º item referente à percepção que a criança tinha da demonstração do afecto existente entre ambos os irmãos. Esta decisão teve por base o facto de que a percepção de afecto pode ser algo sentido, mas que não é manifestamente expresso, em termos comportamentais. Foi considerado importante ver até que ponto a percepção de afecto coincidia com a percepção da expressão desse afecto, tal como acontecia nas outras dimensões do questionário.

Em suma, na sua forma final, o QRI versão portuguesa, é constituído por 49 itens, cotados numa escala de Lickert em cinco pontos e agrupados em 16 sub-escalas de três itens cada (excepto a sub-escala do Afecto, que tem 4), as quais por sua vez definem quatro factores.

⁹ Em comunicação pessoal directa com os autores, estes desaconselharam vivamente quer a retirada de qualquer item, quer mesmo a modificação dos existentes, pelo que se optou por manter o pronome interrogativo "quanto", sempre que este surgia no questionário original, com o objectivo de obter uma resposta mais facilmente quantificável.

De seguida foi efectuada uma nova administração do questionário a um par de irmãs, com filmagem da mesma, não só para detectar possíveis erros ou aspectos a melhorar na administração do questionário, mas também para posterior utilização na formação das colaboradoras que recolheram parte dos dados.

4.2.2 EAPCASC – Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens

4.2.2.1 Descrição do Instrumento

A Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens de Ducharme (2000, 2004) constitui a adaptação a uma população portuguesa da escala com o mesmo nome de Susan Harter e de Robin Pike (1983, 1984) e é um instrumento de avaliação de medidas do self com trinta e um itens que se referem a quatro áreas específicas, nomeadamente a Percepção da Natureza da Relação com a Mãe, a Percepção da Natureza da Relação com os Pares, a Percepção de Competência Aprendida (na realização de actividades naturalmente aprendidas: saltar, jogar à bola, correr) e a Percepção de Competência Ensinada (na realização de actividades intencionalmente ensinadas: escrever o nome, contar, apertar sapatos). As questões são formuladas com um suporte em imagens para facilitar a sua compreensão uma vez que se trata de um questionário que é aplicado a crianças em idade pré-escolar.

As respostas, dadas numa escala de Lickert entre 1 e 4, apresentam um formato específico dos itens com o objectivo de minimizar as respostas de desejabilidade social, introduzindo uma primeira opção na qual a criança deverá indicar com qual das crianças se identifica mais e após essa escolha deverá então definir entre duas novas possibilidades colocadas.

A escala avalia a percepção de competência pessoal e aceitação social que as crianças de 5 anos têm acerca de si próprias, sendo este um construto operacionalizado nas quatro sub-escalas referidas.

4.3 Procedimento

4.3.1 Formação de Colaboradores

Uma vez que o presente estudo faz parte de um projecto de investigação mais abrangente, subordinado ao tema "Desenvolvimento do self, numa perspectiva interaccionista, dispôs-se da colaboração de outros investigadores para a recolha de dados¹⁰. Estes colaboradores de investigação eram duas psicólogas recém-licenciadas, que participaram numa formação a qual teve como objectivo a familiarização com o instrumento e respectivo procedimento de adaptação, bem como proceder ao treino da técnica de aplicação.

Para tal, o Questionário foi analisado item a item sendo esclarecidos quer os procedimentos de aplicação, quer as questões levantadas. Posteriormente, foi exibido um filme com uma administração da versão adaptada do QRI seguida de uma discussão sobre o mesmo.

As colaboradoras fizeram uma administração do questionário a crianças com características semelhantes às das crianças que seriam incluídas na amostra (não era necessário que fossem filhos de pais não separados, nem que o irmão fosse do mesmo sexo), sendo que aplicaram a crianças de ambos os sexos e com 5 e 8 anos de idade.

Posteriormente, efectuou-se uma nova reunião para discutir as dificuldades sentidas e definir os procedimentos a utilizar sempre que surgissem situações imprevistas.

4.3.2 Recolha de dados

Após confirmada a autorização dos participantes, procedeu-se à marcação e execução das entrevistas aos pares de irmãos seleccionados. Os dois elementos da fratria foram entrevistados no mesmo dia, sendo administrado a ambos o Questionário de Relações

¹⁰ Projecto conduzido no âmbito do Centro de Psicologia da Universidade do Porto e subsidiado pelo Programa de Financiamento Plurianual de Unidades de I & D nº 50, da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa (Albuquerque e Ducharme, 2004). Ao elemento mais novo da fratria foi igualmente administrado a Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens (Ducharme, 2000).

A recolha de dados decorreu entre Janeiro e Junho de 2004, nos colégios privados da cidade de Aveiro e da cidade do Porto frequentados por alunos que preenchiam os critérios de inclusão na amostra, tendo as entrevistas sido conduzidas pela investigadora e por duas colaboradoras, recém-licenciadas em Psicologia que efectuaram uma formação específica para administração das provas, anteriormente descrita.

As colaboradoras recolheram cerca de metade dos dados efectuando um total de 22 recolhas (11 primogénitos e 11 segundos filhos).

4.3.3 Base de dados

Após a recolha dos dados foi criada uma base de dados através da utilização do Programa SPSS 12.0 para o Windows. Foi utilizado o mesmo programa no tratamento estatístico desses mesmos dados.

5. Síntese

Neste capítulo foi efectuada a apresentação do estudo. Em primeiro lugar foi descrito o objectivo geral e foram definidas as questões a pesquisar.

Seguidamente, procedeu-se à descrição da metodologia empregue, nomeadamente a selecção da amostra e a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados, quer o desenvolvimento da adaptação do Questionário da Relação entre Irmãos, quer a descrição da EAPCASC – Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens, bem como o procedimento de execução do estudo: formação de colaboradores, recolha e criação da base de dados

Apresentação dos resultados

1. Introdução

No presente capítulo serão apresentados os resultados obtidos através das análises estatísticas efectuadas.

Em primeiro lugar serão descritos os instrumentos no que diz respeito às suas características e ao seu desempenho no presente estudo nomeadamente em termos das suas qualidades psicométricas (sensibilidade dos itens e fidelidade).

De seguida, serão descritos os resultados obtidos ao nível da relação fraterna e da sua natureza, a saber, as medidas descritivas obtidas, os dados resultantes da análise correlacional entre as várias dimensões da relação fraterna e da pesquisa de diferenças de médias entre grupos definidos em função de variáveis independentes e ainda os dados referentes à aplicação de uma análise de clusters.

Seguidamente, serão apresentados os dados resultantes da análise da congruência das percepções que os irmãos têm da sua relação.

Serão depois descritos os dados obtidos na análise da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social dos irmãos mais novos.

Posteriormente, apresentam-se os resultados da pesquisa de associações entre as dimensões da relação fraterna e a Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social dos irmãos mais novos.

Por último, serão apresentados os dados referentes à pesquisa de associações entre a congruência das percepções que os sujeitos apresentam relativamente à sua relação com os irmãos e os dados obtidos ao nível da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social dos irmãos mais novos.

2. Estudo dos Instrumentos

2.1 Questionário de Relações entre Irmãos (QRI)

A versão final do Questionário de Relação entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa, tal como foi utilizado neste estudo, foi submetido aos procedimentos correntes de apreciação das suas qualidades psicométricas, nomeadamente ao nível da sensibilidade dos itens, bem como da sua fidelidade, através do índice de consistência interna. Apresentaremos, de seguida, os resultados destas análises, na sequência das quais se procederá à leitura descritiva dos dados obtidos com a escala.

Dada a dimensão da amostra considerou-se não estarem reunidas as condições para se poder aplicar uma análise factorial com significado pelo que não se procedeu ao estudo da estrutura factorial do instrumento.

2.1.1 Sensibilidade dos itens

Tendo em vista a apreciação da sensibilidade dos itens que fazem parte do Questionário de Relação entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa, procedeu-se à análise da distribuição para cada item. O quadro 3 indica a variação obtida para cada item, a respectiva média e desvio-padrão, bem como os valores de assimetria e curtose obtidos.

Da leitura do quadro 3 podemos afirmar que, na sua maioria (43 em 49), os itens apresentam uma variação de 1 a 5, à excepção do item 1 “fazerem coisas boas”, item 7 “Pai tratar melhor”, item 11 “gostarem das mesmas coisas”, item 18 “Mãe dar atenção”, item 25 “brincar e divertir” em que a variação é de 2 a 5 e do item 34 “Mãe favorece”, o qual varia de 1 a 4.

Verificou-se que o item que apresenta maior média é o item 40 “força com que gostam um do outro” ($M=4.35$ e $DP=1.19$) e o item cuja média apresenta menor valor é o item 37 “ser mandão com o irmão” ($M=1.93$ e $DP=1.16$). No que diz respeito ao desvio padrão, o item cujo valor é mais elevado é o item 4 relativo a quanto o irmão mostra como se fazem coisas que o sujeito não consegue fazer sozinho ($DP=1.62$), sendo o item 34 “Mãe favorece” aquele que apresenta menor desvio-padrão ($DP=0.66$).

Quadro 3 – Sensibilidade dos Itens do Questionário de Relação entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa: variação, média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose obtidos (N=40)

Item	Variação	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose
1. Fazer coisas boas	2-5	3.75	1.08	-.37	-1.10
2. Mãe tratar melhor	1-5	3.10	0.93	-.00	.46
3. Mostrar coisas	1-5	3.13	1.42	-.19	-1.25
4. Irmão mostrar coisas	1-5	3.20	1.62	-.23	-1.58
5. Dizer o que fazer	1-5	3.18	1.38	-.27	-1.08
6. Irmão diz que fazer	1-5	2.88	1.44	.18	-1.22
7. Pai tratar melhor	2-5	3.18	0.71	1.08	1.79
8. Preocupar-se	1-5	3.68	1.35	-.63	-.70
9. Ir sítios, fazer coisas	1-5	3.98	1.05	-1.07	.65
10. Chamar nomes	1-5	2.50	1.47	.49	-1.11
11. Gostar mesmas coisas	2-5	3.78	0.95	.10	-.27
12. Contar tudo	1-5	3.18	1.32	-.13	-1.07
13. Ganhar/Ser melhor	1-5	2.85	1.41	.28	-1.13
14. Admirar Respeitar	1-5	3.85	1.10	-.91	.50
15. Irmão Admira/Respeita	1-5	3.53	1.22	-.69	-.23
16. Discordar/Brigar	1-5	2.58	1.32	.29	-.93
17. Ajudar	1-5	3.85	1.15	-.66	-.55
18. Atenção Mãe	2-5	2.95	0.78	.77	.77
19. Ajudar coisas que não consegue sozinho	1-5	3.60	1.43	-.74	-.74
20. Irmão ajudar coisas que não consegue só	1-5	3.48	1.34	-.42	-.97
21. Mandar fazer	1-5	2.42	1.30	.32	-1.18
22. Irmão mandar fazer	1-5	2.75	1.61	.19	-1.55
23. Atenção pai	1-5	3.00	0.93	-.20	.45
24. Gostar	1-5	4.30	1.04	-1.51	1.68
25. Brincar/Divertir	2-5	4.30	1.04	-1.36	.59
26. Ser mau	1-5	2.65	1.37	.62	-.82
27. Parecido	1-5	2.73	1.28	.16	-.94
28. Partilhar segredos e sentimentos	1-5	2.85	1.55	.26	-1.45
29. Ver quem é melhor	1-5	2.78	1.51	.36	-1.20
30. Respeitar/Orgulho	1-5	3.88	1.14	-.85	.18
31. Irmão Respeita/Orgulho	1-5	3.78	1.23	-.68	-.57
32. Zangar/Discutir	1-5	2.42	1.24	.65	-.25
33. Partilhar	1-5	3.70	1.24	-.82	-.29
34. Mãe favorece	1-4	3.03	0.66	-1.15	3.41
35. Ensinar	1-5	3.60	1.30	-.68	-.53
36. Irmão ensinar	1-5	3.35	1.53	-.49	-1.21
37. Ser mandão	1-5	1.93	1.16	1.18	.67
38. Irmão ser mandão	1-5	2.33	1.42	.85	-.53
39. Pai favorece	1-5	3.00	0.72	.00	1.76
40. Força Gostar	1-5	4.35	1.19	-1.79	2.08
41. Passar tempo livre	1-5	4.13	1.07	-1.06	.47
42. Chatear/Implicar	1-5	2.88	1.22	.34	-.62
43. Parecer	1-5	2.85	1.49	.08	-1.32
44. Dizer coisas que não quer q outros saibam	1-5	3.00	1.34	.20	1.15
45. Tentar fazer melhor	1-5	2.85	1.31	.08	-1.04
46. Ser fã	1-5	3.68	1.42	-.63	-1.01
47. Irmão ser fã	1-5	3.68	1.37	-.64	-.78
48. Discutir	1-5	2.68	1.21	.40	-.56
49. Mostrar que gosta	1-5	4.08	1.14	-1.35	1.19

Relativamente às medidas de assimetria e curtose, também nos parece possível afirmar que o questionário, de modo geral, apresenta medidas razoáveis. Os valores que se destacam mais são, na assimetria, o item 40 “força com que gostam um do outro” (-1.79) e na curtose o item 7 “pai tratar melhor” (1.78), item 34 “Mãe favorece”

(3.41), item 39 "Pai favorece" (1.76) e item 40 "força com que gostam um do outro" (2.08).

Em suma, pode considerar-se que os itens que constituem o Questionário de Relação entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa no que diz respeito à sensibilidade, são, de modo geral, satisfatórios.

2.1.2 Fidelidade

Tendo em conta o tamanho da amostra, não foi efectuada uma análise factorial dos dados, mas foram considerados os factores definidos na Escala original: Calor/Proximidade, Estatuto relativo/Poder, Conflito e Rivalidade obtidos a partir da pontuação obtida nos itens pertencentes respectivamente às escalas de Comportamento Pró-social, Afecto, Companheirismo, Semelhanças, Intimidade, Admirar o Irmão, Ser admirado pelo Irmão (Factor I), Cuidados que presta ao Irmão, Cuidados Recebidos do Irmão e Dominar o Irmão e Ser dominado pelo irmão (Factor II), Discussão, Antagonismo e Competição (Factor III) e Parcialidade Materna e Paterna (Factor IV).

Esta estrutura foi usada na exploração da fidelidade do QRI.

A fidelidade do Questionário de Relação entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa, foi apreciada através do cálculo do índice de consistência interna (coeficiente alpha de Cronbach).

De seguida, apresentam-se os valores do coeficiente Alpha de Cronbach encontrados para a totalidade dos itens da escala e para cada um dos factores no quadro 3, bem como os valores de alpha, caso o item seja retirado da escala.

O valor de alpha de Cronbach obtido, quando se considera cada um dos factores identificados, foi de .88 para o factor Calor/Proximidade da relação, de .80 para o factor Estatuto relativo/Poder, de .71 para o factor Conflito, e, finalmente de .51 para o factor Rivalidade.

Quadro 4 – QRI: Valores de Alpha de Cronbach obtidos para a Escala completa e para o Factor respectivo, caso seja retirado cada um dos itens

ITEM/FACTOR	Factor I	Factor II	Factor III	Factor IV
	Calor	Estatuto Relativo/	Conflito	Rivalidade
	Proximidade	Poder		
	Alpha			
1. Fazer coisas boas	.88	.80	.71	.51
2. Mãe tratar melhor	.87			.40
3. Mostrar coisas		.81		
4. Irmão mostrar coisas		.78		
5. Dizer o que fazer		.78		
6. Irmão diz que fazer		.79		
7. Pai tratar melhor				.53
8. Preocupar-se	.87			
9. Ir sítios, fazer coisas	.87			
10. Chamar nomes			.66	
11. Gostar mesmas coisas	.88			
12. Contar tudo	.88			
13. Ganhar/Ser melhor			.71	
14. Admirar Respeitar	.87			
15. Irmão Admira/Respeita	.87			
16. Discordar/Brigar			.66	
17. Ajudar	.87			
18. Atenção Mãe				.54
19. Ajudar coisas que não consegue sozinho		.79		
20. Irmão ajudar coisas que não consegue só		.77		
21. Mandar fazer		.80		
22. Irmão mandar fazer		.79		
23. Atenção pai				.35
24. Gostar	.86			
25. Brincar/Divertir	.87			
26. Ser mau			.66	
27. Parecido	.88			
28. Partilhar segredos e sentimentos	.87			
29. Ver quem é melhor			.72	
30. Respeitar/Orgulho	.87			
31. Irmão Respeita/Orgulho	.87			
32. Zangar/Discutir			.69	
33. Partilhar	.87			
34. Mãe favorece				.42
35. Ensinar		.79		
36. Irmão ensinar		.78		
37. Ser mandão		.81		
38. Irmão ser mandão		.79		
39. Pai favorece				.51
40. Força Gostar	.86			
41. Passar tempo livre	.87			
42. Chatear/Implicar			.67	
43. Parecer	.87			
44. Dizer coisas que não quer q outros saibam	.88			
45. Tentar fazer melhor			.69	
46. Ser fã	.87			
47. Irmão ser fã	.87			
48. Discutir			.67	
49. Mostrar que gosta	.87			

Em suma, e seguindo as orientações de Almeida e Freire (2000) que definem a necessidade de um índice de alpha com valores iguais ou superiores a .70, podemos afirmar que à excepção do factor Conflito, estamos perante resultados indicadores de uma elevada consistência interna dos itens. De facto, os valores encontrados como índices de consistência interna do Questionário de Relação entre Irmãos – formato

entrevista, adaptação portuguesa, e sobretudo para os dois primeiros factores foram considerados muito satisfatórios e indicadores de homogeneidade entre os itens.

De acordo com a leitura do quadro 3 podemos afirmar que embora nenhum dos itens produza, no caso da sua exclusão, grandes variações no valor de alpha obtido para a totalidade da escala salienta-se o item 2 "Mãe tratar melhor" como aquele que maior oscilação origina no sentido de aumentar o valor de alpha global e o item 4 "Irmão mostrar coisas que não sabe" como o que causa uma maior variação no sentido de diminuir o valor de alpha obtido.

No que diz respeito ao factor Calor/Proximidade da relação não se registam alterações relevantes devidas à retirada de qualquer dos itens, o mesmo acontecendo com o segundo factor, o de Estatuto relativo/Poder. Neste factor, os itens são de "sinal contrário" dois a dois, verificando-se que os que se referem quer ao domínio do irmão, quer aos cuidados prestados pelo irmão, se retirados provocam uma descida maior no valor de alpha que os itens que se referem ao próprio (ser cuidado e ser dominado).

Relativamente ao factor Conflito a retirada de qualquer um dos itens provoca uma descida significativa do valor de alpha, sendo que a retirada dos itens 10 "chamar nomes", 16 "discordar e brigar" e 26 "serem mauzinhos" faz descer o valor de alpha para .66. Por último, no respeitante ao factor Rivalidade a retirada de qualquer dos itens provoca uma descida significativa no valor de consistência interna salientando-se o item 23 "atenção do pai" ($\alpha=.35$).

Podemos deste modo concluir que os itens que constituem o QRI se revelaram satisfatórios, considerando os resultados das análises efectuadas.

2.1.3 Medidas Descritivas

De seguida apresenta-se o quadro relativo às medidas descritivas obtidas para os quatro factores considerados. Não é considerada uma medida total da escala dado que os autores do questionário retiraram a Avaliação Global da Relação que era considerada na escala original (Buhrmester & Furman, 1990). Não fará sentido portanto, calcular valores médios, nem somatórios uma vez que o questionário é constituído por dimensões com valorização positiva como o afecto, por exemplo e por

dimensões com valorização negativa, como é o caso do conflito e os resultados seriam pois desprovidos de sentido.

Quadro 5 – QRI: Medidas descritivas dos Factores: média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose obtidos

<i>Factor</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>Assimetria</i>	<i>Curtose</i>
Calor/Proximidade	3,70	1,11	-,75	,08
Estatuto relativo/Poder	2,23	2,02	-,17	-,92
Conflito	2,56	1,11	,73	-,10
Rivalidade	3,46	1,12	,00	-,87

Partindo da leitura do quadro, constatamos que o factor que apresenta uma média mais elevada é o factor Calor/Proximidade (M=3.70; DP=1.11), seguido do factor Rivalidade (M=3.46, DP=1.12). O factor que apresenta uma média inferior é o factor Estatuto relativo/Poder (M=2.23, DP=2.56). O factor que tem maior desvio-padrão é o factor estatuto relativo/poder, o que se explica facilmente pelo carácter “complementar” dos itens.

Note-se que os valores de assimetria e curtose dos quatro factores estão dentro dos valores desejáveis, sendo indicadores de uma distribuição próxima da normal.

2.2 EAPCASC – Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens

A versão final da Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens, tal como foi utilizada neste estudo, foi submetida aos procedimentos correntes de apreciação das suas qualidades psicométricas, nomeadamente ao nível da sensibilidade dos itens, bem como da sua fidelidade, através do índice de consistência interna. Apresentaremos, de seguida, os resultados destas análises.

2.2.1 Sensibilidade dos itens

Tendo em vista a apreciação da sensibilidade dos itens que fazem parte da Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens, procedeu-se à análise da distribuição para cada item, tal como descrito no quadro 6, que indica a variação obtida para cada item, a respectiva média e desvio-padrão, bem como os valores de assimetria e curtose obtidos.

Quadro 6 – Sensibilidade dos Itens EAPCASC – Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens: variação, média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose obtidos (N=20)

Item	Variação	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose
1. Puzzles	2-4	3.55	.76	-1.39	.41
2. Amigos	1-4	3.35	1.04	-1.43	.78
3. Baloços	1-4	3.35	.99	-1.17	-.04
4. M bem disposta	2-4	3.20	.52	.29	.46
5. E elogia	2-4	3.55	.61	-1.00	.19
6. Convidado dormir	1-4	2.05	1.23	.64	-1.29
7. Tropa	1-4	3.05	1.05	-.71	-.72
8. M passear	2-4	3.05	.51	.11	1.65
9. Cores	3-4	3.80	.41	-1.62	.70
10. Amigos p jogar	2-4	3.10	.79	-.19	-1.31
11. Apertar sapatos	1-4	2.85	1.04	-.30	-1.14
12. M faz comidas	2-4	3.30	.66	-.40	-.55
13. Contar	1-4	3.65	.81	-2.50	5.95
14. Amigos p brincar	1-4	3.30	1.03	-1.32	.59
15. Saltar	2-4	3.45	.76	-1.02	-.37
16. M lê histórias	1-4	2.90	.85	-.36	-.30
17. 1ª letra nome	3-4	3.95	.22	-4.47	20.00
18. Chamado p brincar	2-4	3.10	.79	.19	-1.31
19. Corre	2-4	3.65	.75	-1.85	1.77
20. M brinca	1-4	2.40	1.05	-.01	-1.14
21. Letras	2-4	3.00	.80	.00	-1.37
22. Convidado lanchar	1-4	2.75	1.02	-.44	-.76
23. Pé-coxinho	3-4	3.55	.51	-.22	-2.18
24. M conversa	1-4	2.95	.89	-.40	-.53
25. Trabalhos JI	2-4	3.60	.68	-1.51	1.17
26. Amigos emprestam	1-4	3.30	.98	-1.06	-.21
27. Joga bola	1-4	3.45	.89	-1.59	1.85
28. M deixa lanchar	1-4	2.90	1.02	-.77	-.27
29. Escrever nome	2-4	3.85	.49	-3.44	11.89
30. Outros sentam junto	2-4	3.30	.80	-.63	-1.11
31. Forte	2-4	2.95	.89	1.04	-1.79
32. M deixa dormir	2-4	2.05	1.19	.52	-1.40

Da leitura do quadro 6 podemos concluir que 14 itens em 32 apresentam uma variação de 1 a 4, que 15 itens variam entre 2 e 4 e que 3 itens apresentam uma variação de 3 a 4, nomeadamente os itens “saber as cores”, “conhecer a 1ª letra do seu nome” e “saltar a pé-coxinho”.

Verificou-se que o item que apresenta maior média é o item 17 “conhecer a 1ª letra do seu nome” (M=3.95, DP= 0.22), sendo também aquela que apresenta um menor

desvio-padrão e os itens cuja média apresenta menor valor são o item 6 “ser convidado para dormir em casa dos amigos” ($M= 2.05$, $DP=1.23$) e o item 32 “mãe deixar ir dormir a casa dos amigos” ($M=2.05$, $DP= 1.19$). No que diz respeito ao desvio padrão, o item cujo valor é mais elevado é o item 6 “ser convidado para ir dormir a casa dos amigos” ($DP=1.23$).

Relativamente às medidas de assimetria e curtose a distribuição é assimétrica, e os valores que se destacam mais são, na assimetria, o item 29 “escrever o nome” (-3.44) e na curtose os itens 17 “conhecer a 1ª letra do seu nome” (20.00) e 29 “escrever o nome” (11.89). Estes resultados devem-se provavelmente ao facto de se referirem a competências que deverão ser adquiridas no decurso do último ano do Ensino Pré-Escolar. Uma vez que a recolha de dados foi efectuada no último semestre do ano lectivo é compreensível que a quase totalidade das crianças refiram ser competentes na sua realização.

2.2.2 Fidelidade

Não foi efectuada uma análise factorial dos dados, considerando a dimensão da amostra, mas foram considerados os factores definidos na Escala original: Percepção de Competência Aprendida, Percepção da Qualidade da Relação com os Pares, Percepção da Competência Ensinada e Percepção da Qualidade da Relação com a Mãe, Escala de Auto-Percepção de Competência Social e Escala de Auto-Percepção de Aceitação Social.

Esta estrutura foi usada na exploração da fidelidade da EAPCASC.

A fidelidade da Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens, foi apreciada através do cálculo do índice de consistência interna (coeficiente alpha de Cronbach).

De seguida apresentam-se os valores do coeficiente Alpha de Cronbach encontrados para a totalidade dos itens da escala e para cada um dos factores, no quadro 7, onde são apresentados igualmente os resultados obtidos no estudo de Ducharme (2000). No quadro 8 são apresentados os valores de alpha, caso o item seja retirado da escala.

O valor do Alpha de Cronbach obtido para o total da escala foi de .87. no que diz respeito aos valores de Auto-Percepção de Competência Pessoal e Auto-Percepção de Aceitação Social estes foram de .78 e .81, respectivamente.

Ao nível dos resultados apurados para as sub-escalas, a sub-escala que apresentou um valor mais elevado foi a sub-escala da Relação com os pares, com um alpha de .81, enquanto que a sub-escala que obteve um alpha de menor valor foi a relativa à Competência Ensinada com um alpha de .47.

Quadro 7 – Índice de Consistência Interna – Alpha de Cronbach

	Alpha	Alpha in Ducharme (2000)
Total da Escala	.87	.87
Auto-Percepção de Competência Pessoal	.78	Não disponível
Auto-Percepção de Aceitação Social	.81	Não disponível
Competência Apreendida	.74	.70
Relação com Pares	.81	.82
Competência Ensinada	.47	.64
Relação com a Mãe	.79	.80

Com excepção dos resultados relativos à Percepção de Competência Ensinada, e de acordo com a orientação de interpretação de Almeida e Freire (2000) podemos concluir que estamos perante resultados bastante satisfatórios indicadores de uma boa consistência interna das escalas.

Estes dados são bastante semelhantes aos encontrados por Ducharme (2000,2004): o alpha para o total da escala é idêntico e ao nível das sub-escalas encontra-se uma variação máxima de 4 pontos à excepção da Competência Ensinada, na qual Ducharme apresenta um valor de alpha = .64, sensivelmente superior ao valor encontrado no presente estudo (.47).

Quadro 8 – EAPCASC: Valores de Alpha de Cronbach obtidos para a Escala completa e para as sub-escalas respectivas, caso seja retirado cada um dos itens

<i>Item</i>	<i>Auto-Percepção de Competência Pessoal</i>	<i>Auto-Percepção de Aceitação Social</i>	<i>Total da Escala</i>
	Alpha		
	.78	.81	.87
1. Puzzles	.77		.88
2. Amigos		.79	.88
3. Baloços	.77		.88
4. Mãe bem disposta	.78		.88
5. Educadora elogia	.79		.89
6. Convidado dormir		.81	.88
7. Trepa	.79		.88
8. Mãe passear		.81	.88
9. Cores	.79		.89
10. Amigos para jogar		.79	.88
11. Apertar sapatos	.81		.89
12. Mãe faz comidas			.88
13. Conta	.76		.88
14. Amigos para brincar		.81	.88
15. Salta	.75		.88
16. Mãe lê histórias		.82	.88
17. 1ª letra nome	.78		.88
18. Chamado brincar		.81	.88
19. Corre	.76		.88
20. Mãe brinca		.78	.88
21. Letras	.76		.88
22. Convidado lanche		.81	.88
23. Pé-coxinho	.78		.88
24. Mãe conversa		.79	.88
25. Trabalhos	.76		.88
26. Amigos emprestam		.79	.88
27. Joga bola	.77		.88
28. Mãe deixa lanche		.80	.88
29. Escrever nome	.78		.88
30. Outros sentam junto		.81	.88
31. Forte	.73		.88
32. Mãe deixa dormir		.79	.88

De acordo com a leitura do quadro 8 podemos afirmar que nenhum dos itens produz, no caso da sua exclusão, grandes variações no valor de alpha obtido para a totalidade da escala; na sua maioria os itens originam uma variação de um ponto, sendo que três dos itens fazem aumentar o alpha dois pontos: o item relativo aos elogios por parte da educadora, o item relativo a conhecer as cores e o item relativo a saber apertar os sapatos.

Quando se consideram a Auto-Percepção de Competência Pessoal e Auto-Percepção de Aceitação Social, a retirada de alguns itens já produz alterações de maior valor. No que diz respeito à Auto-Percepção de Competência Pessoal o itens que originam uma maior variação no caso de ser retirado é o item 11 "apertar sapatos" ($\alpha = .81$) e o item 31 "ser forte" ($\alpha = .73$). Relativamente à escala de Auto-Percepção de Aceitação Social o único item que faz subir o alpha no caso de ser retirado é o item 16 "Mãe lê histórias" ($\alpha = .82$), enquanto que o item que produz uma maior descida no alpha é o item 20 "Mãe brinca" ($\alpha = .78$).

2.2.3 Medidas Descritivas

As medidas descritivas referentes aos resultados obtidos na Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens são apresentadas no quadro 9.

Quadro 9 – EAPCASC: Medidas Descritivas: média, desvio-padrão, valores de assimetria e curtose

	Média	Desvio Padrão	Assimetria	Curtose
Competência Apreendida	27.00	4.00	-.46	-.89
Competência Ensinada	31.45	2.61	-.61	-.82
Auto-Percepção Competência Pessoal	58.45	6.01	-.57	-.76
Relação Pares	19.45	3.93	-.76	-.58
Relação Mãe	21.05	5.05	.24	-.31
Auto Percepção Aceitação Social	40.50	7.23	-.18	-.90
Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	98.95	11.76	-.26	-.89

Da leitura do quadro referente às medidas descritivas, podemos afirmar que a sub-escala que apresenta uma média mais elevada é a relativa à Competência Ensinada ($M= 31.45$, $DP= 2.61$) enquanto que a sub-escala que apresenta uma média mais baixa é a da Relação com os Pares ($M= 19.45$, $DP= 3.93$).

No que diz respeito às Escalas a Escala de Auto-Percepção de Competência Pessoal apresenta uma média de 58.45 ($DP= 6.01$), enquanto a Escala de Auto-percepção de Aceitação Social apresenta uma média de 40.5 ($DP= 7.23$). Ao nível da Escala global a média obtida foi de 98.95 ($DP= 11.76$). Os valores encontrados por Ducharme (2000, 2004) foram para a Escala de Auto-Percepção de Competência Pessoal uma média de 58.07 ($DP= 6.5$), para a Escala de Auto-percepção de Aceitação Social uma média de 42.36 ($DP= 8.07$) enquanto que para a Escala completa a média foi de 100.43 ($DP=12.81$).

Note-se que os valores de assimetria e curtose obtidos estão dentro dos valores desejáveis, sendo indicadores de uma distribuição próxima da normal.

Após o estudo dos instrumentos utilizados no estudo, passaremos agora à exploração dos resultados obtidos a fim de atribuir significado aos mesmos, sendo que num primeiro momento iremos explorar a natureza da relação fraterna, e posteriormente os resultados da avaliação do self.

3. Natureza da Relação Fraterna

Tendo em vista a exploração da natureza da relação fraterna das díades da amostra procedeu-se à análise da distribuição das variáveis relativas aos factores e dimensões que a caracterizam.

3.1 Características da relação fraterna

No que diz respeito às medidas descritivas para os quatro factores da relação entre irmãos são retomadas as médias e os respectivos desvios-padrão no quadro 10.

Quadro 10 – Médias e desvios-padrão obtidas para os factores da relação fraterna

<i>Factor</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>
Calor/Proximidade	3.70	1.11
Estatuto relativo/Poder	2.23	2.02
Conflito	2.56	1.11
Rivalidade	3.46	1.12

O factor que apresenta a média mais elevada é o factor Calor/ Proximidade ($M = 3.70$, $DP = 1.11$), enquanto que o Factor que apresenta uma média mais baixa é o Factor Estatuto relativo/Poder ($M = 2.23$, $DP = 2.02$), evidenciando a percepção de uma relação calorosa e próxima entre os pares de irmãos participantes no estudo.

O quadro 11 apresenta os valores da média (e respectivos desvios-padrão) das dimensões da relação fraterna indicadas por ordem decrescente. Como se pode ver pela sua leitura, a dimensão que apresenta uma média mais elevada é a relativa ao Companheirismo ($M = 4.13$, $DP = .82$), seguida do afecto enquanto que a dimensão que apresenta valores de média mais baixos é a dimensão Dominar o Irmão ($M = 2.51$, $DP = .86$). A leitura do quadro 11 evidencia que o factor Calor/Proximidade é o mais relevante, na medida em que as cinco dimensões com média mais elevada pertencem a esse factor.

Quadro 11 – Médias e Desvios-Padrão das dimensões da Relação Fraterna

	<i>Média</i>	<i>Desvio-Padrão</i>
Companheirismo	4.13	.82
Afecto	4.11	.95
Admirar o Irmão	3.80	.93
Prosocial	3.77	.84
Ser admirado	3.66	1.02
Cuidados que presta ao Irmão	3.44	1.09
Cuidados Recebidos do Irmão	3.34	1.33
Semelhanças	3.12	.84
Parcialidade Paterna	3.06	.55
Parcialidade Materna	3.03	.57
Intimidade	3.01	.90
Competição	2.83	1.06
Antagonismo	2.68	1.09
Ser dominado pelo Irmão	2.65	1.10
Discussão	2.56	.87
Dominar o Irmão	2.51	.86

3.2 Análise Correlacional

Foi efectuada uma análise correlacional com o objectivo de determinar se existiam associações significativas por um lado ao nível dos factores e permitindo identificar se são independentes ou se apresentam algum tipo de relação entre si e, por outro, ao nível das dimensões da relação fraterna quer entre as próprias dimensões entre si, quer entre estas e os factores.

Na análise da correlação foi utilizado o coeficiente de correlação r de Pearson. A avaliação dos resultados obtidos teve por base os referências de interpretação de Cohen, que sugere uma interpretação de correlação baixa para valores de r entre .10 a .29 ou $r = -.10$ a $r = -.29$; uma correlação média para valores de r entre $r = .30$ a $r = .49$ ou $r = -.30$ a $r = -.49$ e uma correlação elevada para r com valores compreendidos entre .50 a 1.0 ou $r = -.50$ a $r = -1.0$ (Cohen, 1988, cit in Pallant, 2001).

O quadro 12 apresenta os valores do Índice de Correlação de Pearson encontrados entre os factores.

Ao nível dos factores do QRI, a única correlação significativa encontrada para $p < 0.05$ foi a correlação entre o factor Calor/Proximidade e a Rivalidade que apresentam uma correlação de -0.33 , o que, segundo as indicações sugeridas por Cohen, é considerada uma correlação moderada negativa pelo que os valores altos numa dimensão se relacionam com valores baixos na outra.

Quadro 12 – QRI: Valores do Índice de Correlação r de Pearson entre os Factores

Factor	Calor/Proximidade	Estatuto relativo/Poder	Conflito	Rivalidade
Calor/Proximidade	1			
Estatuto relativo/Poder	-.09	1		
Conflito	.05	-.27	1	
Rivalidade	-.33*	-.11	-.05	1

* Correlação significativa a nível 0.05

Quando na análise da correlação se incluem as sub-escalas que constituem cada um dos factores, surgem novas correlações significativas, tal como pode ser observado no quadro 13. Optou-se por construir o quadro distinguindo as dimensões pertencentes a cada um dos quatro factores de modo a facilitar a leitura de correlações de dimensões

que estão directamente relacionadas, pelo que se recorreu à utilização de diferentes cores. Na descrição dos dados obtidos proceder-se-á à enumeração de modo decrescente da sua significância, com a indicação se as dimensões são pertencentes a um único factor ou a factores diferentes.

De acordo com a análise do quadro podemos concluir que se encontram várias correlações que apresentam valores significativos. Por ordem decrescente de significância estatística, e considerando uma significância a nível 0.01 temos as correlações elevadas segundo Cohen entre Afecto e Companheirismo ($r=.73$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Admirar o Irmão e Ser admirado pelo Irmão ($r=.73$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Antagonismo e Discussão ($r=.66$) (dimensões pertencentes ao Factor Conflito), Comportamento Pró-Social e Afecto ($r=.65$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Afecto e Admirar o Irmão ($r=.63$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Companheirismo e Admirar o Irmão ($r=.60$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Comportamento Pró-Social e Companheirismo ($r=.58$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Comportamento Pró-Social e Admirar o Irmão ($r=.58$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Afecto e Ser admirado pelo Irmão ($r=.58$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Cuidados Recebidos do Irmão e Ser dominado pelo Irmão ($r=.55$) (dimensões pertencentes ao Factor Estatuto Relativo/ Poder), Cuidados que presta ao Irmão e Afecto ($r=.53$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Semelhanças e Discussão ($r=.50$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes).

Com o mesmo nível de significância estatística de 0.01, obtiveram-se correlações médias segundo Cohen entre Comportamento Pró-Social e Cuidados que presta ao Irmão ($r=.49$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Cuidados Recebidos do Irmão e Companheirismo ($r=.49$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Cuidados que presta ao Irmão e Admirar o Irmão ($r=.49$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Antagonismo e Semelhanças ($r=.45$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Companheirismo e Ser admirado pelo Irmão ($r=.44$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Cuidados que presta ao Irmão e Dominar o Irmão ($r=.42$) (dimensões pertencentes ao Factor Estatuto Relativo/ Poder), Cuidados que presta ao Irmão e Semelhanças ($r=.42$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Dominar o Irmão e Ser dominado pelo Irmão ($r=.42$) (dimensões pertencentes ao Factor Estatuto Relativo/ Poder), Ser dominado pelo Irmão e

Competição ($r=.42$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Cuidados Recebidos do Irmão e Afecto ($r=.41$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Cuidados Recebidos do Irmão e Competição ($r=.41$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes) e Intimidade e Ser admirado pelo Irmão ($r=.41$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade).

Considerando a significância a nível 0.05 surgem as correlações médias entre Comportamento Pró-Social e Ser admirado pelo Irmão ($r=.40$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Cuidados que presta ao Irmão e Ser admirado pelo Irmão ($r=.40$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Cuidados Recebidos do Irmão e Dominar o Irmão ($r=.39$) (dimensões pertencentes ao Factor Estatuto Relativo/ Poder), Cuidados Recebidos do Irmão e Ser admirado pelo Irmão ($r=.39$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Comportamento Pró-Social e Ser dominado pelo Irmão ($r=.38$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Intimidade e Admirar o Irmão ($r=.38$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Dominar o Irmão e Intimidade ($r=.37$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Comportamento Pró-Social e Intimidade ($r=.36$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Dominar o Irmão e Competição ($r=.36$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Afecto e Intimidade ($r=.35$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Ser dominado pelo Irmão e Companheirismo ($r=.34$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Cuidados Recebidos do Irmão e Semelhanças ($r=.34$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), Semelhanças e Ser admirado pelo Irmão ($r=.34$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade), Semelhanças e Admirar o Irmão ($r=.33$) (dimensões pertencentes ao Factor Calor/Proximidade) e Ser dominado pelo Irmão e Afecto ($r=.32$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes).

As únicas correlações negativas estatisticamente significativas são a correlação entre Parcialidade Materna e Ser admirado pelo Irmão ($r=-.41$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes) com significância estatística a nível 0.01 e a correlação entre Cuidados que presta ao Irmão e Parcialidade Paterna ($r=-.36$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes), com significância estatística a nível 0.05 .

Quadro 13 – Resultados relativos à análise da Correlação: Sub-Escalas

Sub-Escalas	1.Comportamento Pró-Social	2. Afecto	3. Companheirismo	4.Semelhanças	5. Intimidade	6. Admirar o Irmão	7. Ser admirado pelo Irmão	8.Cuidados que presta ao Irmão	9.Cuidados recebidos pelo Irmão	10. Dominar o Irmão	11.Ser dominado pelo Irmão	12.Antagonismo	13.Competição	14.Discussão	15.Parcialidade Materna	16.Parcialidade Paterna
1. Comportamento Pró- Social	1	.65**	.58**	.18	.36*	.58**	.40*	.49**	.25	.30	.38*	-.22	.23	-.06	-.04	-.19
2. Afecto		1	.73**	.24	.35*	.63**	.52**	.53**	.41**	.27	.32*	-.14	.01	-.02	-.25	-.31
3. Companheirismo			1	.20	.20	.60**	.44**	.18	.49**	-.01	.34*	-.31	.28	.03	-.15	-.20
4.Semelhanças				1	.20	.33*	.34*	.42**	.34*	.21	.27	.45**	.27	.50**	-.13	-.09
5. Intimidade					1	.38*	.41**	.29	.23	.37*	.27	-.12	.19	-.03	.02	-.14
6. Admirar o Irmão						1	.73**	.49**	.27	.14	.22	-.26	.21	-.20	-.14	-.22
7. Ser admirado							1	.40**	.39*	.25	.24	-.70	.02	-.08	-.41**	-.25
8. Cuidados q presta ao Irmão								1	.25	.42**	.20	.14	.06	.02	-.13	-.36*
9. Cuidados recebidos do Irmão									1	.39*	.55**	.11	.41**	.24	-.18	-.26
10. Dominar o Irmão										1	.42**	.25	.36*	.04	-.24	-.04
11. Ser dominado pelo Irmão											1	.31	.42**	.22	.12	.03
12. Antagonismo												1	.04	.66**	.06	-.08
13. Competição													1	.23	.06	.07
14. Discussão														1	-.12	-.20
15. P. Materna															1	.19
16. P. Paterna																1

* Correlação significativa a nível 0.05

** Correlação significativa a nível 0.01

Segundo as orientações de Cohen (1988, cit in Pallant, 2001) existem outras correlações consideradas moderadas embora sem significância estatística, nomeadamente a correlação entre o Ser dominado pelo Irmão e o Antagonismo ($r=.31$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes) e o Comportamento Pró-social e o Dominar o Irmão ($r=.30$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes). São também consideradas moderadas segundo as referências de interpretação de Cohen (1988, cit in Pallant, 2001) as correlações negativas entre o Afecto e a Parcialidade Paterna ($r= -.31$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes) e o Companheirismo e o Antagonismo ($r= -.31$) (dimensões pertencentes a Factores diferentes).

Em suma, as correlações mais elevadas e mais significativas encontram-se entre dimensões pertencentes ao mesmo factor, à excepção das dimensões do factor Rivalidade.

3.3 Efeito de variáveis independentes na determinação de diferenças na relação fraterna

Foram pesquisadas as diferenças significativas existentes entre grupos na amostra, definidos em função do género e da posição na fratria, sendo, para tal, utilizado o teste t de diferenças de médias para amostras independentes em todas as dimensões, nomeadamente nos quatro factores considerados e ainda nas sub-escalas que contribuem para a obtenção dos factores.

3.3.1 Género

O quadro 14 apresenta os valores das médias e desvios-padrão obtidos pelos grupos definidos segundo o género, quer para os factores, quer para as dimensões da relação fraterna, bem como os valores de p. obtidos na aplicação do teste t de Student de diferenças de médias para amostras independentes.

Quadro 14 – QRI: Médias e desvios-padrão obtidos por grupos de rapazes e raparigas nos factores e dimensões e valor de p no Teste t de Student

<u>Factor/Dimensão</u>	<u>Feminino</u>	<u>Masculino</u>	<u>p</u>
	Média (Desvio-padrão)	Média (Desvio-padrão)	
Calor/ Proximidade	3.74 (.61)	3.58 (.69)	n.s.
Comportamento Pró-Social	3.82 (.78)	3.72 (.91)	n. s.
Afecto	4.32 (.70)	3.90 (1.12)	n. s.
Companheirismo	4.07 (.76)	4.20 (.88)	n. s.
Semelhanças	3.07 (.84)	3.17 (.86)	n. s.
Intimidade	3.23 (.85)	2.78 (.92)	n. s.
Admirar o Irmão	3.85 (.81)	3.75 (1.05)	n. s.
Ser admirado	3.80 (.94)	3.52 (1.10)	n. s.
Estatuto Relativo/Poder	.13 (.97)	-.18 (1.14)	n.s.
Cuidados que presta ao Irmão	3.65 (1.00)	3.23 (1.17)	n. s.
Cuidados Recebidos do Irmão	3.32 (1.19)	3.37 (1.48)	n. s.
Dominar o Irmão	2.65 (.91)	2.37 (.82)	n. s.
Ser dominado pelo Irmão	2.72 (.99)	2.58 (1.23)	n. s.
Conflito	2.52 (.77)	2.85 (.67)	n. s.
Antagonismo	2.75 (1.05)	2.60 (1.15)	n. s.
Competição	2.38 (1.04)	3.27 (.91)	.007
Discussão	2.43 (.83)	2.68 (.91)	n. s.
Rivalidade	3.00 (.43)	3.08 (.44)	n. s.
Parcialidade Materna	3.03 (.59)	3.02 (56)	n. s.
Parcialidade Paterna	2.97 (.57)	3.15 (.52)	n. s.

No que diz respeito ao género, não foram encontradas diferenças significativas ao nível dos quatro factores considerados (valores de t (38) entre -1.43 e .92, n.s.).

Quando foram pesquisadas as diferenças significativas ao nível das dimensões da relação, a única dimensão que apresentou resultados estatisticamente significativos foi a relativa à competição $t(38) = -2.85$, em que $p = .007$, em que a média obtida pelos rapazes ($M = 3.27$, com $DP = .91$) é superior à média das raparigas ($M = 2.38$, com $DP = 1.04$), sendo que os rapazes têm maior percepção de competição na sua relação com os irmãos.

3.3.2 Posição na Fratria

O quadro 15 apresenta os valores das médias e desvios-padrão obtidos pelos grupos definidos segundo a posição na fratria, quer para os factores, quer para as dimensões da relação fraterna, bem como os valores de p. obtidos na aplicação do teste t de Student de diferenças de médias para amostras independentes.

Quadro 15 – Médias obtidas e valor de p -Teste t de Student de comparação de médias para amostras independentes

<u>Dimensão</u>	<u>Irmãos mais velhos</u>	<u>Irmãos mais novos</u>	<u>p</u>
	Média (Desvio-padrão)	Média (Desvio-padrão)	
Calor/ Proximidade	3.86 (0.46)	3.45 (0.75)	0.048
Comportamento Pró-Social	4.00 (.58)	3.53 (.99)	n. s.
Afecto	4.47 (.57)	3.75 (1.13)	0.015
Companheirismo	4.30 (.54)	3.97 (1.01)	n. s.
Semelhanças	3.28 (.81)	2.95 (.86)	n. s.
Intimidade	2.93 (1.02)	3.08 (.79)	n. s.
Admirar o Irmão	4.05 (.75)	3.55 (1.03)	n. s.
Ser admirado	3.97 (.74)	3.35 (1.17)	n. s.
Estatuto Relativo/Poder	0.48 (0.83)	-.53 (1.03)	0.002
Cuidados que presta ao Irmão	3.95 (0.72)	2.93 (1.17)	0.018
Cuidados Recebidos do Irmão	3.02 (1.35)	3.67 (1.25)	n. s.
Dominar o Irmão	2.38 (.78)	2.63 (.94)	n. s.
Ser dominado pelo Irmão	2.35 (.89)	2.95 (1.23)	n. s.
Conflito	2.52 (.83)	2.85 (.61)	n. s.
Antagonismo	2.53 (.91)	2.81 (1.25)	n. s.
Competição	3.22 (0.90)	2.43 (1.09)	0.018
Discussão	2.60 (.95)	2.52 (.80)	n. s.
Rivalidade	2.88 (0.35)	3.21 (0.45)	0.012
Parcialidade Materna	2.75 (0.49)	3.30 (0.51)	0.001
Parcialidade Paterna	3.00 (.40)	3.12 (.67)	n. s.

No que diz respeito à posição na fratria foram encontradas diferenças significativas em três dos quatro factores considerados, apenas não se verificando diferenças significativas no factor Conflito.

Foram encontradas diferenças significativas ao nível do factor Calor/ Proximidade t (38) = 2.04 em que p = .048, sendo que os irmãos mais velhos apresentam uma média

superior (média = 3.86, com desvio padrão = .46) comparativamente aos irmãos mais novos (média = 3.45, com desvio padrão = .75). De entre as dimensões que constituem este factor apenas o Afecto apresenta uma diferença significativa de médias entre os dois grupos: $t(38) = 2.55$ com $p = .015$, sendo que os mais velhos apresentam uma média superior (média = 4.47 com desvio padrão = .57) comparativamente aos mais novos (média = 3.75 com desvio padrão = 1.13), ou seja, os irmãos mais velhos da fratria têm uma percepção da relação com o irmão de maior calor e proximidade sendo essencialmente ao nível da dimensão afecto que foram encontradas diferenças significativas.

Ao nível do factor Estatuto relativo/Poder foram encontradas diferenças significativas entre os grupos: $t(38) = 3.41$ em que $p = .002$, sendo que os primogénitos apresentam uma média superior (média = .48 com desvio padrão = .83) em relação aos mais novos (média = -.53 com desvio padrão = 1.03). Este valor negativo referente aos irmãos mais novos traduz-se no facto de percepcionarem ser alvo de maiores cuidados e maior domínio relativamente à percepção de cuidarem e dominarem os seus irmãos mais velhos.

De entre as dimensões que constituem este factor apenas os Cuidados que presta ao Irmão apresenta uma diferença significativa de médias entre os dois grupos: $t(38) = 3.29$ em que $p = .0018$, sendo que os primogénitos apresentam uma média superior (média = 3.95 com desvio padrão = .72) à dos mais novos (média = 2.93 com desvio padrão = 1.17), ou seja, os irmãos mais velhos percepcionam prestarem mais cuidados aos irmãos do que os irmãos mais novos.

Foram igualmente encontradas diferenças significativas ao nível do factor Rivalidade $t(38) = -2.63$ em que $p = .012$, sendo que os segundos filhos apresentam uma média superior (média = 3.21 com desvio padrão = .45) relativamente aos irmãos mais velhos (média = 2.88 com desvio padrão = .35). De entre as dimensões que constituem este factor apenas a Parcialidade Materna apresenta uma diferença significativa de médias entre os dois grupos: $t(38) = -3.48$ em $p = .001$, sendo que os irmãos mais novos apresentam uma média superior (média = 3.30 com desvio padrão = .51) à dos irmãos mais velhos (média = 2.75 com desvio padrão = .49), ou seja, estes sentem que existe parcialidade por parte da mãe privilegiando-os relativamente aos primogénitos.

Embora não tenham sido encontradas diferenças significativas entre as médias obtidas no factor Conflito pelos grupos definidos em função da posição na fratria, verifica-se que numa das dimensões que constitui este factor, a dimensão relativa à Competição, se evidenciaram diferenças: $t(38) = -2.47$ com $p = .018$, sendo que os mais novos apresentam uma média superior (média = 3.22 com desvio padrão = .90) à dos irmãos mais velhos (média = 2.43 com desvio padrão = 1.09), ou seja, os irmãos mais novos têm percepção da sua relação com os irmãos mais velhos como mais competitiva.

3.4 Análise de Clusters

Com o objectivo de explorar se os participantes constituem um grupo homogéneo quanto à percepção da relação fraterna, foi conduzida uma análise de clusters com o método K-means. De entre as soluções possíveis foi escolhida a solução mais económica, com significado conceptual, pelo que foram considerados dois clusters, os quais foram denominados: forte percepção de ser cuidado e dominado e forte percepção de cuidar e domínio, em função dos valores obtidos para cada um nos diferentes factores.

Quadro 16– Clusters obtidos: valores

	Cluster	
	1	2
Calor/Proximidade	3,71	3,61
Estatuto relativo/Poder	-,88	,75
Conflito	3,05	2,36
Rivalidade	3,09	3,00

Como se pode ver, o primeiro cluster apresenta notas mais elevadas nos factores Calor/Proximidade, Conflito e Rivalidade e ao nível do factor Estatuto relativo/Poder apresenta resultados no sentido de uma percepção de ser mais alvo de cuidados e de ser mais dominado; o segundo cluster apresenta resultados sensivelmente mais baixos nos factores Calor/Proximidade, Conflito e Rivalidade e ao nível do factor Estatuto relativo/Poder apresenta resultados no sentido de uma percepção de prestar mais cuidados e de maior domínio sobre o irmão.

Com o objectivo de identificar os elementos que pertencem a cada cluster, procedeu-se a uma análise de cross-tabs entre a distribuição da amostra pelos clusters e pelas variáveis género e posição na fratria. De seguida apresentam-se os quadros 17 e 18 que especificam a composição dos cluster no que se refere ao género e à posição na fratria, respectivamente.

Quadro 17 – Composição do Cluster - Género

		Sexo		Total
		Feminino	Masculino	
Número de	1	7	12	19
casos	2	13	8	21
Total		20	20	40

Quadro 18 – Composição do Cluster – Posição na fratria

		Posição na fratria		Total
		Primogénito	Segundo filho	
Número de	1	5	14	19
casos	2	15	6	21
Total		20	20	40

Verificou-se que o primeiro cluster era composto por um maior número de rapazes (12) e um maior número de segundos filhos (14), isto é, os rapazes e os segundos filhos têm uma maior percepção ao nível do calor/proximidade, do conflito e da rivalidade e ainda uma maior percepção de serem alvo de cuidados e igualmente de serem mais dominados, enquanto o segundo cluster era composto por um maior número de meninas (13) e um maior número de primogénitos (15), ou seja, as meninas e os primogénitos apresentam uma maior percepção de cuidar do outro e também de domínio, sendo que a sua percepção nas outras dimensões da relação são ligeiramente inferiores quando comparadas com o primeiro cluster.

3.5 Congruência das Percepções dos Irmãos

Dadas da características da amostra, e pelo facto de existirem pares de irmãos foi possível verificar a congruência entre as percepções da relação fraterna de cada um dos elementos da díade. Nesse sentido, foi computada a congruência das percepções que cada elemento da díade de irmãos tinha, no sentido de determinar até que ponto estas eram congruentes ou discrepantes.

Para computar a congruência subtraíram-se os valores das sub-escalas e dos factores do Irmão mais velho aos valores apresentados pelo Irmão mais novo, ou seja, para cada dimensão aplicou-se a fórmula:

$$\text{nota irmão mais novo} - \text{nota irmão mais velho}.$$

Assim, temos que quando um resultado é negativo tem como significado que o Irmão mais velho apresenta um valor mais elevado, quando um resultado assume um valor de zero não existem diferenças entre ambos os irmãos e, finalmente, quando o resultado é positivo significa que é o Irmão mais novo quem apresenta os resultados mais elevados.

No que diz respeito às escalas relativas à Admiração, aos Cuidados e ao Domínio cruzaram-se os dados obtidos nas escalas complementares, isto é a congruência relativa aos Cuidados que presta ao Irmão foi calculada subtraindo ao valor que o Irmão mais novo apresenta nesta sub-escala o valor que o Irmão mais velho apresenta na sub-escala complementar, ou seja, na escala relativa aos Cuidados recebidos pelo Irmão e vice-versa. O mesmo foi feito para o cálculo das sub-escalas relativas à Admiração (Quanto é que o mais novo percebe que admira o seu Irmão menos quanto é que o irmão percebe que é admirado; quanto é que o irmãos mais novo percebe que é admirado menos quanto é que o irmão mais velho percebe que admira) e ao Domínio (Dominar menos Ser dominado/ Ser dominado menos dominar).

3.5.1 Análise da Congruência

Após o cálculo da Congruência para cada dimensão da relação fraterna, os diferentes pares de irmãos foram classificados quanto ao grau de congruência. Dado que a congruência máxima correspondia a um valor nulo, e que a divergência poderia variar entre os valores -4 e 4, definiu-se como pares congruentes os pares cujos resultado se

situasse entre os valores -1 e 1. Quanto aos pares de irmãos cujo resultado se situasse no intervalo [-4, -2] foram definidos como pares muito divergentes, no sentido do Irmão mais velho, isto é, os valores obtidos pelo Irmão mais velho são muito superiores aos valores obtidos pelo Irmão mais novo; em relação aos pares cujos resultados se situassem no intervalo [2,4] foram igualmente considerados divergentes, mas no sentido do Irmão mais novo, ou seja, os valores obtidos pelo Irmão mais novo são muito superiores. Quanto aos restantes pares, que não se enquadravam em nenhum dos grupos foram considerados residuais.

A divisão dos pares em função dos resultados da congruência das suas percepções pelos diferentes grupos definidos encontra-se descrita no quadro 19.

Quadro 19 – Distribuição relativa à convergência das percepções dos pares de Irmãos para cada uma das dimensões da relação fraterna

Dimensão	Grupo 1 Divergentes + velho c valores superiores	Grupo 2 Congruentes	Grupo 3 Divergentes + novo c valores superiores	Grupo 4 Residuais
Calor/ Proximidade	1	16	-	3
Comportamento Pró-Social	1	11	-	8
Afecto	3	10	-	7
Companheirismo	2	14	-	4
Semelhanças	1	14	-	5
Intimidade	-	15	1	4
Admirar o Irmão	2	12	-	6
Ser admirado	5	11	-	4
Estatuto Relativo/Poder	4	9	-	7
Cuidados que presta ao Irmão	5	10	3	2
Cuidados Recebidos do Irmão	3	13	1	3
Dominar o Irmão	1	12	1	6
Ser dominado pelo Irmão	-	12	1	6
Conflito	-	14	1	5
Antagonismo	2	9	4	5
Competição	-	12	3	5
Discussão	3	12	1	4
Rivalidade	-	18	-	2
Parcialidade Materna	-	15	1	4
Parcialidade Paterna	-	17	-	3

De acordo com a leitura do quadro 19, que revela a distribuição das frequências dos resultados obtidos pelos pares de irmãos relativos ao resultado da congruência das

suas percepções para cada dimensão da relação fraterna, podemos concluir que na totalidade das dimensões a maior concentração de pares se situa no intervalo relativo aos pares congruentes, o que significa que a percepção que ambos os irmãos têm da relação é bastante coincidente.

As dimensões relativas ao factor Calor/Proximidade da Relação, à excepção da dimensão relativa à Intimidade apresentam pares divergentes no sentido do Irmão mais velho, ou seja, relativamente a essas dimensões existem no grupo de participantes pares de Irmãos cujo Irmão mais velho apresenta resultados bastante superiores aos do Irmão mais novo.

Relativamente ao factor Estatuto relativo/ Poder as dimensões relativas aos Cuidados e ao Dominar apresentam pares congruentes e pares divergentes em ambos os sentidos. São excepção quer o total do factor (que não apresenta pares pertencentes ao grupo 3), quer a dimensão ser dominado pelo irmão (que não apresenta pares pertencentes ao grupo 1).

Quanto ao factor Conflito quer quando se considera o total para o factor, quer para a dimensão da Competição não surgem pares divergentes cujo Irmão mais velho apresente valores superiores em relação ao Irmão mais novo.

Finalmente, quando se considera o factor Rivalidade apenas na dimensão da Parcialidade Materna existe um par divergente (no sentido do Irmão mais novo apresentar resultados superiores).

É de salientar o facto de na totalidade das dimensões existir um maior número de pares congruentes na sua percepção, do que em qualquer uma das outras categorias.

4. Natureza da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social

4.1 Características da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social

Em seguida serão apresentadas as medidas descritivas obtidas para os resultados verificados na Escala de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças, em imagens, tal como os resultados obtidos por Ducharme (2000, 2004).

Relativamente às medidas descritivas, tal como pode ser observado no quadro 20, e retomando os dados já indicados atrás, podemos afirmar que a sub-escala que apresenta uma média mais elevada é a relativa à Percepção de Competência Ensinada ($M= 31.45$, $DP= 2.61$) enquanto que a sub-escala que apresenta uma média mais baixa é a da Relação com os Pares ($M= 19.45$, $DP= 3.93$).

Quadro 20 – EAPCASC: Medidas Descritivas

	Média	Desvio Padrão	Resultados de Ducharme (2000)	
			Média	Desvio Padrão
Competência Aprendida	27.00	4.00	27.54	3.96
Competência Ensinada	31.45	2.61	30.53	3.70
Auto-Percepção Competência Pessoal	58.45	6.01	58.07	6.50
Relação Pares	19.45	3.93	19.55	4.01
Relação Mãe	21.05	5.05	22.81	5.21
Auto Percepção Aceitação Social	40.50	7.23	42.36	8.07
Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social	98.95	11.76	100.43	12.81

No que diz respeito às Escalas a Escala de Auto-Percepção de Competência Pessoal apresenta uma média de 58.45 ($DP= 6.01$), enquanto a Escala de Auto-percepção de Aceitação Social apresenta uma média de 40.5 ($DP= 7.23$). Ao nível da Escala global a média obtida foi de 98.95 ($DP= 11.76$). As medidas obtidas encontram-se representadas no quadro 20.

Os resultados obtidos apresentam valores muito semelhantes aos valores indicados por Ducharme (2000, 2004) com primogénitos, não ocorrendo uma variação superior a 2 pontos.

4.2 Correlação entre dimensões de auto-percepção

Foi efectuada uma análise correlacional, sendo utilizado o Coeficiente de Correlação r de Pearson. Mais uma vez utilizaram-se as referências de interpretação de Cohen (1988, cit in Pallant, 2001). Foram utilizadas as quatro sub-escalas que se obtêm em

primeiro lugar com o objectivo de verificar a existência de associações entre estas, não fazendo sentido efectuar a análise com os resultados da Auto-Percepção de Competência Pessoal, da Auto-Percepção de Aceitação Social e da Auto-percepção de Competência e Aceitação Social uma vez que as primeiras resultam da soma das sub-escalas correspondentes e a última resulta da soma de ambas.

De seguida apresenta-se o quadro com os valores obtidos. São igualmente apresentados os valores obtidos por Ducharne (2000, 2004) (em itálico).

Quadro 21 – EAPCASC: Resultados relativos à análise da Correlação: Valores do Índice de Correlação r de Pearson

	Competência Aprendida	Competência Ensinada	Relação Pares	Relaçã o Mãe
Competência Aprendida	1			
Competência Ensinada	.64 (**)	.68(**)	1	
Relação Pares	.63(**)	.36(**)	.27 .40(**)	1
Relação Mãe	.36	.40(**)	.38 .38(**)	.29 .73(**)

** Correlação significativa a nível 0.01

As correlações obtidas por ordem decrescente de significância estatística são a associação entre a Competência Aprendida e a Competência Ensinada ($r=.64$) e a associação entre a Competência Aprendida e a Relação com os Pares ($r=.63$), ambas com significância estatística a nível 0.01.

Ainda de acordo com as referências de interpretação de Cohen (1988, cit in Pallant, 2001) poder-se-á referir uma correlação moderada entre a Relação com a mãe e a Competência Ensinada ($r= .38$) e a Relação com a Mãe a Competência Aprendida ($r=.36$).

As restantes correlações são consideradas baixas.

Quando se compararam os resultados obtidos com os resultados decorrentes do estudo de Ducharne (2000, 2004) verificam-se diferenças nos resultados quer na associação entre a Relação com os Pares e a Competência Aprendida e entre a

Relação com os Pares e a Relação com a Mãe que poder-se-ão dever quer à dimensão quer às características da amostra de Ducharme, sendo de realçar o facto desta ser constituída por primogénitos e diversificada do ponto de vista sócio-cultural.

4.3 Efeito das variáveis independentes na determinação de diferenças de auto-percepção

Com o objectivo de verificar a existência de diferenças na auto-percepção em função quer do género, quer do intervalo entre os nascimentos foram efectuadas análises dos resultados obtidos pelo grupo de irmãos mais novos.

4.3.1 Género

Foi pesquisada a existência de diferenças significativas a nível das duas escalas consideradas e ainda nas sub-escalas que contribuem para a obtenção dessas escalas entre grupos de sujeitos da amostra definidos em função do género sendo, para tal, utilizado o teste t de diferenças de médias para amostras independentes.

No que diz respeito ao género, não foram encontradas diferenças significativas ao nível quer das Escalas, quer das sub-escalas consideradas (valores de t (18) entre .62 e 1.31. n.s.).

4.3.2 Intervalo entre nascimentos

Foram ainda pesquisadas as diferenças considerando o intervalo entre nascimentos, com base na divisão da amostra em irmãos com idades próximas e irmãos com um maior intervalo de idades, mas também não foram encontradas quaisquer diferenças significativas; ou seja, a dimensão do intervalo entre nascimentos não parece determinar diferenças em termos da auto-percepção de competência e aceitação social do segundo irmão.

5. Associação entre as Dimensões da relação entre Irmãos e Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social

Foi efectuada uma análise correlacional com o objectivo de pesquisar associações significativas entre os resultados obtidos em termos das medidas desenvolvimentais da Escala da Auto-percepção de Competência e Aceitação Social e os Factores e sub-escalas avaliados no Questionário da Relação entre Irmãos utilizando-se o Coeficiente de Correlação r de Pearson. Mais uma vez, foram utilizadas as referências de Cohen na sua interpretação (1988, cit in Pallant, 2001).

O quadro 22 apresenta os resultados obtidos na análise de correlação entre os factores característicos da relação fraterna e as dimensões da auto-percepção.

Quadro 22 – Resultados relativos à análise da Correlação entre os Factores associados à Relação Fraterna e a Auto-Percepção de Competência Pessoal e a Auto-Percepção de Aceitação Social: Valores do Índice de Correlação r de Pearson

	<i>Auto- Percepção Competência Pessoal</i>	<i>Auto- Percepção Aceitação Social</i>
Calor/ Proximidade	.34	.54(*)
Estatuto/poder relativo	.21	.05
Conflito	.35	-.04
Rivalidade	.01	.17

* Correlação significativa a nível 0.05

Da análise correlacional efectuada obteve-se uma única correlação elevada estatisticamente significativa ($p < 0.05$) nomeadamente entre o Factor Calor/Proximidade e a Auto-Percepção de Aceitação Social ($r = .54$). Segundo as referências de interpretação de Cohen (1988, cit in Pallant, 2001), obtêm-se ainda duas outras correlações significativas moderadas: a correlação entre Conflito e Auto-Percepção de Competência Pessoal ($r = .35$) e a correlação entre o Calor/Proximidade e a Auto-percepção de Competência Pessoal ($r = .34$).

O quadro 23 apresenta os resultados obtidos na análise de correlação entre as dimensões da relação fraterna e as dimensões da auto-percepção.

Quadro 23 – Resultados relativos à análise da Correlação entre as Dimensões da Relação Fraterna e a Auto-Percepção de Competência Pessoal e a Auto-Percepção de Aceitação Social: Valores do Índice de Correlação r de Pearson

	<i>Auto- Percepção Competência Pessoal</i>	<i>Auto- Percepção Aceitação Social</i>
Comportamento	.26	.44
Pró-social		
Parcialidade	.20	.34
Materna		
Cuidados que presta ao Irmão	.64(**)	.51(*)
Cuidados	.20	.25
Recebidos do Irmão		
Dominar o Irmão	.46(*)	.28
Ser dominado pelo Irmão	.42	.36
Parcialidade Paterna	-.13	-.03
Afecto	.28	.38
Companheirismo	-.09	.20
Antagonismo	.20	-.08
Semelhanças	.45(*)	.37
Intimidade	.44(*)	.42
Competição	.33	.35
Admirar o Irmão	.29	.54(*)
Ser admirado	.23	.49(*)
Discussão	.11	-.35

* Correlação significativa a nível 0.05

** Correlação significativa a nível 0.01

Na pesquisa de correlações significativas entre as variáveis de Auto-Percepção de Competência Pessoal e de Auto-Percepção de Aceitação Social e as dimensões do Questionário da Relação entre Irmãos (Quadro 23) obtiveram-se correlação significativas elevadas entre os Cuidados que presta ao Irmão e a Auto-Percepção de Competência Pessoal ($r=.64$), entre a Admirar o Irmão e a Auto-Percepção de Aceitação Social ($r=.54$), entre os Cuidados que presta ao Irmão e a Auto-Percepção de Aceitação Social ($r=.51$), entre a Ser admirado pelo Irmão e a Auto-Percepção de Aceitação Social ($r=.49$), entre o Dominar o Irmão e a Auto-Percepção de Competência Pessoal ($r=.46$), entre as Semelhanças e a Auto-Percepção de Competência Pessoal ($r=.45$) e, finalmente, entre a Intimidade e a Auto-Percepção de Competência Pessoal ($r=.44$).

Em suma, foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre a Auto Percepção de Competência Pessoal e os Cuidados que presta ao Irmão ($r=.64$, $p<0.01$), o Dominar o Irmão ($r=.46$, $p<0.05$), as Semelhanças ($r=.45$, $p<0.05$) e a Intimidade ($r=.44$, $p<0.05$).

No que diz respeito à Auto Percepção de Aceitação Social, foram encontradas correlações significativas com Admirar o Irmão ($r=.54$), Cuidados que presta ao Irmão ($r=.51$) e Ser admirado ($r=.49$), todas com significância a nível 0.05.

6. Efeito da Congruência da Percepção da Relação Fraterna na Auto-Percepção do Irmão mais novo

Com o objectivo de compreender a relação entre a percepção da relação fraterna e a auto-percepção como medida do self foi explorada a existência de diferenças de médias obtidas pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções da Relação Fraterna associadas aos resultados obtidos na EAPCASC. Para efeitos de análise foram considerados o grupo de pares de irmãos com percepções divergentes – grupo 1 – e o grupo de pares de irmãos congruentes – grupo 2 –. Neste sentido, foi efectuada uma ANOVA para todas as dimensões da relação fraterna. Por uma questão de organização apresentam-se apenas os resultados significativos em cada uma das dimensões em que estes ocorrem. Todos os restantes resultados, que não se encontram descritos, são resultados não significativos.

No que diz respeito às medidas de auto-percepção como medidas do self, consideramos as escalas de Auto-Percepção de Competência Pessoal, de Auto-Percepção de Aceitação Social e de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social uma vez que a Auto-Percepção de Competência Pessoal e Aceitação Social não constitui um constructo uno, mas sim dois diferenciados: Auto-Percepção de Competência Pessoal e Auto-Percepção de Aceitação Social.

Quadro 24 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência do Afecto nas variáveis de APCP, APAS e APCAS com respectivos valores de F

	Grupo	Média	Desvio Padrão	F (11,1)	Significância
Auto-Percepção	1	53.33	3.79		
Competência Pessoal	2	58.90	6.01	2.23	n.s.
Auto-Percepção	1	32.67	5.95		
Aceitação Social	2	43.20	4.04	5.97	0.033
Auto-Percepção	1	86.00	1.00		
Competência e Aceitação	2	108.10	12.43	4.72	n.s.

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Afecto foram encontradas diferenças significativas $F(11,1) = 5.97$ com $p=0.033$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=43.20$, $DP= 4.04$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 32.67$, $DP= 5.95$).

Quadro 25 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência das Semelhanças nas variáveis de APCP, APAS e APCAS com respectivos valores de F

	Grupo	Média	Desvio Padrão	F (13,1)	Significância
Auto-Percepção	1	47.00	.		
Competência Pessoal	2	58.07	5.64	3.60	n.s.
Auto-Percepção	1	30.00	.		
Aceitação Social	2	41.43	5.48	4.05	n.s.
Auto-Percepção	1	77.00	.		
Competência e Aceitação	2	99.50	9.94	4.78	0.048

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Semelhanças foram encontradas diferenças significativas $F(13,1) = 4.78$ com $p=0.048$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=99.50$, $DP= 9.94$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 77.00$, $DP= 0$).

Quadro 26 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência de Ser Admirado pelo Irmão nas variáveis de APCP, APAS e APCAS com respectivos valores de F

	<i>Grupo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>F</i> <i>(14,1)</i>	<i>Significância</i>
Auto-Percepção	1	57.20	5.93		
Competência Pessoal	2	60.09	5.94	.82	n.s.
Auto-Percepção	1	34.80	7.56		
Aceitação Social	2	43.09	6.12	5.48	0.035
Auto-Percepção	1	92.00	10.42		
Competência e Aceitação	2	103.18	10.90	3.71	n.s.

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser Admirado foram encontradas diferenças significativas $F(14,1) = 3.71$ com $p=0.035$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=43.09$, $DP= 6.12$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 34.80$, $DP= 7.56$).

Quadro 27 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência de Ser Cuidado nas variáveis de APCP, APAS e APCAS com respectivos valores de F

	<i>Grupo</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio Padrão</i>	<i>F</i> <i>(15,1)</i>	<i>Significância</i>
Auto-Percepção	1	52.00	4.08		
Competência Pessoal	2	59.00	5.37	5.68	0.031
Auto-Percepção	1	33.00	3.38		
Aceitação Social	2	42.08	7.21	5.76	0.030
Auto-Percepção	1	85.00	2.16		
Competência e Aceitação	2	101.08	11.06	8.00	0.013

No que diz respeito às médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Competência Pessoal pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser Cuidado foram encontradas diferenças significativas $F(15,1) = 5.68$ com $p=0.031$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=59.00$, $DP= 5.37$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 52.00$, $DP= 4.08$).

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser cuidado foram encontradas diferenças significativas $F(15,1) = 5.76$ com $p=0.030$, sendo que a

média obtida pelo grupo congruente ($M=42.08$, $DP= 5.76$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 33.00$, $DP= 3.38$).

Foram ainda encontradas diferenças significativas ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser Cuidado em que $F (15,1) = 8.00$ com $p=0.013$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=101.08$, $DP= 11.06$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 85.00$, $DP= 2.16$).

Quadro 28 – Média e Desvio-Padrão obtidos pelos grupos de crianças definidos em função da variável congruência do Calor/Proximidade nas variáveis de APCP, APAS e APCAS com respectivos valores de F

	Grupo	Média	Desvio Padrão	F (15,1)	Significância
Auto-Percepção	1	56.00	.		
Competência Pessoal	2	59.13	6.07	.25	n.s.
Auto-Percepção	1	29.00	.		
Aceitação Social	2	42.69	6.15	4.66	0.047
Auto-Percepção	1	85.00	.		
Competência e Aceitação	2	101.81	11.39	2.05	n.s.

Finalmente, encontraram-se diferenças significativas nas médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Calor/Proximidade em que $F (15,1) = 4.66$ com $p=0.047$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=42.69$, $DP= 6.15$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 29.00$, $DP= 0$).

Em suma, após a pesquisa de diferenças significativas nas médias obtidas pelos grupos definidos em relação às dimensões da relação fraterna nos resultados obtidos na EAPCASC, foram encontradas diferenças significativa nos resultados da Auto-Percepção de Competência Pessoal nos grupos definidos em função da Congruência de Ser Cuidado, nos resultados da Auto-Percepção de Aceitação Social nos grupos definidos em função da Congruência do Afecto, da Congruência de Ser Admirado, da Congruência de Ser Cuidado e da Congruência da Calor/Proximidade e nos resultados da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social nos grupos definidos em função da Congruência de Semelhanças e da Congruência de Ser Cuidado. Em todos os casos o grupo de pares de irmãos convergentes apresenta médias superiores.

7. Síntese

Neste capítulo foram apresentados e descritos os resultados obtidos nas diferentes análises estatísticas efectuadas.

Após o estudo dos instrumentos, foram referidos os dados relativos à avaliação da relação fraterna, nomeadamente a nível das medidas descritivas – salientando-se o facto das características positivas da relação apresentarem valores mais elevados, das correlações encontradas – na sua maioria mais significativas entre dimensões de um mesmo factor, mas com associações significativas entre dimensões de diferentes factores; bem como os dados relativos à exploração de diferenças associadas às variáveis independentes, mais concretamente no que diz respeito ao género – onde apenas se encontraram diferenças significativas ao nível da Percepção da Competição, e à posição na fratria – onde se encontraram diferenças significativas em variadas dimensões. Ainda no que se refere à relação fraterna, foram descritos os dados referentes à análise de clusters efectuada, na qual foram definidos dois clusters um dos quais com forte percepção de ser cuidado e dominado e outro com forte percepção de cuidar e domínio.

De seguida, foram apresentados os dados relativos à exploração da Congruência entre as percepções de cada par de irmãos, quer em termos dos factores, quer das sub-escalas, salientando-se o facto de, na totalidade das dimensões, o número de pares convergentes ser o mais elevado.

Foram descritos em seguida, os resultados referentes à Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social, mais especificamente no que respeita às medidas descritivas obtidas, à análise de correlação efectuada e ainda no que se refere à exploração de diferenças associadas às variáveis independentes, nomeadamente o género e a posição na fratria, nas quais não foram encontradas diferenças significativas

Posteriormente, foram apresentados os dados referentes à exploração de associações entre as dimensões da relação entre irmãos e a Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social. Quando se consideram os factores e os resultados obtidos na EAPCASC verifica-se uma correlação significativa elevada entre o Calor/Proximidade e a Auto-Percepção de Aceitação Social, sendo encontradas outras correlações significativas quando se consideram as dimensões da relação fraterna.

Em último lugar, foram descritos os resultados obtidos na exploração de associações entre a Congruência das Percepções da Relação entre Irmãos e a Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social, sendo que se encontram diferenças significativas nos resultados da APCP, da APAS e da APCAS, quando se consideram as congruências das Percepções nas dimensões Afecto, Semelhanças, Ser admirado, Ser Cuidado e no Calor/Proximidade, dimensões de valoração positiva. Os resultados médios mais elevados ocorrem sempre nos pares de irmãos com percepções convergentes.

Todos os resultados serão retomados e discutidos no capítulo seguinte no qual serão enunciadas as conclusões deste estudo.

Discussão dos Resultados e Conclusões

1. Introdução

No presente capítulo será efectuada a discussão dos resultados obtidos através das análises estatísticas conduzidas e anteriormente apresentadas, na sequência da qual se reflecte acerca das limitações deste estudo e se tecem implicações a ter em conta em futuras investigações nesta temática.

2. Instrumentos

No que diz respeito ao instrumento de avaliação da relação fraterna parece-nos possível poder concluir que o Questionário de Relações entre Irmãos de Furman & Buhrmester (1990) na sua adaptação e administração a uma amostra de pares de irmãos portugueses (Albuquerque e Ducharme, 2004) revelou, tendo em conta os resultados encontrados, ser uma escala com uma boa consistência interna; quando se considera a escala completa o valor de alpha para todos os itens é igual ou superior a .87, sendo que são considerados aceitáveis resultados iguais ou superiores a .70 (Almeida e Freire, 2000). A análise estatística efectuada permite-nos ainda concluir que o questionário, no que diz respeito à sensibilidade dos itens, revelou uma boa discriminação. O item que foi acrescentado apresentou igualmente bons resultados, comparativamente aos resultados apresentados pelos outros itens da escala.

Poderemos acrescentar que, tratando-se de um estudo exploratório, os resultados encontrados são bastante promissores, revelando a pertinência de se proceder a um estudo de maior amplitude com este instrumento.

Dada por um lado a relevância das experiências vividas na relação com um irmão, no contexto das vivências significativas em família e, por outro, a lacuna existente ao nível de instrumentos com objectivo de apreender esta realidade, estes resultados apresentam-se como particularmente heurísticos. De facto a abordagem da natureza da relação entre irmãos, apresenta-se como uma démarche essencial para a compreensão do impacto do ambiente familiar no desenvolvimento humano.

Relativamente à EAPCASC os resultados obtidos foram igualmente considerados satisfatórios quer ao nível da sensibilidade dos itens, quer em termos da análise da consistência interna.

Quando se comparam os resultados obtidos neste estudo, com os resultados de Ducharme (2000,2004) efectuado com primogénitos e com uma população diversificada em termos do nível sócio-cultural, encontram-se resultados bastante semelhantes ao nível do item que apresenta menor média, em ambos os casos o item referente a dormir em casa dos amigos. No que se refere ao item com valor médio mais elevado no estudo de Ducharme os primogénitos obtiveram resultados médios mais elevados no item conhecer as cores ($M=3.87$, $DP=.50$), enquanto que os segundos filhos do presente estudo apresentaram valores médios mais elevados no item referente ao conhecimento da inicial do seu nome ($M=3.95$, $DP=.22$), sendo de referir que o item relativo às cores é igualmente um dos que apresenta médias mais elevadas. O mesmo acontece com o item referente à inicial do nome no estudo de Ducharme.

Em termos da fidelidade os resultados foram do mesmo modo próximos dos encontrados por Ducharme (2000, 2004), sendo que o valor de alpha de Cronbach obtido para o total da escala é coincidente e que, à excepção da sub escala relativa à Competência Ensinada, a variação desse valor é de 1 a 3 pontos.

Em suma, no que diz respeito aos instrumentos os resultados obtidos não só validam a escolha feita como abrem novas perspectivas de investigação.

3. Relação Fraterna

Os resultados obtidos evidenciam que a amostra se caracteriza por resultados elevados ao nível do factor Calor/Proximidade ($M=3.70$, $DP= 1.11$) e do factor Rivalidade ($M=3.46$, $DP=1.12$).

Quando se consideram as dimensões, verifica-se que a amostra apresenta valores médios elevados em termos de Companheirismo ($M=4.13$, $DP=.82$), Afecto ($M=4.11$, $DP=.82$), Admirar o Irmão ($M=3.80$, $DP=.93$), Comportamento Pró-Social ($M=3.77$,

DP=.84) e Ser admirado pelo Irmão ($M=3.66$, $DP=1.02$), ou seja, os aspectos que apresentam, em média, valores mais elevados dizem respeito a características positivas da relação, que se incluem no factor Calor/Proximidade.

No que diz respeito às correlações entre factores, a única correlação significativa é a correlação negativa entre o Calor/Proximidade da Relação e a Rivalidade ($r=-.33$); poderemos assim afirmar que quanto mais se percepção uma relação calorosa e próxima menos será sentida a rivalidade, ou, dado que não se pode concluir a direcionalidade, que quando os irmãos percebem uma baixa rivalidade isso poderá contribuir para que a relação seja percebida como mais próxima e calorosa.

Quando consideradas as dimensões da relação, obtêm-se de modo geral resultados bastantes satisfatórios encontrando-se associações significativas na maioria dos casos. As correlações obtidas referem-se não só a dimensões que pertencem a um mesmo factor, mas também a dimensões pertencentes a diferentes factores, embora as correlações entre dimensões do mesmo factor sejam particularmente significativas.

Na generalidade as correlações significativas mais elevadas dizem respeito a dimensões do factor Calor/ Proximidade que se relacionam entre si como é o caso da correlação entre Afecto e Companheirismo ($r=.73$), Admirar o Irmão e Ser admirado pelo Irmão ($r=.73$), Comportamento Pró-Social e Afecto ($r=.65$), Afecto e Admirar o Irmão ($r=.63$), Companheirismo e Admirar o Irmão ($r=.60$), Comportamento Pró-Social e Companheirismo ($r=.58$), Comportamento Pró-Social e Admirar o Irmão ($r=.58$), Afecto e Ser admirado pelo Irmão ($r=.58$). A única excepção diz respeito à correlação entre Antagonismo e Discussão ($r=.66$).

Outras dimensões correlacionadas entre si e ambas pertencentes ao Factor Calor/Proximidade são Companheirismo e Ser admirado pelo Irmão ($r=.44$), Intimidade e Ser admirado pelo Irmão ($r=.41$), Comportamento Pró-Social e Ser admirado pelo Irmão ($r=.40$), Intimidade e Admirar o Irmão ($r=.38$), Comportamento Pró-Social e Intimidade ($r=.36$), Afecto e Intimidade ($r=.35$), Semelhanças e Ser admirado pelo Irmão ($r=.34$), Semelhanças e Admirar o Irmão ($r=.33$).

No que diz respeito ao factor Estatuto relativo/Poder as suas quatro dimensões apresentam igualmente correlações significativas entre si: Cuidados Recebidos do Irmão e Ser dominado pelo Irmão ($r=.55$), Cuidados que presta ao Irmão e Dominar o

Irmão ($r=.42$), Dominar o Irmão e Ser dominado pelo Irmão ($r=.42$), Cuidados Recebidos do Irmão e Dominar o Irmão ($r=.39$).

Relativamente ao factor Conflito a única correlação significativa entre dimensões do mesmo factor é a correlação já referida entre Antagonismo e Discussão ($r=.66$), enquanto que as dimensões que constituem o factor Rivalidade não apresentam correlações significativas.

Estes dados levam-nos a concluir que, na generalidade, os aspectos que contribuem para que uma relação seja percebida como calorosa e próxima se correlacionam entre si. De modo geral, o afecto, o companheirismo, a intimidade, o comportamento pró-social, a admiração e a percepção de semelhança estão interligadas entre si de modo positivo, contribuindo para a valorização da relação como próxima e calorosa, isto é, como uma relação significativa e positiva.

Da mesma forma, as dimensões que conferem uma percepção de estatuto e de poder na relação encontram-se associadas. É interessante salientar que não só as percepções referentes ao domínio – dominar e ser dominado – e as percepções relativas aos cuidados – cuidar e ser cuidado – se encontram correlacionadas em ambas as formas como também se associam entre si, isto é os cuidados relacionam-se com a percepção de domínio, contribuindo para definir o estatuto na relação.

A relação entre antagonismo e discussão parece-nos ser uma associação clara na medida em que uma fará modificar a outra, isto é quando uma relação é marcada por antagonismo é natural que ocorra um elevado número de discussões e zangas, ou, em sentido inverso, quando ocorre um elevado número de discussões e zangas o antagonismo será também evidente.

No que se refere às associações encontradas entre dimensões pertencentes a diferentes factores, surgem na sua maioria entre uma das dimensões do factor Calor/Proximidade e uma dimensão do factor estatuto relativo/Poder: Afecto e Cuidados que presta ao Irmão ($r=.53$), Comportamento Pró-Social e Cuidados que presta ao Irmão ($r=.49$), Companheirismo e Cuidados Recebidos do Irmão ($r=.49$), Admirar o Irmão e Cuidados que presta ao Irmão ($r=.49$), Semelhanças e Cuidados que presta ao Irmão ($r=.42$), Afecto e Cuidados Recebidos do Irmão ($r=.41$), Ser admirado pelo Irmão e Cuidados que presta ao Irmão ($r=.40$), Ser admirado pelo Irmão e Cuidados Recebidos do Irmão ($r=.39$), Comportamento Pró-Social e Ser dominado

pelo Irmão ($r=.38$), e Intimidade e Dominar o Irmão ($r=.37$), Companheirismo e Ser dominado pelo Irmão ($r=.34$), Semelhanças e Cuidados Recebidos do Irmão ($r=.34$), Afecto e Ser dominado pelo Irmão ($r=.32$), Comportamento Pró-social e o Dominar o Irmão ($r=.30$).

Estes dados parecem indicar uma associação evidente entre a percepção de calor e proximidade da relação e o estatuto e poder que cada elemento da relação percepçiona no que se refere ao domínio e à percepção de cuidados. De salientar que as correlações mais elevadas se encontram entre aspectos positivos da relação e os cuidados. Parece também ser possível afirmar que se tratando de uma relação com alguma hierarquia e assimetria que a proximidade e o estatuto se encontram interligados, na medida em que a diferença no estatuto poderá levar a uma valorização da relação com o outro, o que parece concordar com os dados de Light (1979 cit. in Dunn, 1983) que considera o papel que a proximidade entre irmãos desempenha ao nível da sensibilidade social e da gestão de papéis, e de Stewart (1983) que salienta o papel da proximidade nas respostas de suporte e cuidados a situações de desconforto no irmão, na capacidade de colocar-se na perspectiva do outro e na capacidade de ensinar o irmão.

Ocorrem igualmente associações significativas entre uma dimensão do factor Calor/Proximidade e uma dimensão do factor Conflito: Semelhanças e Discussão ($r=.50$), Semelhanças e Antagonismo ($r=.45$). O que aparentemente poderia parecer contraditório torna-se compreensível quando se constata que a dimensão do factor calor proximidade é a referente à percepção de Semelhanças. Aparentemente, a percepção de semelhanças entre irmãos poderá conduzir a uma maior percepção de antagonismo e de discussão.

Quer a competição, quer o Antagonismo apresentam correlações com as dimensões do Estatuto relativo/Poder: Competição e Ser dominado pelo Irmão e ($r=.42$), Competição e Cuidados Recebidos do Irmão ($r=.41$), Competição e Dominar o Irmão ($r=.36$) e Antagonismo e Ser dominado pelo Irmão ($r=.31$). As correlações entre competição e domínio não levantam dúvidas, fazendo sentido que a percepção de domínio e a competição estejam interligadas, tal como a associação entre a percepção de antagonismo e a percepção de ser dominado.

Quanto à associação entre a competição e os cuidados recebidos, parece-nos importante retomar a hipótese avançada por Dunn (1983), quando analisa as

diferenças de género no que se refere ao ensino – de notar que a dimensão dos cuidados não se refere apenas a cuidar, mas igualmente a mostrar como se faz, o que corresponde a ensinar. A autora afirma que poderá ocorrer maior estimulação devido a maior rivalidade ou competitividade com um irmão numa situação mais informal, mas em situações formais as crianças poderão aprender melhor com uma irmã que pretende ajudar e a criança que pretende ser ajudada. Outro factor poderá estar relacionado com a idade dos irmãos, que à medida que crescem e entram num mundo social mais vasto assumem uma maior competitividade, embora esta seja apenas uma interpretação possível.

No que diz respeito a associações que apresentam correlações negativas, ou seja, que variam em ordem inversa são na sua maioria associações em que surgem dimensões do factor rivalidade associadas ao factor Calor/Proximidade: Parcialidade Materna e Ser admirado pelo Irmão ($r=-.41$), Parcialidade Paterna e Cuidados que presta ao Irmão ($r=-.36$), Parcialidade Paterna e Afecto ($r=-.31$), à excepção da correlação entre Companheirismo e o Antagonismo ($r=-.31$). De salientar que não se verificam correlações com valor negativo entre diferentes dimensões de um mesmo factor.

Estas associações vão de encontro ao que seria esperado, na medida em que a percepção de parcialidade por parte de um dos pais interferirá na relação, quer no que diz respeito a dimensões relacionadas com o calor e proximidade como é o caso da admiração e do afecto, quer ao nível da prestação de cuidados. Todavia, Stocker e McHale (1992, cit. in Furman & Lanthier, 2002) referem que o afecto entre irmãos apresentou uma correlação positiva com o afecto paterno.

No que diz respeito à associação negativa entre Antagonismo e Companheirismo é uma associação simples na medida em que será natural que uma faça variar a outra de forma inversa.

3.1 Exploração de diferenças de médias associadas às variáveis independentes

3.1.1 Género

Na exploração de diferenças relativas ao género apenas se obtiveram diferenças significativas ao nível das sub-escalas, sendo que os dados revelam uma única

diferença ao nível da Competição, na medida em que os meninos se apresentam mais competitivos do que as meninas ($t(38) = 2.85, p = .007$). Embora no primeiro capítulo tenham sido apresentadas as diferenças que alguns estudos (Dunn & Kendrick, 1982, Oliva e Arranz, 2005) referem ocorrer quando se tem em conta o género dos pares de irmãos, existem estudos em que não são encontradas diferenças quando se consideram os sexos dos irmãos. Uma vez que a nossa amostra é constituída apenas por pares do mesmo género, pensamos que poderia ser importante avaliar as percepções da relação entre pares constituídos por elementos de género diferente de forma a determinar se essa condição originaria outro tipo de resultados, o que nos parece ser provável.

3.1.2 Posição na Fratria

Ao nível da posição na fratria e no que se refere aos factores foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Relativamente aos irmãos mais velhos observou-se valores mais elevados quer ao nível do factor Calor/Proximidade ($t(38) = 2.04$ em que $p = .048$), quer ao nível do factor Estatuto relativo/Poder ($t(38) = 3.41$ em que $p = .002$). Neste sentido, podemos afirmar que, em média, os irmãos mais velhos percebem uma relação mais calorosa e próxima tal como um estatuto e poder superiores quando comparados com os seus irmãos mais novos.

No que diz respeito aos irmãos mais novos estes apenas revelaram valores mais elevados ao nível do factor Rivalidade ($t(38) = -2.63$ em que $p = .012$).

Quanto ao factor Conflito não apresentou diferenças significativas.

Se na interpretação destes dados se considerar o resultado obtido na análise da correlação que aponta para uma correlação negativa significativa entre o Calor Proximidade e a Rivalidade, podemos então afirmar que quer os resultados encontrados na pesquisa de diferenças quer os dados relativos à correlação apontam no mesmo sentido.

Poderemos colocar, de forma muito cautelosa, a hipótese de que os irmãos mais velhos, percebendo um maior estatuto e poder, poderão ter maior disponibilidade

para se envolverem na relação e assim considerá-la como mais calorosa e próxima e consequentemente apresentarem uma menor percepção de rivalidade, uma vez que o seu estatuto e poder estão assegurados e pouco ameaçados.

Por outro lado, os irmãos mais novos, com uma menor percepção em termos de estatuto e poder tenderão, a rivalizar mais e consequentemente a percepcionarem a relação de forma menos calorosa e próxima quando comparados com os seus irmãos.

Quando se consideram as dimensões da relação fraterna são igualmente encontradas diferenças estatisticamente significativas, quer no sentido dos irmãos mais velhos, quer no sentido dos irmãos mais novos.

Relativamente aos irmãos mais velhos estes apresentaram valores superiores nos Cuidados que presta ao Irmão ($t(38) = 3.29$ em que $p=.002$), e no Afecto ($t(38) = 2.55$ com $p=.015$).

Os irmãos mais novos apresentaram valores superiores ao nível da Parcialidade Materna ($t(38) = -3.48$ em $p=.001$) e da Competição ($t(38) = -2.47$ com $p=.018$).

Mais uma vez poderemos pensar estes resultados de um ponto de vista mais global e integrá-los na hipótese já formulada. Assim, os irmãos mais velhos, encontrando-se nas condições anteriormente descritas estariam mais disponíveis para cuidarem do irmão – aliado ao facto de que por serem mais velho também será mais fácil a prestação de cuidados e o ensino (a sub-escala Cuidados que presta ao Irmão refere-se não só a situações de apoio, mas também a mostrar como se faz) – e ainda percepcionarão de forma mais clara o Afecto, aliás estas sub-escalas também apresentam uma correlação significativa em grau elevado ($r=.53$).

Por outro lado, os irmãos mais novos teriam a sua Rivalidade superior justificada não só pela menor percepção de estatuto e de poder, mas igualmente por uma maior percepção de Parcialidade Materna e que possivelmente poderá potenciar uma maior percepção de competição e vice-versa.

4. Análise de Clusters

Na análise de clusters efectuada foram obtidos dois clusters; um primeiro cluster – forte percepção de ser cuidado e dominado - constituído por um maior número de rapazes (12 em 20) e um maior número de segundos filhos (14 em 20) e com notas mais elevadas nos factores Calor/Proximidade, Conflito e Rivalidade e que ao nível do factor Estatuto relativo/Poder apresentava resultados no sentido de uma percepção de ser mais alvo de cuidados e de ser mais dominado.

O segundo cluster – forte percepção de cuidar e dominar -, composto por um maior número de meninas (13 em 20) e um maior número de primogénitos (15 em 20), apresentava resultados mais baixos nos factores Calor/Proximidade, Conflito e Rivalidade e que ao nível do factor Estatuto relativo/Poder os resultados obtidos iam no sentido de uma percepção de prestar mais cuidados e de maior domínio sobre o irmão.

Embora estes dados possam parecer de alguma forma contraditórios com os dados anteriormente obtidos, sobretudo ao nível do factor Calor/Proximidade, verifica-se que o valor das notas para esse factor em ambos os clusters apresenta uma diferença de apenas uma décima, o que é desprezável.

A maior diferença é em termos do Estatuto relativo/Poder (Cluster 1=-.88/ Cluster 2=.75), o que torna compreensível o maior número de elementos de irmãos mais novos.

Em relação ao segundo cluster, composto por uma maior número de meninas e por uma maior número de primogénitos poderá apresentar alguma relação com o facto das meninas percepcionarem uma menor competição, que estará provavelmente associado a uma menor percepção de conflito e de rivalidade e a uma maior percepção de estatuto relativo e de poder o que, por sua vez, se traduz numa maior percepção de prestação de cuidados e ensino – de acordo com a literatura – e de maior domínio sobre o irmão.

Seria interessante reproduzir esta análise com uma amostra de maiores dimensões, em que fosse nomeadamente possível distinguir entre irmão mais velho da díade e primogénito (o que não acontece neste estudo, uma vez que os irmãos mais velhos são os primogénitos da fratria), para verificar a consistência destes dados.

5. Congruência das Percepções dos Irmãos

Após o cálculo da Congruência para cada dimensão da relação fraterna, os diferentes pares de irmãos foram classificados quanto ao grau de congruência. Verificou-se que na totalidade das dimensões a maior concentração de pares se situa no intervalo relativo aos pares convergentes, o que poderá significar que na sua maioria a percepção que cada elemento da fratria tem da sua relação com o irmão é coincidente com a percepção do outro elemento.

Estes dados vão de encontro à literatura, especificamente com os estudos de Abramovitch, Pepler, & Corter (1982) e de Dunn & Kendrick (1982), que observaram um aumento na frequência das acções sociais positivas – cooperação em jogos, demonstrações físicas de afecto, preocupação e tentativas práticas de ajuda e suporte - entre irmãos, presentes quer nos irmãos mais velhos, quer nos irmãos mais novos.

Tal como foi referido no primeiro capítulo, a familiaridade, a proximidade, o calor do afecto e a similaridade do ambiente parecem contribuir para a demonstração da perspectiva afectiva, sobretudo quando considerarmos que aquilo que perturba, entusiasma ou interessa uma criança está muito próximo daquilo que perturba, entusiasma ou interessa a outra. Esta condição torna as crianças muito próximas e coloca cada uma delas em melhor posição para compreender o outro (Dunn, 1983).

Além disso, estes dados apontam no sentido da reciprocidade da relação entre irmãos, reforçando o papel de “outro significativo”, desempenhado pelo irmão, o que poderá ter influência nos resultados desenvolvimentais.

6. Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social

Os valores médios obtidos para os participantes definem um grupo com resultados médios elevados ao nível da Competência Ensinada ($M= 31.45$, $DP= 2.61$) e com resultados médios baixos na Relação com os Pares ($M= 19.45$, $DP= 3.93$).

Em termos das escalas verificaram-se resultados superiores na Escala de Auto-Percepção de Competência Pessoal ($M=58.45$, $DP= 6.01$, o que dá um valor médio por item de 3.44) por comparação com a Escala de Auto-percepção de Aceitação

Social ($M=40.5$, $DP= 7.23$, o que dá um valor médio por item de 2.89). No que se refere à escala global de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social os valores médios do grupo foram igualmente elevados ($M=98.95$, $DP= 11.76$).

Em suma, este grupo de crianças é constituído por elementos com resultados elevados ao nível da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social, sobretudo no que diz respeito à contribuição da Auto-Percepção de Competência Pessoal. Poderemos afirmar que se tratam de crianças com uma boa percepção de competência ao nível das suas aprendizagens e aquisições, mais do que crianças com uma percepção de Aceitação Social forte, sobretudo no que se refere aos pares. A exploração da associação com a relação fraterna poderá então dar indícios de contributos de outros significativos para a percepção de competência que não a dos pares.

Os resultados médios obtidos são na generalidade muito semelhantes aos indicados por Ducharme (2000, 2004), apresentando valores muito próximos aos valores que os primogénitos evidenciaram no referido estudo.

As correlações obtidas por ordem decrescente de significância estatística são a associação entre a Competência Aprendida e a Competência Ensinada ($r=.64$) e a associação entre a Competência Aprendida e a Relação com os Pares ($r=.63$), ambas com significância estatística a nível 0.01.

Estes resultados não levantam dúvidas uma vez que é possível que a percepção de competência que as crianças têm seja semelhante para as actividades relacionadas com ensino e aprendizagem, sendo natural quer a associação entre ambos os tipos de actividades ou a sua integração num só tipo de competências, quer a percepção de competência a ambos os níveis.

Quanto à associação entre a competência aprendida e a relação com os pares também parece óbvia: será natural que uma criança com uma percepção de competência aprendida elevada se sinta mais segura e auto-confiante no seu relacionamento com os pares, até mesmo pelo facto de nestas idades o sentimento de self estar associado às competências associadas às aprendizagens: correr muito, saber jogar à bola, etc. De modo inverso, também poderemos pensar que uma criança que percebe um bom relacionamento com os pares e se sente integrada no seu grupo de colegas/amigos se sinta mais confiante para efectuar aprendizagens, ou dado que se referem a competências naturalmente aprendidas e muitas das vezes de

modo informal nas actividades lúdicas com os colegas, que as crianças com um bom relacionamento com os pares participem num maior número de actividades que permitem o desenvolvimento dessas mesmas competências.

Ainda de acordo com as referências de interpretação de Cohen (1988, cit in Pallant, 2001) poder-se-á citar uma correlação moderada entre a Relação com a mãe e a Competência Ensinada ($r=.38$) e a Relação com a Mãe a Competência Aprendida ($r=.36$).

Estes dados remetem-nos para o modelo teórico do desenvolvimento do self que foi apresentado, o que nos leva a considerar que a valorização de si próprio, através da relação desenvolvida com os outros significativos e neste caso com a mãe, contribui para uma valoração de si próprio ao nível de aspectos específicos com é o caso da percepção de auto-competência, que diz respeito quer à Auto-Percepção de Competência de actividades naturalmente aprendidas, quer de actividades ensinadas.

Curiosamente, estes dados diferenciam-se dos resultados obtidos por Ducharme essencialmente na significância das correlações associadas com a sub escala Relação com os Pares. Pensamos que esta discrepância poderá dever-se à possibilidade dos primogénitos terem uma relação mais próxima com a mãe, e portanto mais significativa e que no caso dos segundos filhos as relações que estes estabelecem quer com a mãe, quer com os outros significativos – neste caso com os pares – possam apresentar alguma variação quer no estilo quer no modo de relação, o que poderá eventualmente ser até reforçado pelo facto de já existir um irmão. É importante referir que neste momento apenas se poderão colocar questões associadas com a complexidade e a multiplicidade de relações que um segundo filho estabelece e que poderão ser aprofundadas em futuras pesquisas.

No que diz respeito à pesquisa de diferenças médias de auto-percepção de competência e aceitação social associadas às variáveis independentes, nomeadamente ao género e ao intervalo entre nascimentos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Esta ausência de diferenças estatisticamente significativas poderá estar associada, no que diz respeito ao género à pouca diferenciação existente entre os sexos nesta idade. Já no que diz respeito ao intervalo de idades, poderemos pensar que o que está em causa é a existência ou não de um irmão mais velho, independentemente do

espaço de idades ser próximo ou não (de notar que o intervalo de idades máximo se situava nos 72 meses, não podendo essa afirmação obviamente ser generalizada para intervalos muito superiores).

7. Associação entre as Dimensões da relação entre Irmãos e Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social

A única correlação significativa elevada foi obtida entre o Factor Calor/Proximidade e a Auto-Percepção de Aceitação Social ($r=.54$).

Foram ainda encontradas outras duas correlações significativas, mas apenas em grau moderado: a correlação entre Conflito e Auto-Percepção de Competência Pessoal ($r=.35$) e a correlação entre o Calor/Proximidade e a Auto-percepção de Competência Pessoal ($r=.34$).

Na pesquisa de correlações significativas entre as Escalas de Auto-Percepção de Competência Pessoal e de Auto-Percepção de Aceitação Social e as dimensões Relação entre Irmãos obtiveram-se correlações significativas.

Foram então encontradas correlações estatisticamente significativas entre a Auto Percepção de Competência Pessoal e os Cuidados que presta ao Irmão ($r=.65$) (com significância a nível 0.01), o Dominar o Irmão ($r=.46$), as Semelhanças ($r=.45$) e a Intimidade ($r=.44$), estas últimas com significância a nível 0.05.

Relativamente a estes dados podemos concluir que existe uma associação entre a auto-percepção de competência pessoal e a forma como a relação fraterna é percebida ao nível do estatuto e em termos de calor e proximidade. No fundo, é possível que quando uma criança percebe proximidade com o irmão (em termos de Semelhanças e Intimidade) e sente que assume uma posição significativa na relação (percebendo que cuida e tem domínio) isso possa contribuir para um sentimento de competência.

No que diz respeito à Auto Percepção de Aceitação Social, foram encontradas correlações significativas com Admirar o Irmão ($r=.54$), Cuidados que presta ao Irmão ($r=.51$) e Ser admirado ($r=.49$), todas com significância a nível 0.05.

Estes resultados levam-nos a concluir a existência de uma associação entre a forma como as crianças percebem a sua relação fraterna em termos do calor e da proximidade, e a forma como percebem a aceitação social por parte dos outros, quer se trate da mãe, quer dos pares ou a possibilidade de ambas serem determinadas por uma terceira.

Estes dados estão de acordo com estudos que sugerem a importância da aceitação de sentimentos por parte da mãe no desenvolvimento do comportamento pró social nos filhos (Bryant & Crockenberg, 1980) e que constataram que a percepção materna do calor da relação de crianças em idade escolar está correlacionado positivamente com os índices de calor das relações mãe-filho (Furman e Giberson, 2002, cit. in Furman & Lanthier, 2002).

8. Efeito da Congruência da Percepção da Relação Fraterna na Auto-Percepção do Irmão mais novo

Com o objectivo de explorar a existência de diferenças de médias obtidas pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções da Relação Fraterna associadas aos resultados obtidos na EAPCASC foi efectuada uma ANOVA para todas as dimensões da relação fraterna.

No que diz respeito às médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Competência Pessoal pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser Cuidado foram encontradas diferenças significativas $F(15,1) = 5.68$ com $p=0.031$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=59.00$, $DP=5.37$) é superior à média do grupo discrepante ($M=52.00$, $DP=4.08$).

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Afecto foram encontradas diferenças significativas $F(11,1) = 5.97$ com $p=0.033$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=43.20$, $DP=4.04$) é superior à média do grupo discrepante ($M=32.67$, $DP=5.95$).

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser Admirado foram encontradas diferenças significativas $F(14,1) = 3.71$ com $p=0.035$, sendo que a

média obtida pelo grupo congruente ($M=43.09$, $DP= 6.12$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 34.80$, $DP= 7.56$).

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser cuidado foram encontradas diferenças significativas $F(15,1) = 5.76$ com $p=0.030$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=42.08$, $DP= 5.76$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 33.00$, $DP= 3.38$).

Finalmente, encontraram-se diferenças significativas nas médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções da Calor/Proximidade em que $F(15,1) = 4.66$ com $p=0.047$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=42.69$, $DP= 6.15$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 29.00$, $DP= 0$).

Ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Semelhanças foram encontradas diferenças significativas $F(13,1) = 4.78$ com $p=0.048$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=99.50$, $DP= 9.94$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 77.00$, $DP= 0$).

Foram ainda encontradas diferenças significativas ao nível das médias obtidas nos resultados de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social pelos grupos definidos em função da Congruência das Percepções de Ser Cuidado em que $F(15,1) = 8.00$ com $p=0.013$, sendo que a média obtida pelo grupo congruente ($M=101.08$, $DP= 11.06$) é superior à média do grupo discrepante ($M= 85.00$, $DP= 2.16$).

Em suma, após a pesquisa de diferenças significativas nas médias obtidas pelos grupos definidos em relação às dimensões da relação fraterna nos resultados obtidos na EAPCASC, foram encontradas diferenças nos resultados da Auto-Percepção de Competência Pessoal nos grupos definidos em função da Congruência de Ser Cuidado, nos resultados da Auto-Percepção de Aceitação Social nos grupos definidos em função da Congruência do Afecto, da Congruência de Ser Admirado, da Congruência de Ser Cuidado e da Congruência da Calor/Proximidade e nos resultados da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social nos grupos definidos em função da Congruência de Semelhanças e da Congruência de Ser Cuidado. Em todos os casos o grupo de pares de irmãos congruentes apresenta médias superiores.

Parece então possível levantar a hipótese de que quando a percepção de Ser Cuidado é uma percepção convergente, ou seja quando a percepção que um irmão mais novo tem de ser cuidado é acompanhada da percepção que um irmão mais velho tem de cuidar, esse facto contribui para um resultado elevado em termos das várias medidas de avaliação do self. Mais uma vez parece-nos relevante o facto da dimensão Ser Cuidado comportar não só a prestação de cuidados, apoio e suporte, mas também o mostrar como se faz e o ensinar, o que poderá contribuir para um melhor desempenho ou uma melhor percepção de competência e de aceitação.

Da mesma forma os pares congruentes em termos das percepções Calor e Proximidade da relação, de Afecto e Ser admirado apresentam resultados superiores na Auto-Percepção de Aceitação Social. Se hipoteticamente considerarmos que o facto das percepções serem convergentes indicarem consistência e coerência dessas mesmas percepções (independentemente de se verificarem na realidade ou não, uma vez que a percepção que cada um tem poderá ser mesmo mais importante do que a realidade em si), parece então ser possível afirmar que quando existe a noção de uma relação calorosa, próxima, afectuosa e em que o elemento mais novo se sente igualmente admirado pelo seu irmão mais velho (tendo a percepção por exemplo que o seu irmão mais velho se orgulha dele) então em termos de Aceitação Social existirá uma percepção favorável elevada.

Em termos globais, quando se considera a Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social verifica-se que as crianças que apresentam resultados mais elevados neste parâmetro são aquelas que como já foi dito, têm uma percepção de Ser Cuidado convergente com a Percepção que os irmãos têm de Cuidar e ainda as crianças cuja percepção de Semelhanças com o irmão é igualmente convergente.

Este é um dado curioso, sobretudo se se recordar o facto de existir uma correlação elevada entre as Semelhanças e o Antagonismo e a Discussão e uma correlação elevada entre o Factor Conflito e a Auto-Percepção de Competência Pessoal.

9. Limitações e Questões para Futuros Estudos

Importa pois identificar algumas das limitações deste estudo. A primeira limitação a considerar é o reduzido tamanho da amostra. Pensamos que seria importante, dado

que se obtiveram resultados satisfatórios na utilização dos instrumentos, considerar a passagem do questionário a um número muito superior de irmãos o que poderia conduzir a uma definição de uma tipologia de relações entre irmãos. A definição de uma tipologia poderia então servir de base a estudos mais complexos em que se pudessem considerar outras variáveis significativas no estudo das relações humanas.

Outros aspectos importantes dizem respeito às variáveis género e intervalo entre nascimentos. Pensamos que as conclusões poderão ganhar outra riqueza se se considerarem pares de irmãos de sexo diferente e com outro intervalo de idades.

De facto, dada a pluralidade das dimensões avaliadas pensamos ser possível que numa amostra de maiores dimensões, constituída não apenas por pares de irmãos do mesmo sexo, mas igualmente por pares de irmãos com sexo diferente, quer com o primogénito do sexo masculino, quer do sexo feminino, os resultados possam permitir obter dados mais completos e de maior complexidade, pelo que seria um aspecto interessante a considerar em futuros estudos.

Possivelmente, o intervalo de idades entre irmãos também poderá produzir efeitos sobretudo se se compararem irmãos de idades muito próximas ou, pelo contrário com um grande intervalo de idades, e se se cruzar este variável com o efeito da variável género. Do mesmo modo, este estudo centrou-se em díades de irmãos formadas pelo primogénito e pelo segundo filho, mas seria igualmente interessante poder explorar a relação entre dois irmãos que ocupam outros lugares na fratria.

Parece-nos igualmente fundamental considerar o número de irmãos da fratria, sendo possível a existência de variações na percepção da relação.

O mesmo se pode afirmar relativamente à constituição familiar sobretudo se se explorarem não só outras formas de família cada vez mais comuns (Deater-Deckard, Dunn & Lussier, 2002), mas também se se procurarem associações entre as relações entre os irmãos e os restantes elementos da família, determinando como se relacionam os membros de uma família entre si e o impacto que essa relações têm na forma como cada um estrutura o seu sentimento de valoração pessoal e de self e como são determinantes em termos adaptativos.

É necessário porém referir que o presente estudo constituiu apenas uma primeira abordagem ao tema e seria demasiado ambicioso num projecto deste tipo tentar abranger a multiplicidade de variáveis que coexistem em contexto real.

Uma vez identificadas as limitações que este estudo encerra passaremos à apresentação dos seus contributos para a compreensão da relação fraterna e do seu impacto para a construção do self infantil.

10. Conclusões

10.1 Relação Fraterna

Podemos então concluir que os pares de irmãos que participaram neste estudo são em termos gerais pares cujas percepções em relação às variadas dimensões da relação fraterna são semelhantes e próximas, isto é são congruentes, e na generalidade apresentam valores elevados nas características positivas da relação as quais se encontram integradas num factor mais amplo de calor e proximidade. Verifica-se que este sentimento de calor e proximidade se encontra associado a uma definição clara do estatuto que cada um assume na relação quer em termos de domínio e poder, quer em termos de se sentir cuidado e investido.

De realçar ainda que foi encontrada uma correlação negativa estatisticamente significativa entre o Calor/Proximidade da relação e a Rivalidade o que reforça os resultados deste grupo de pares com relações calorosas e próximas e com baixa rivalidade.

Em termos das características da dimensão fraterna entre si, podemos concluir pela forte associação entre aquelas que dizem respeito a um factor específico. Ocorrem ainda associações significativas entre dimensões de factores diferentes salientando-se a existente entre Calor/Proximidade e Estatuto relativo/Poder o que poderá fundamentar a ideia de que tratando-se de uma relação com alguma hierarquia e assimetria, a proximidade e o estatuto se encontram interligados, na medida em que a diferença no estatuto poderá levar a uma valorização da relação com o outro.

No que diz respeito ao género, verificou-se que a única diferença significativa entre pares de irmãos e pares de irmãs foi verificada ao nível da competição, sendo que os

meninos são mais competitivos entre si do que as meninas, ou, mais precisamente, que os meninos têm uma percepção de competição com os seus irmãos mais elevada do que percepção que as meninas têm da competição com as suas irmãs.

Já no que tem a ver com a posição na fratria foram encontradas várias diferenças significativas entre primogénitos e segundos filhos: no que diz respeito aos primogénitos estes revelaram valores mais elevados ao nível do calor/proximidade da relação, do estatuto relativo/poder e mais concretamente ao nível do afecto e dos cuidados prestados aos irmãos. Quanto ao grupo dos irmãos mais novos, estes apresentaram resultados mais elevados no factor rivalidade, mais concretamente ao nível da parcialidade materna e ainda da competição. Torna-se então possível afirmar que ocorre uma diferenciação no estatuto de cada irmão em função da posição que ocupa e que conduz a uma valorização da relação ou do irmão mais novo por parte do irmão mais velho, a qual se reflecte na disponibilidade para cuidar, ensinar, investir na relação e que por sua vez, no caso dos mais novos intensifica a percepção de rivalidade e competição sobretudo a nível da atenção materna.

Quando se procura verificar se os irmãos em estudo poderão agrupar-se de forma específica, constata-se, através da análise de clusters, que definem dois grupos específicos: um grupo constituído por irmãos com uma forte percepção de ser cuidado e de ser dominado, na sua maioria do sexo masculino e mais novos e com notas ligeiramente superiores no Calor/Proximidade, Conflito e Rivalidade e um outro grupo constituído por irmãos com uma forte percepção de prestar cuidados e de domínio, na sua maioria primogénitos e do sexo feminino.

10.2 Medidas do Self : Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social

No que se refere aos resultados do self os participantes apresentam valores superiores na Escala de Auto-Percepção de Competência Pessoal por comparação com a Escala de Auto-percepção de Aceitação Social. No que se refere à escala global de Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social os valores médios do grupo foram igualmente elevados. Trata-se assim de um grupo com resultados elevados ao nível da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social, sobretudo no que diz respeito à contribuição da Auto-Percepção de Competência Pessoal, sendo crianças com uma boa percepção de competência ao nível das suas aprendizagens e aquisições, mais do que crianças com uma percepção de Aceitação Social forte

(sobretudo no que diz respeito aos pares). Não se verificaram diferenças significativas quando se pesquisaram as variáveis género e intervalo entre nascimentos. Quando se comparam estes resultados com os obtidos por Ducharme (2000) com primogénitos verifica-se que os valores médios apresentados por ambos os grupos são muito próximos, o que poderá indiciar a inexistência de diferenças em função ocupada na fratria. Todavia, é importante lembrar que se tratam de valores médios e que o estudo de Ducharme (2000, 2004) possuía uma amostra muito diversificada.

10.3 Associação entre a Relação Fraterna e o Desenvolvimento do Self dos irmãos mais novos

Ao pesquisar a existência de associações entre os factores da relação fraterna e as medidas do self verificou-se que ocorre uma correlação significativa elevada entre o Factor Calor/Proximidade e a Auto-Percepção de Aceitação Social, sendo ainda encontradas outras duas correlações significativas, mas apenas em grau moderado: entre Conflito e Auto-Percepção de Competência Pessoal e entre Calor/Proximidade e Auto-percepção de Competência Pessoal.

Quando se pormenoriza a nível das dimensões da relação fraterna, obtêm-se correlações significativas entre a Auto Percepção de Competência Pessoal e os Cuidados que presta ao Irmão, o Dominar o Irmão, as Semelhanças e a Intimidade. No que diz respeito à Auto Percepção de Aceitação Social, foram encontradas correlações significativas com Admirar o Irmão, Cuidados que presta ao Irmão e Ser admirado.

Estes resultados levam-nos a concluir a existência de uma associação entre a forma como as crianças percebem a sua relação fraterna em termos do calor e da proximidade e a forma como percebem a competência pessoal e a aceitação social por parte dos outros.

Existem ainda evidências de que ocorrem associações entre a congruência das percepções entre pares de irmãos sobre a sua relação fraterna e as medidas de desenvolvimento do self do irmão mais novo. Como foi referido anteriormente, os pares de irmãos que participaram no estudo revelaram-se na sua maioria congruentes, em todas as dimensões consideradas. Quando se comparam os pares congruentes com aqueles que são discrepantes, ou seja, cujas percepções são divergentes

verificam-se diferenças significativas em algumas medidas do self, nomeadamente nos resultados da Auto-Percepção de Competência Pessoal nos grupos definidos em função da Congruência de Ser Cuidado, nos resultados da Auto-Percepção de Aceitação Social nos grupos definidos em função da Congruência do Afecto, da Congruência de Ser Admirado, da Congruência de Ser Cuidado e da Congruência da Calor/Proximidade e nos resultados da Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social nos grupos definidos em função da Congruência de Semelhanças e da Congruência de Ser Cuidado. Em todos os casos o grupo de pares de irmãos convergentes apresenta médias superiores.

Estes dados apontam para a possibilidade de que quando a percepção de Ser Cuidado é uma percepção convergente, ou seja quando a percepção que um irmão mais novo tem de ser cuidado é equivalente à percepção que um irmão mais velho tem de cuidar os irmãos mais novos apresentam igualmente resultados elevados em termos das várias medidas de avaliação do self. De salientar o facto da dimensão Ser Cuidado comportar não só a prestação de cuidados, mas também o apoio e suporte e o mostrar como se faz e o ensino, o que poderá contribuir para um melhor desempenho ou uma melhor percepção de competência e de aceitação.

De igual modo, os pares convergentes em termos da percepção de Calor e Proximidade da relação, de Afecto e Ser admirado apresentam resultados superiores na Auto-Percepção de Aceitação Social. Considerando que a convergência poderá indicar coerência entre os irmãos (realçando de novo que o importante será fundamentalmente a percepção que cada um tem e não necessariamente a realidade per si), poder-se-á colocar a hipótese de que quando existe a noção de uma relação calorosa, próxima, afectuosa e em que o elemento mais novo se sente igualmente admirado pelo seu irmão mais velho (tendo a percepção por exemplo que o seu irmão mais velho se orgulha dele) então em termos de Aceitação Social existirá uma percepção favorável elevada, o que reforça a ideia de que os outros significativos se estendem para além da mãe e dos pares, tidos em conta quando se avalia a aceitação social percebida.

Por último, quando se considera a Auto-Percepção de Competência e Aceitação Social verifica-se que as crianças que apresentam resultados mais elevados neste parâmetro, são aquelas cuja percepção de Ser Cuidado é convergente com a Percepção que os irmãos têm de Cuidar, tal como uma percepção de semelhanças convergente.

Em síntese, o estudo das relações fraternas constitui um dado importante para a compreensão quer das relações familiares, quer do desenvolvimento pessoal de cada um considerando que esta relação poderá ser uma das relações mais significativas estabelecidas ao longo do ciclo de vida de cada indivíduo.

Parece-nos desde já ser um ganho a adaptação do Questionário das Relações entre Irmãos à população portuguesa, uma vez que este demonstrou um bom desempenho em termos das suas características psicométricas e poderá vir a ser utilizado noutras faixas etárias e noutros estudos em complemento de outras medidas.

Mesmo tendo em conta a pequena dimensão da amostra é notório que a relação fraterna possui um valor próprio e significativo e tem impacto ao nível do desenvolvimento. Este dado é verdadeiro para o elemento mais novo da fratria, mas muito provavelmente também o será para o próprio primogénito.

Finalmente, tratando-se o presente estudo de um estudo exploratório, pensamos que poderá ser um ponto de partida para novas e importantes pesquisas salientando-se o facto da abordagem da relação enquanto tal, isto é, considerando ambas as partes implicadas e a forma como estas pensam, sentem e interagem no "in-between" próprio de cada relação que lhe confere um carácter único, significativo e especial

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovitch, R., Pepler, D. & Corter, C. (1982) Patterns of sibling interaction among preschool-age children. In M. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.) *Sibling Relationships Across the Lifespan* (61-86). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

*Ainsworth, M. D. S. (1967). *Infancy in Uganda: infant care and the growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Albuquerque, A. & Ducharme, M. A. (2004). *Questionário de Relações entre Irmãos – formato entrevista, adaptação portuguesa*. Poster e comunicação apresentados na X Conferência Internacional sobre “Avaliação Psicológica: Formas e Contextos”, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Almeida, L. & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilíbrios.

Bank, S. & Kahn, M. (1982). Intense Sibling Loyalties. In M. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.) *Sibling Relationships Across the Lifespan*. (251-266). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Barbosa-Ducharme, M. (2005). *Are preschool children self-perceptions of competence really inaccurate?* Poster apresentado na XIIth European Conference on Developmental Psychology, La Laguna, Santa Cruz de Tenerife, Espanha, (Agosto).

Belsky, J., Gilstrap, B. & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project I: stability and change in mother-infant and father-infant in a family setting at one, three and nine months. *Child Development*, 55, 692-705.

Brody, G. H., Stoneman, Z. & Burke, M. (1987). Child temperaments, maternal differential behavior, and sibling relationships. *Developmental Psychology*, 23, 3, 354-362.

Brody, G. H., Stoneman, Z. & Gauger, K. (1996). Parent-child relationships, family problem-solving behavior, and sibling relationship quality: the moderating role of sibling temperaments *Child Development*, 67, 1289-1300.

- Bryan, E. (1992). *Gêmeos, Trigêmeos e Mais*. Coimbra: Quarteto.
- Bryant, B. (1982). Sibling relationships in middle childhood. In M. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.) *Sibling Relationships Across the Lifespan*.(87-122). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bryant, B. K. & Crockenberg, S. B. (1980). Correlates and dimensions of prosocial behavior : a study of female siblings with their mothers. *Child Development*, 51, 529-544.
- Buhrmester, D. (1992). The developmental courses of sibling and peer relationships. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's Sibling Relationships: Developmental and Clinical Issues* (19-40). Hillsdale, NJ: Erlbaum Publishers.
- Buhrmester, D. & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development*, 58, 1101-1113.
- Buhrmester, D. & Furman, W. (1990). Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence. *Child Development*, 61, 1387-1398.
- Bullock, B. M. & Dishion-Thomas, J. (2002). Sibling collusion and problem behavior in early adolescence: toward a process model for family mutuality, *Journal of Abnormal Child Psychology*, 30, 2, 143-153.
- Caffaro, J. V. & Conn-Caffaro, A. (1998). Sibling development across the life span. (17-26). In *Sibling Abuse Trauma*. New York: Haworth Press.
- Case, R (1985). *Intellectual Development: Birth to adulthood*. New York: Academic Press.
- Case, R (1991). Stages in the development of the young child's first sense of self. *Developmental Review*, 11, 210-230.
- Case, R. (1992). *The mind's staircase*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cicirelli, V. (1967). Sibling constellation, creativity, IQ, and academic achievement. *Child Development*, 38, 481-490.

Cicirelli, V. (1972). The effect of sibling relationship on concept learning of young children taught by child-teachers. *Child Development*, 43, 282-287.

Cicirelli, V. (1982). Sibling influence throughout the lifespan. In M. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.) *Sibling Relationships Across the Lifespan*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

*Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

*Cooley, C. H. (1902). *Human nature and social order*. New York: Charles Scribner's Sons.

*Dale, N. (1983). *Early pretend play in the family*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Cambridge (UK).

Deater-Deckard, K., Dunn, J. & Lussier, G. (2002). Sibling relationships and social-emotional adjustment in different family contexts. *Social Development*, 11, 4, 571-590.

Ducharme, M. A. (2000). *Elementos para um modelo teórico do desenvolvimento do self: Os factores preditores da auto-percepção de competência em crianças de cinco anos*. Tese de doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.

Ducharme, M. A. (2004). Avaliação da auto-percepção de competência: adaptação da PSPCSA numa população portuguesa. *Psico-USF*, 9, 2, 137-145.

Dunn, J. (1983). Siblings' relationships in early childhood. *Child Development*, 54, 787-811.

Dunn, J. (1992). Sisters and brothers: current issues in developmental research. In F. Boer & J. Dunn (Eds.), *Children's Sibling Relationships: Developmental and Clinical Issues* (19-40). Hillsdale, NJ: Erlbaum Publishers.

Dunn, J. (2002). Sibling Relationships. In P. K. Smith & C. H. Hart (Ed.s), *Blackwell Handbook of Childhood Social Development* (223-237). Oxford/ Malden: Blackwell Publishers.

Dunn, J., Brown, J., Slomkowski, C., Tesla, C & Youngblade, L. (1991). Young children's understanding of other people's feelings and beliefs: individual differences and their antecedents. *Child Development*, 62, 1352-1366.

Dunn, J. & Kendrick C. (1981a). Interaction between young siblings: association with the interaction between mother and firstborn child. *Developmental Psychology*, 17, 3, 336-343. (a)

Dunn, J. & Kendrick C. (1981b). Social behavior of young siblings in the family context: differences between same-sex and different-sex dyads. *Child Development*, 52, 1265-1273. (b)

Dunn, J. & Kendrick C. (1982). *Siblings: love, envy and understanding*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Dunn, J. F. , Plomin, R. & Nettles, M. (1985). Consistency of mothers' behavior toward infant siblings. *Developmental Psychology*, 21, 6, 1188-1195.

Dunn, J. F., Plomin, R. & Daniels, D. (1986). Consistency and change in mothers' behavior toward young siblings. *Child Development*, 57, 348-356.

Dunn, J & Shatz, M. (1989). Becoming a conversationalist despite (or because of) having an older sibling. *Child Development*, 60, 399-410.

Dunn, J., Slomkowski, C. & Beardsall, L. (1994). Sibling relationships from the preschool period through middle childhood and early adolescence. *Developmental Psychology*, 30, 3, 315-324.

Feinberg, M. E., Neiderhiser, J. M., Simmens, S., Reiss, D. & Hetherington E. M. (2000). Sibling comparison of differential parental treatment in adolescence: gender, self-esteem, and emotionality as mediators of the parenting-adjustment association, *Child Development*, 71, 6, 1611-1628.

Feiring, C. & Taska, L. (1996). Family self-concept: ideas on its meaning. In B. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept developmental, social and clinical considerations*. (317-373). New York: John Wiley & Sons, inc.

Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.

França, R. A. (2000). *A dinâmica da relação na fratria da criança com paralisia cerebral*. Coimbra: Quarteto.

Furman, W. (1995). Parenting Siblings. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting: Vol 1. Children and Parenting* (143-162). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the qualities of sibling relationships. *Child Development*, 56, 448-461.

Furman, W. & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115.

Furman, W. & Lanthier, R. (2002). Parenting Siblings. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting: Vol 1. Children and Parenting* (165-188). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Harter, S. (1996). Historical roots of contemporary issues involving self-concept. In B. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept developmental, social and clinical considerations*. (317-373). New York: John Wiley & Sons, inc.

Harter, S. (1999). *The construction of self: a developmental perspective*. New York, London: The Guilford Press.

Harter, S. (2003). The development of self-representations during childhood and adolescence. In M. R. Leary & J. P. Tangney (Ed.s), *Handbook of Self and Identity* (610-642). New York. The Guilford Press.

Harter, S. & Pike, R. (1983). *Procedural manual to accompany the pictorial scale of perceived competence and social acceptance for young children*. Denver: University of Denver.

Harter, S. & Pike, R. (1984). The pictorial scale of perceived competence and social acceptance for young children. *Child Development*, 55, 1969-1982.

Higgins, E. T. (1987). Self-discrepancy: a theory relating self and affect. *Psychological Review*, 94, 319-340.

Higgins, E. T. (1991). Development of self regulatory and self evaluative processes: costs, benefits and tradeoffs. In M. R. Gunnar & L. A. Sroufe (Eds.), *Self processes and development: the Minnesota Symposia on Child Development*. (vol. 23, pp125-166). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Higgins, E. T., & Bargh, J. A. (1987). Social cognition and social perception. *Annual Review of Psychology*, 38, 369-425.

Howe, N., Aquan-Assee, J., Bukowsky, W. M., Lehoux, P. M., Rinaldi, C. M. (2001) Siblings as confidants: emotional understandings, relationship warmth, and sibling self-disclosure. *Social Development*, 10 (4), 439-454.

Howe, N., Bukowski, W. M. & Aquan-Assee, J. (1997). The dynamics of reciprocal sibling interaction: are context and maternal behavior important?, *Canadian Journal of Behavioural Science*, 29, 2, 92-100.

Howe, N., Petrakos, H. & Rinaldi, C. M. (1998). "All the sheeps are dead. He murdered them": Sibling pretense, negotiation, internal state language, and relationship quality. *Child Development*, 69, 1, 182-191.

Howe, N. & Ross, H. S. (1990). Socialization, perspective-taking, and the sibling relationship. *Developmental Psychology*, 16, 1, 160-165.

Jacobs, B. S. & Moss, H. A. (1976). Birth order and sex of sibling as determinants of mother-infant interaction. *Child Development*, 47, 315-322.

*James, W. (1890). *Principles of Psychology*. Chicago: Encyclopedia Britannica.

*James, W. (1892). *Psychology: the briefer course*. New York: Henry Holt.

Kendrick, C. & Dunn, J. (1980). Caring for a second baby: effects on interaction between mother and firstborn, *Developmental Psychology*, 16, 4, 303-311.

Kiracofe, N. M. & Kiracofe, H. N. (1990). Child-perceived parental favoritism and birth order. *Individual Psychology*, 46,1, 74-81.

Klagsburn, F. (1994). *Frères et soeurs pour le meilleur et pour le pire*. Paris : Bayard Éditions.

Kornreich, J. L., Hearn, K. D., Rodriguez, G. & O' Sullivan, L. F. (2003). Sibling influence, gender roles, and the sexual socialization of urban early adolescent girls, *Journal of Sex Research*, 40, 1, 101-110.

Lamb, M. (1982). Sibling relationships across lifespan: an overview and introduction. In M. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.) *Sibling Relationships Across the Lifespan*.(1-12). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

*Light, P. (1979). *The development of social sensitivity*. Cambridge: Cambridge University Press.

McGuire, S., Manke, B., Eftekhari, A. & Dunn, J. (2000). Children's perceptions of sibling conflict during middle childhood: issues and sibling (dis)similarity. *Social Development*, 9, 2, 173-190.

McHale, S. M. & Gamble, W. C. (1989). Sibling relationships of children with disabled and nondisabled brothers and sisters *Developmental Psychology*, 25,3, 421-429.

McHale, S. M. & Pawletko, T. M. (1992). Differential treatment of siblings in two family contexts. *Child Development*, 63, 68-81.

*Nardine, F. & Zeidler, A. (1986). *Implications of perceived parental treatment of self and siblings by adult children*. Comunicação apresentada na reunião anual da American Educational Association, São Francisco.

*Neale, A. (1986). *Parental favoritism and intergenerational helping*. Comunicação apresentada na reunião científica anual da Gerontological Society, Chicago.

Oliva, A. & Arranz, E. (2005). Sibling relationships during adolescence. *European Journal of Developmental Psychology*, 2, 253-270.

Pallant, J. (2001). *SPSS Survival Manual A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows*. Open University Press. Buckingham. Philadelphia.

Pepler, D. J., Abramovitch, R. & Corter, C. (1981). Sibling interaction in the home: a longitudinal study. *Child Development*, 52, 1344-1347.

Queirós, I. M. F. S. (2005). *Natureza e qualidade da relação avós-netos e seu contributo para a auto-avaliação global dos netos – um estudo exploratório*. Tese de mestrado não publicada. Porto. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Ram, A. & Ross, H. S. (2001). Problem solving, contention, and struggle: how siblings resolve a conflict of interests, *Child Development*, 72, 6, 1710-1722.

Schicke, M. C. (1995). Sibling Relationships. In J. C. Conoley & B. E. Werth (Eds.) *Family Assessment*. (131-154). Buros-Nebraska Series on Measurement and Testing. University of Nebraska.

Smith, M. C. (1995). The association between the quality of sibling relationships and developmental outcomes in preschool-age foster children, *Child Study Journal*, 25, 4, 237-264.

Stewart, R. B. (1983). Sibling attachment relationships: child-infant interactions in the strange situation. *Developmental Psychology* 19,2, 192-199.

Stewart, R. B. (1983a). *The role of the older child as teacher for the younger*. Merrill-Palmer Quarterly.

*Stilwell, R. (1983). *Social relationships in primary school children as seen by children, mothers and teachers*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Cambridge (UK).

Stocker, C., Dunn, J. & Plomin, R. (1989). Sibling relationships: links with child temperament, maternal behavior, and family structure, *Child Development*, 60, 715-727.

Sutton-Smith, B. (1982). Birth order and sibling status effects. In M. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.) *Sibling Relationships Across the Lifespan*.(153-166) Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Van Ijzendoorn, M. H. ,Moran, G., Belsky, J., Pederson, D., Bakermans-Kranenburg, M. J. & Kneppers, K. (2000). The similarity of siblings' attachments to their mother, *Child Development*, 71, 4, 1086-1098.

Volling, B. L. & Belsky, J. (1992). The contributors of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: a longitudinal study. *Child Development*, 63, 1209-1222.

*Whiting, B.B. & Edwards, C. P. (Eds.). (1977). The effects of age, sex and modernity on the behavior of mothers and children. *Report of the Ford Foundation*.

As referências assinaladas com * não foram consultadas directamente.